



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**PIADAS HOMOFÓBICAS VEICULADAS NA MÍDIA *ON-LINE*:  
UMA ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA**

ROBERTO BORGES DE LIMA

BRASÍLIA-DF  
2022

ROBERTO BORGES DE LIMA

**PIADAS HOMOFÓBICAS VEICULADAS NA MÍDIA *ON-LINE*: UMA ANÁLISE  
DISCURSIVA CRÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Linguística na área de concentração Linguagem e Sociedade.

**ORIENTADORA PROF<sup>a</sup>. DRA. FRANCISCA CORDELIA OLIVEIRA DA SILVA**

BRASÍLIA-DF  
2022

ROBERTO BORGES DE LIMA

**PIADAS HOMOFÓBICAS VEICULADAS NA MÍDIA *ON-LINE*: UMA ANÁLISE  
DISCURSIVA CRÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Linguística na área de concentração Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora:

---

Professora Doutora Francisca Cordelia Oliveira da Silva - PPGL/UnB (Orientadora) -  
Presidenta

---

Professora Doutora Janaína de Aquino Ferraz – Membro externo

---

Professor Doutor Rodrigo Albuquerque Pereira – Membro interno

---

Professora Doutora Edna Cristina Muniz da Silva – Membro suplente

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)

Borges de Lima, Roberto

BL732pp Piadas homofóbicas veiculadas na mídia on-line: uma  
análise discursiva crítica / Roberto Borges de Lima;  
orientador Francisca Cordelia Oliveira da Silva. --  
Brasília, 2021.

160 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística) --  
Universidade de Brasília, 2021.

1. Análise de Discurso Crítica. 2. Gênero discursivo. 3.  
Homofobia. 4. Humor. I. Cordelia Oliveira da Silva, Francisca,  
orient. II. Título.

Dedico aos LGBTI+, anônimos ou não, que lutaram/lutam e fizeram/fazem história na busca de um lugar de fala e de respeito em um país ainda tão preconceituoso com os homossexuais. Se chegamos até aqui, com um pouco mais de visibilidade, foi porque muita gente lutou e se sacrificou para que muitos caminhos e muitas desconstruções de tabus pudessem se tornar realidade. Eterna gratidão!

## AGRADECIMENTOS

Percorrer todo o processo para a conclusão desta dissertação não foi nada fácil. Muitos percalços apareceram no meu caminho e me fizeram questionar se daria conta de alcançar a linha de chegada do mestrado. No entanto, fui abençoado por Deus em cada momento e é a Ele a quem primeiramente devo agradecer por tudo.

Devo ressaltar também a importância em minha vida da minha mãe, Raimunda, mulher guerreira, forte e, ao mesmo tempo, sábia e carinhosa em seus conselhos. Ela, que sempre foi o meu porto seguro e meu colo aconchegante, surpreendeu-me positivamente nos últimos anos com seus posicionamentos na questão do respeito à diversidade LGBTI+.

Não posso me esquecer de mencionar a minha irmã Lígia (*in memoriam*), que sempre acreditou em mim, me ajudou a sonhar e, em seus últimos momentos aqui neste plano material, me protegeu e abriu os olhos dos familiares sobre o fato de não existir nada de estranho em mim.

O impacto desta jornada teria sido maior se não tivesse sido amenizado pelo apoio do meu companheiro Beto, que, muitas vezes, teve que entender que eu deveria me dedicar aos estudos e abdicar de dar mais atenção a ele.

Uma importante menção deve ser feita ao meu amigo Adriano Duarte, uma grande amizade que vem desde os tempos da escola. Seus conselhos nos assuntos mais diversos e “malucos” serão sempre bem-vindos em minha vida!

Deixo registrado também o apoio e a ajuda da amiga Rebeca em revisar e debater comigo questões pontuais deste trabalho.

Destaco aqui a minha orientadora, a professora doutora Francisca Cordelia, por ter me recebido de braços abertos em um momento de finalização do meu mestrado e por todo o cuidado que teve nesse momento comigo. Fica aqui a minha admiração pelos seus excelentes artigos e pelas suas inesquecíveis aulas de Análise de Discurso.

Todo o meu carinho também é direcionado à professora doutora Carmem Caetano pelas valiosas contribuições, principalmente por colaborar com a ideia de trabalhar com piadas, e pela orientação durante a maior parte deste trabalho. Obrigado!

Agradeço também o apoio dos colegas de jornada na UnB, em especial a Ana Cláudia e o Leonardo Dalla, colegas com quem compartilhei angústias, frustrações e boas risadas; e também a Júlia Argenta, colega que, mesmo me conhecendo muito pouco na época que eu ainda fazia disciplinas como aluno especial, pegou livros emprestados da biblioteca da Universidade

para que eu estudasse e fizesse a prova para entrar como aluno regular. Esse gesto me fez acreditar um pouco mais sobre a existência de pessoas boas.

Por fim, quero também agradecer à banca examinadora, pela disponibilidade em ler e dar contribuições valiosas para o sucesso deste trabalho!

*A Igreja conforma o seu comportamento ao do Senhor Jesus que, num amor sem fronteiras, Se ofereceu por todas as pessoas sem exceção. Com os Padres sinodais, examinei a situação das famílias que vivem a experiência de ter no seu seio pessoas com tendência homossexual, experiência não fácil nem para os pais nem para os filhos. Por isso desejo, antes de mais nada, reafirmar que cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, procurando evitar «qualquer sinal de discriminação injusta» e particularmente toda a forma de agressão e violência. Às famílias, por sua vez, deve-se assegurar um respeitoso acompanhamento, para que quantos manifestam a tendência homossexual possam dispor dos auxílios necessários para compreender e realizar plenamente a vontade de Deus na sua vida.*

*(Exortação Apostólica Pós-Sinodal AmorisLaetitia do Santo Padre Francisco)*



## RESUMO

Piadas homofóbicas continuam sendo consumidas por uma parcela da população, sendo a mídia *on-line*, no caso a internet, um espaço onde ainda é possível encontrar esse tipo de conteúdo. Isso nos traz a reflexão de que a existência de um humor de zombaria construído em torno da homossexualidade possa continuar contribuindo para a perpetuação do preconceito em relação aos homossexuais. A partir da nossa inquietação sobre como a linguagem nessas piadas é desenvolvida, o principal desafio proposto nesta pesquisa é analisar as relações intratextuais e os discursos que fomentam a discriminação da comunidade LGBTI+ no gênero piada. Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa para o aprofundamento da compreensão do humor homofóbico em 8 piadas geradas em *sites* com conteúdo discriminatório com relação à comunidade LGBTI+. Toda essa discussão tem como base o arcabouço teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003, 2016), e por aportes teóricos que se unem a ela, como o humor e o riso segundo as ideias de Bergson (1983) e Freud (1987, 1995 e 1996), os gêneros textuais com base em Fairclough (2003), Marcuschi (2008) e Bakhtin (2016), a representação de atores sociais de van Leeuwen (1997, 2008), o poder, a ideologia e a hegemonia em Thompson (2011), as identidades em Hall (2000) e Castells (2018) e a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2014). O que concluímos é que fortes marcas ideológicas influenciam comportamentos homofóbicos e perpetuam o discurso com base no poder de instituições ou estruturas dominantes. Apontamos que, por meio da análise dos nossos dados, inferiorizar homossexuais pode ser prazeroso para uma parcela da população que é homofóbica, pois se ri de um comportamento diferente do comum, ao mesmo tempo em que o discurso contido nas piadas pode significar um sentimento de inveja e/ou ódio, reações essas que contribuem para atos de violência contra o referido grupo.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso Crítica; humor; gênero discursivo; homofobia.

## ABSTRACT

Homophobic jokes continue to be consumed by a portion of the population, and online media, in this case the internet, is a space where it is still possible to find this type of content. This brings us to the reflection that the existence of a mocking humor built around homosexuality may continue to contribute to the perpetuation of prejudice against homosexuals. From our concern about how the language in these jokes is developed, the main challenge proposed in this research is to analyze the intratextual relations and the discourses that foster discrimination of the LGBTI+ community in the joke genre. For this, we carried out a qualitative research to deepen the understanding of homophobic humor in 8 jokes generated on websites with discriminatory content in relation to the LGBTI+ community. This entire discussion is based on the theoretical-methodological framework of Critical Discourse Analysis proposed by Chouliaraki and Fairclough (1999) and Fairclough (2003, 2016), and on theoretical contributions that are linked to it, such as humor and laughter according to ideas of Bergson (1983) and Freud (1987, 1995 and 1996), textual genres based on Fairclough (2003), Marcuschi (2008) and Bakhtin (2016), the representation of social actors by van Leeuwen (1997, 2008), power, ideology and hegemony in Thompson (2011), identities in Hall (2000) and Castells (2018) and the Systemic-Functional Linguistics of Halliday and Matthiessen (2014). What we conclude is that strong ideological brands influence homophobic behavior and perpetuate discourse based on the power of dominant institutions or structures. We point out that, through the analysis of our data, belittling homosexuals can be pleasurable for a portion of the population that is homophobic, as they laugh at a behavior that is different from the common one, while the speech contained in the jokes can mean a feeling of envy and/or hatred, reactions that contribute to acts of violence against that group.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis; humor; discursive genre; homophobia.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Funções da linguagem.....	56
<b>Quadro 2</b> - Cinco modos gerais de operação de aspectos ideológicos.....	61
<b>Quadro 3</b> – Categorias de atores sociais.....	67
<b>Quadro 4</b> - Variáveis de representação dos agentes sociais.....	69
<b>Quadro 5</b> - Identidades ou expressões de gênero .....	73
<b>Quadro 6</b> - Tipos de orientação sexual.....	74
<b>Quadro 7</b> - Enquadre metodológico de 1999 .....	100
<b>Quadro 8</b> - Categorias analíticas .....	101

## LISTA DE SIGLAS

ABGLT	Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
ADC	Análise de Discurso Crítica
ADTO	Análise de Discurso Textualmente Orientada
Aids	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
APA	Associação Americana Psiquiátrica
GLS	Gays, Lésbicas e Simpatizantes
LGBTI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexuais e outras expressões sexuais
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
OEA	Organização dos Estados Americanos
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PLC	Projeto de Lei da Câmara
STF	Supremo Tribunal Federal

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 O HUMOR COMO MANIFESTAÇÃO DO PRAZER E A LUTA LGBTI+ POR UM LUGAR DIGNO NA SOCIEDADE.....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 O humor e o prazer.....</b>	<b>19</b>
1.1.1 O humor .....	19
1.1.2 O riso.....	22
1.1.3 O humor de zombaria .....	25
<b>1.2 Gêneros textuais .....</b>	<b>27</b>
1.2.1 Estudo dos gêneros .....	27
1.2.2 O gênero piada .....	30
<b>1.3 Mídia e internet.....</b>	<b>33</b>
<b>1.4 A homossexualidade através da história: intolerância e luta .....</b>	<b>36</b>
1.4.1 A questão da homofobia .....	42
1.4.2 Os direitos humanos.....	46
1.4.3 Lésbicas e bissexuais sem humor .....	48
<b>1.5 Algumas considerações.....</b>	<b>50</b>
<b>2 A ANÁLISE DE DISCURSO COMO UMA TEORIA NUCLEAR E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DO SUJEITO LGBTI+.....</b>	<b>52</b>
<b>2.1 As contribuições da Análise de Discurso Crítica .....</b>	<b>53</b>
<b>2.2 As formas de dominação .....</b>	<b>60</b>
2.2.1 Ideologia .....	60
2.2.2 Poder .....	64
2.2.3 Hegemonia .....	65
<b>2.3 A representação dos atores sociais .....</b>	<b>66</b>
<b>2.4 Identidades .....</b>	<b>70</b>
<b>2.5 As siglas que trazem visibilidade.....</b>	<b>75</b>
<b>2.6 A teoria <i>queer</i> .....</b>	<b>77</b>
<b>2.7 A Linguística Sistêmico-Funcional.....</b>	<b>79</b>
<b>2.8 Algumas considerações.....</b>	<b>82</b>
<b>3 O PERCURSO METODOLÓGICO COMO ALICERCE NA ANÁLISE DE PIADAS HOMOFÓBICAS. ....</b>	<b>84</b>
<b>3.1 A pesquisa qualitativa .....</b>	<b>85</b>
<b>3.2 Critérios e estratégias .....</b>	<b>88</b>
<b>3.3 Recursos e obstáculos .....</b>	<b>91</b>

3.4	<i>Corpus</i> da pesquisa.....	94
3.5	Questões ontológicas e epistemológicas.....	95
3.6	A ADC como metodologia.....	98
3.7	Qualidade, validade e ética .....	103
4	<b>REFLEXÕES SOBRE O DISCURSO HUMORÍSTICO CONSTRUÍDO COM BASE EM DISCRIMINAÇÃO VELADA À COMUNIDADE DE HOMENS GAYS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM PIADAS HOMOFÓBICAS.....</b>	<b>107</b>
4.1	Análise do <i>corpus</i> .....	108
4.2	Respondendo aos objetivos de pesquisa.....	136
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>139</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>142</b>
	<b>ANEXO A - PIADA 01 .....</b>	<b>151</b>
	<b>ANEXO B - PIADA 02 .....</b>	<b>152</b>
	<b>ANEXO C - PIADA 03 .....</b>	<b>153</b>
	<b>ANEXO D - PIADA 04 .....</b>	<b>154</b>
	<b>ANEXO E - PIADA 05 .....</b>	<b>155</b>
	<b>ANEXO F - PIADA 06 .....</b>	<b>156</b>
	<b>ANEXO G - PIADA 07.....</b>	<b>157</b>
	<b>ANEXO H - PIADA 08.....</b>	<b>158</b>

## APRESENTAÇÃO

O ato de rir é uma manifestação de prazer relativa a uma experiência que apenas os seres humanos conseguem desfrutar. Achar graça em piadas por elas expressarem problemas ou fatos de uma sociedade pode facilitar o entendimento dos valores e dos acontecimentos que as pessoas vivenciaram ou ainda vivenciam de geração em geração. Há diversos assuntos no Brasil que são abordados pelas piadas: sexo, política, loiras, portugueses, gays, dentre outros. Por ser um texto que reflete os princípios de uma sociedade, as piadas tiveram seu espaço garantido na mídia, sendo um meio que possibilita a circulação de informações para as grandes massas. Assim, esses textos humorísticos já circularam em diversos meios, dos jornais impressos à internet nos tempos atuais. No entanto, pelo fato de a mídia ser um campo de disseminação de informações, muitos dos conteúdos apresentados acabam transformando aspectos da vida social por haver pontos de vista ideológicos e manipulações feitas por instituições dominantes que detêm o poder.

Dessa forma, notamos até este momento a existência de piadas homofóbicas veiculadas na mídia *on-line* que têm como um de seus objetivos distorcer e/ou apresentar um conceito equivocado sobre o comportamento e as características físicas e psicológicas dos homossexuais<sup>1</sup>. Por essa temática fazer parte do entretenimento da mídia, existe a ideia de que as informações disponibilizadas no conteúdo humorístico influenciem atitudes preconceituosas e, conseqüentemente, gerem desprezo e violência para com a comunidade LGBTI+<sup>2</sup> de uma forma geral. Arelado a isso está o fato de que a homossexualidade, ainda criticada por alguns políticos que são vinculados a determinadas agendas ideológicas e por diversas religiões<sup>3</sup> que a consideram como pecado, é vista como algo contrário à natureza humana e como uma doença que precisa de cura.

Embora as piadas homofóbicas estejam restringidas a poucos *sites* específicos sobre piadas, observamos que páginas da internet como Portal do Humor e Piadas Engraçadas!<sup>4</sup> são

---

<sup>1</sup> Embora o termo “homossexual” possa também focalizar uma questão sexual, a nossa intenção é transcender essa palavra e buscar enfatizar o lado afetivo e emocional. Para um melhor entendimento, ver o quadro 5 na página 73.

<sup>2</sup> A sigla LGBTI+ significa “Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexuais e outras expressões sexuais”. Para um melhor entendimento dessa sigla, ver a seção 2.5 do segundo capítulo deste trabalho, página 75.

<sup>3</sup> Optamos pelo uso do termo “religiões” em vez de “igreja”, pois essa última, no senso comum, a nosso ver, remete diretamente à igreja católica. Como não temos a intenção de restringir a apenas uma única dominação, decidimos usar o primeiro termo.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.portaldohumor.com.br/cont/categ/3/Piadas-de-Bichas.html> e <https://www.piadasnet.com/piadas-de-bichas.htm>, respectivamente (Acesso em: 3 ago. 2019).

bastante visitadas e que o seu conteúdo é acessível a qualquer faixa etária, não havendo avisos sobre restrições de idade. Por ser um conteúdo disponibilizado em uma mídia de grande acesso, o que também possibilita que essas informações permaneçam por mais tempo nesse tipo de plataforma, o preconceito contra a orientação sexual pode influenciar pessoas de diversas gerações e épocas a continuarem zombando e/ou desprezando a comunidade LGBTI+.

Toda essa questão da zombaria em relação aos homossexuais remeteu-me aos tempos de escola, mais precisamente nos anos 1990, no qual, sem ainda entendermos o verdadeiro significado da homossexualidade, o meu amigo Adriano e eu éramos vítimas de risos e comentários homofóbicos por parte dos colegas de classe e nos sentíamos desamparados pela falta de preparo e de apoio pedagógico e psicológico por parte da escola em que estudávamos. Todo o discurso elaborado para nos atingir como se “uma brincadeira fosse” se conectava a questões de cunho humorístico que se assemelhavam bastante às piadas homofóbicas veiculadas antes em jornais e revistas, e que ainda hoje existem na internet. Assim, já não bastava que nos anos 1980 e 1990 tivéssemos a ciência patologizando a homossexualidade e as religiões abominando os homossexuais, víamos ainda a zombaria diária feita na mídia televisiva, o que contribuiu bastante para o sofrimento de quem desde jovem se via diferente de outras pessoas.

Nesse sentido, justificamos esta dissertação pela necessidade de analisarmos os aspectos linguístico-discursivos dos textos humorísticos que zombam e condenam as características físicas e comportamentais dos homossexuais. Por existirem instituições dominantes que detêm o controle e o poder na disseminação de informações na mídia, a discriminação à comunidade LGBTI+ continua sendo propagada nos diversos meios de comunicação, sendo a mídia *on-line* utilizada como suporte para *sites* que contenham piadas homofóbicas. Essas mesmas instituições se veem ameaçadas pela liberdade sexual dos homossexuais, o que enfraquece o sistema patriarcal estabelecido por elites dominantes e ainda vigente. A persistência da violência contra a comunidade LGBTI+, principalmente no Brasil, é algo que nos incomoda e nos traz a inquietação sobre como são gerados os discursos humorísticos e as questões ideológicas que cerceiam as liberdades identitárias desse grupo.

Considerando todo o contexto apresentado, buscamos responder às inquietações que motivaram esta pesquisa, partindo do objetivo geral de analisar as relações intratextuais e os discursos que fomentam a discriminação da comunidade LGBTI+ no gênero piada. Com base nesse objetivo, foram elencados outros três específicos, sendo eles:



- a) Identificar a manutenção/transformação dos discursos relacionados à homofobia nas materializações textuais de piadas;
- b) Verificar como as relações de poder e ideologia são (re) construídas e (re) formuladas na articulação de discursos nos textos humorísticos;
- c) Analisar como a comunidade LGBTI+ é representada em textos humorísticos como as piadas.

Após apresentarmos os objetivos de pesquisa, esclarecemos que dividimos o presente estudo em quatro capítulos como forma de organização para trabalharmos com conceitos que dão embasamento científico ao que é discutido. Assim, no primeiro capítulo, buscamos contextualizar o humor em Bergson (1983) e Freud (1987, 1995 e 1996) como base contextual para analisarmos os aspectos que se conectam à realização das piadas, além de refletirmos sobre o humor de zombaria e como ele se aplica nos textos humorísticos homofóbicos. Para dar continuidade a esse pensamento, abordamos os estudos de gêneros textuais, sendo a piada uma de suas vertentes, pois é necessário entendermos os padrões sociocomunicativos característicos que formam os textos humorísticos que discriminam a comunidade LGBTI+. Contextualizamos também o que é a mídia e o seu papel na produção e circulação das formas simbólicas segundo as ideias de Castells (2003) e Thompson (2011). Na última parte desse capítulo, trazemos um apanhado geral a respeito da história da homossexualidade, passando pela condenação e patologização feitas por diversas religiões e pela ciência, respectivamente, até o surgimento de uma caminhada de respeito e tolerância nos tempos atuais que ainda dá seus primeiros passos.

No segundo capítulo, encontramos um apoio teórico para aprofundarmos o estudo sobre o discurso com relação às piadas homofóbicas. Assim, é imprescindível trazermos reflexões a respeito da Análise de Discurso Crítica (ADC) de Fairclough (2003, 2016) e Chouliaraki e Fairclough (1999) para entendermos a língua, levando em conta os elementos da vida social. Relacionamos questões de ideologia, poder e hegemonia com base em Thompson (2011) e Fairclough (2016) como essência das formas simbólicas veiculadas na mídia e também destacamos a questão da representação dos atores sociais como escolhas no discurso, as identidades e a teoria *queer* em Foucault (1988) e Butler (2018) como construções definidas por relações sociais. Por fim, analisamos a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2014) como uma teoria sistêmica ligada a uma rede de sistemas que se relacionam a diferentes funções da linguagem. É importante ressaltarmos que elaboramos quadros com base nas teorias descritas das Funções da Linguagem de Fairclough (2016), os Cinco modos

gerais de operação de aspectos ideológicos de Thomsson (2011), as Categorias de atores sociais de van Leeuwen (1997) que darão suporte para a análise contida no último capítulo.

No terceiro capítulo, descrevemos todo o percurso metodológico para a construção deste estudo. Acreditamos que seja essencial, em uma abordagem qualitativa, podermos adotar teorias e métodos da ADC, algo que procuramos detalhar no texto, bem como mencionar todo o processo de critérios, estratégias, recursos e obstáculos para gerar os dados que compõem o trabalho. Mencionamos também as questões ontológicas e epistemológicas que nos levaram a refletir sobre como pensamos e sobre quais teorias se aplicam a esse conhecimento. O caminho descrito no capítulo tem como objetivo mostrar a qualidade e a ética para possibilitar uma maior confiabilidade no que foi estudado. Neste capítulo também trazemos um quadro de categorias analíticas de Fairclough (2003) como metodologia que auxilia a análise das piadas.

O quarto e último capítulo traz a análise dos dados gerados<sup>5</sup> na mídia *on-line* de acordo com as teorias descritas e os percursos metodológicos expostos nos capítulos anteriores. Respondemos ao final aos objetivos de pesquisa e buscamos apontar caminhos para as inquietações que originaram este estudo.

Conforme exposto, cremos que a estrutura dividida em quatro capítulos possibilite alcançar o objetivo de se fazer uma análise discursiva crítica sobre as piadas homofóbicas veiculadas na mídia *on-line*.

Por fim, ressalto que a pesquisa aqui apresentada está vinculada a um dos projetos de pesquisa da professora doutora Carmem Caetano, cujo tema é “Questões de gênero e construção de identidades no discurso”. Aproveito este espaço para agradecer todo o acompanhamento que tive com a referida professora, bem como as ideias, discussões e críticas construtivas que contribuíram imensuravelmente para o meu amadurecimento. Infelizmente ela não pôde acompanhar a finalização deste trabalho por motivos pessoais, mas quero deixar registrada aqui a sua importante e fundamental colaboração.

Seguimos com o primeiro capítulo.

---

<sup>5</sup> Mason (2002, p. 52) usa o termo “geração de dados” em vez de “coleta”, porque a primeira expressão destina-se a encapsular uma gama muito mais ampla de relações entre pesquisador, mundo social e dados que a pesquisa qualitativa abrange. Nessa perspectiva, consideramos que o foco está no processo e não no produto. Portanto, esse é o termo adotado neste trabalho.

## 1 O HUMOR COMO MANIFESTAÇÃO DO PRAZER E A LUTA LGBTI+ POR UM LUGAR DIGNO NA SOCIEDADE

*Depois de 8 estórias assim  
Poderia estar tranquila  
Mas sinto que alguma coisa  
Em mim se transforma*

*Giovanna me liga ainda,  
Laura nem pode me ver  
Pra Cláudia eu dançava sozinha  
Até que na pista conheci a Sophia*

*Com Luna só disse mentiras  
Pra Juana mentia em espanhol  
Pra Carmem inventei tanta estória,  
Nem sei se era Carmem,  
Me foge a memória*

*Todas as moças são partes que encontrei em mim  
Riem, sonham e querem  
Um grande amor, totalmente pra si  
Pense em mim, em tudo aquilo que ainda sou eu  
Use a coragem não só para dizer adeus  
Pense em mim, em tudo aquilo que ainda sou eu  
Mentiras, sonhos e perdões que a vida me deu*

*(Ana Carolina – 8 estórias)<sup>6</sup>*

**L**evando em consideração o que foi decidido na 1ª Conferência Nacional GLBT, posteriormente chamada de LGBT, realizada em Brasília, no ano de 2008<sup>7</sup>, ao colocar a letra L para representar as lésbicas em primeiro lugar e trazer uma maior evidência para esse grupo, começamos<sup>8</sup> este capítulo dando visibilidade a um trecho de uma canção que expressa interações e conflitos amorosos entre mulheres, interpretada pela cantora Ana Carolina, que é assumidamente bissexual. Mais do que a visibilidade sobre o grupo das mulheres homossexuais, há a necessidade de se falar sobre todo a comunidade, aqui chamada de LGBTI+. Por isso, esta dissertação se inicia com o capítulo contextual a fim de situar o leitor sobre o problema que nos traz inquietação, que é a perpetuação da homofobia por

<sup>6</sup> ANA CAROLINA. *8 estórias*. Rio de Janeiro: Sony Music, 2009. Disponível em: <https://www.deezer.com/br/album/373758>. Acesso em: 9 mar. 2022.

<sup>7</sup> Ver Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT da Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH) no site do Ministério Público Federal (<http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/direitos-sexuais-e-reprodutivos/direitos-lgbt/planolgbt.pdf>). Acesso em: 15 fev. 2021).

<sup>8</sup> Optamos pelo uso da primeira pessoa do plural a fim de enfatizar que as reflexões, ideias e caminhos percorridos foram decisões tomadas em conjunto por mim e pela minha orientadora. Ressaltamos que, em momentos pontuais, prevalecerá a ideia da primeira pessoa do singular por expressar uma visão particular deste mestrando.

meio de piadas homofóbicas veiculadas na mídia *on-line*. O título escolhido para este capítulo expõe uma das formas utilizadas para perpetuar o preconceito sexual e também traz visibilidade às lutas diárias e constantes para que a comunidade LGBTI+ tenha voz e possa reivindicar seus direitos.

Em um Brasil ainda homofóbico<sup>9</sup>, piadas que fazem deboche à comunidade LGBTI+, ou, como veremos nos dados gerados, aos homens gays, travestis e transexuais, continuam presentes nos mais diversos meios de comunicação, entretendo e divertindo pessoas que sentem prazer em rir com esse tipo de temática. Dentre os meios utilizados como suporte para o gênero textual piada está a internet<sup>10</sup>, sendo ela um espaço virtual onde todo tipo de público busca qualquer tipo de informação, além de se distrair e se entreter.

Fazer humor com a comunidade LGBTI+ ainda continua “aceitável” porque muitas pessoas entendem que é uma “liberdade de expressão” ou um “tipo de brincadeira” que não agride o público-alvo, pois há a argumentação de que a maioria das pessoas passaram por algum tipo de deboche na infância/adolescência e não adquiriram “traumas”. Com relação a esse tipo de atitude, La Taille (2014, p. 142) comenta que “ri quem não vê problema moral em se fazer esse tipo de piada, ri quem não vê nela alguma forma de desrespeito ou pensa que o desrespeito é aceitável e até desejável”.

Dessa maneira, como forma de trazer um melhor entendimento em relação ao problema social da homofobia por meio da zombaria e sua manifestação no gênero piada, o foco deste capítulo será contextualizar assuntos pertinentes à realização do humor e sua relação com a homofobia, fenômeno esse ainda presente nos tempos atuais.

Sendo assim, a primeira parte deste capítulo tem como objetivo explorarmos a essência do humor e o prazer que ele proporciona. Dessa forma, poderemos mais adiante investigar por qual motivo fazer deboche ao grupo dos homossexuais pode trazer algum prazer para o interlocutor e para quem (re) produz as piadas homofóbicas. Entender a história do humor é essencial para se analisar a construção de textos humorísticos que envolvam a homofobia.

Já na segunda seção, tratamos do gênero textual piada e sua relação com a realização do humor, principalmente o homofóbico. Ter uma seção apenas para explicar esse gênero é de

<sup>9</sup> Segundo relatório do Grupo Gay da Bahia sobre mortes violentas de LGBTI+ (<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>. Acesso em: 15 fev. 2021), em 2019 houve 329 vítimas por homofobia.

<sup>10</sup> De acordo com o *site* Brasil Escola (ESCOLA..., [2021]), a internet “é um grande conjunto de redes de computadores interligadas pelo mundo inteiro; de forma integrada viabilizando a conectividade independente do tipo de máquina que seja utilizada, que para manter essa multi-compatibilidade se utiliza de um conjunto de protocolos e serviços em comum, podendo assim, os usuários a ela conectados usufruir de serviços de informação de alcance mundial.”

grande importância para este trabalho, pois os dados analisados no quarto capítulo terão como *corpus* as piadas que são veiculadas na mídia *on-line*.

A terceira seção aborda a mídia, mais precisamente a internet, como um campo onde as piadas homofóbicas encontram espaço para a divulgação e fixação de seu conteúdo. Aqui procuramos investigar a relação do poder com a rapidez e alcance da veiculação das formas simbólicas por meio da mídia.

A quarta e última parte deste capítulo tem como objetivo situar o leitor a respeito do histórico de aversão à homossexualidade, assim como falar das lutas e conquistas da comunidade LGBTI+. O foco é também acompanhar algumas mudanças em relação ao combate à discriminação com relação aos homossexuais e também sobre alguns direitos que foram adquiridos ao longo do tempo. Entender o processo histórico da homofobia é importante para a compreensão do porquê de esse tema ser alvo de piadas. Seguimos com a primeira seção.

## **1.1 O humor e o prazer**

O objetivo desta seção é nos familiarizarmos a respeito do que é o humor e a sua relação com o riso, bem como trazer a transformação de conceitos concernentes a esse tema, passando pela Grécia Antiga e se aperfeiçoando em ideias contemporâneas formuladas por Freud (1987, 1995, 1996) e Bergson (1983).

### **1.1.1 O humor**

O humor é associado a criações humanas como piadas, chistes e ironias, que têm como objetivo nos fazer rir (LA TAILLE, 2014). Da mesma forma, é considerado um fenômeno que abarca diversos tipos de assuntos possíveis, como o cotidiano, grupos específicos, sexo, política, dentre outros. Ele também é veiculado em diversos campos como programas de rádio, televisão e internet, o que possibilita um grande alcance para que boa parte da população tenha acesso.

Para o psicanalista Freud (1996b, p. 99), uma atitude humorística ocasiona uma “produção de prazer à pessoa que a adota”. Quem ouve alguém contando uma piada espera acompanhar a continuidade dos impulsos emocionais que são gerados desde o início da fala. No entanto, a expectativa emocional é contrariada, e esse desgaste de sentimento acaba se transformando em um prazer humorístico. Assim, de acordo com Freud (1996b), o prazer é um elemento inteiramente essencial do humor, algo que o ego, ao se afirmar inatingível, se recusa a ser impactado pelos traumas do mundo externo. Quando o ego se defende da dura realidade,

há um sucesso na transformação de um sentimento doloroso em algo que se possa rir. Freud comenta que nesse processo há uma proteção feita pelo superego, que consola e protege o ego. Portanto, é permitido ao ego a fruição de um prazer, pois o humor é considerado como uma função de defesa que descarta uma energia de desprazer e a converte em prazer. O psicanalista também afirma que “o humor não é resignado, mas rebelde. Significa não apenas o triunfo do ego, mas também o princípio do prazer” (FREUD, 1996b, p. 100).

Abrimos aqui um parêntese para entender melhor essas instâncias psíquicas estabelecidas por Freud (1996a), que tinha como objetivo definir uma organização psíquica. A ideia de concepção estruturalista consiste em uma divisão da mente em três instâncias psíquicas: id, ego e superego.

De acordo com as ideias de Freud (1996a), o id representa um conteúdo de natureza pulsional e de ordem inconsistente, sendo impulsionado pelo princípio do prazer. O ego é a instância responsável por lidar com a realidade, esforçando-se para satisfazer os desejos do id de forma socialmente adequada, atuando como mediador. Por fim, o superego desenvolve-se a partir do ego, atuando como um juiz e como uma consciência moral. Ele opera suprimindo todos os impulsos inaceitáveis do id.

Para se entender mais ainda sobre o humor, que aqui é considerado aquilo que tem o objetivo de fazer o ser humano rir, é necessário buscar nos primórdios da história a sua origem. De acordo com Gruda (2015), a primeira vez que esse termo aparece é nos tratados médicos da Grécia Antiga, com um conceito diferente do que é tratado atualmente, sendo especificamente associado aos líquidos corpóreos que poderiam estar relacionados às causas dos diferentes comportamentos humanos. Gruda (2015, p. 60-61) ainda comenta:

[...] esta acepção de que humor significa temperamento continua presente em nosso vocabulário cotidiano, ainda que não esteja mais conectada ao esquema dos líquidos corpóreos, visto que é extremamente comum se falar nos humores que proporcionam, determinam ou afetam as formas de se agir (“fulano está de bom humor”, “hoje não estou com o mínimo humor para festas”, “ela é tão bem humorada pela manhã”, “tais reformas na economia melhorarão os humores do mercado”, “às vezes até parece que você não tem humor”, dentre outros exemplos aleatórios e corriqueiros de falas cotidianas). Neste sentido, o humor também é compreendido como algo interno, porém trata-se de algo mais intrapsíquico do que propriamente fisiológico, sendo frequentemente confundido com os sentimentos e afetos em geral.

Por estar relacionado aos sentimentos, é comum vincular o humor ao riso, pois este remete ao prazer e à alegria. O humor possui essa estreita relação com o riso por ser uma de suas principais motivações e por ser uma criação espontânea, algo que uma pessoa, inspirada

por uma situação que viu ou ouviu, pronuncia uma sentença espirituosa ou faz um gesto engraçado (LA TAILLE, 2014).

No entanto, segundo Alberti (2002), foi a partir de duas peças de comédia de Ben Johnson que o humor adquiriu o sentido de se rir do comportamento fora do comum, extravagante e excêntrico. Assim, por conta da transformação do significado, o humor e a comédia acabaram se tornando dois termos intimamente conectados.

Ainda considerando os aspectos de origem, Bakhtin (1987) assevera que a consciência cultural da Idade Média ou a civilização do Renascimento não seriam melhor compreendidas se não levássemos em conta o que é o humor. A evolução do que se entende a respeito desse termo e a sua relação com o riso em cada sociedade revela aspectos políticos e culturais detalhados que ajudam a compreender um pouco mais da história de cada povo em determinadas épocas. Notamos, assim, que esses dois elementos, riso e humor, estão presentes em todos os povos e em todas as épocas e idades.

No entanto, Possenti (2010, p. 139) comenta que, em parte, discorda de que o humor seja cultural se apenas ele for levado em consideração em relação a outros tipos de textos, o que pode significar que outros hábitos culturais, como regras de uma cerimônia de casamento ou de um enterro, não sejam tão relevantes assim. O autor prefere enfatizar que “o humor é cultural, mas o é apenas no sentido de que tudo o é” (POSSENTI, 2010, p. 139).

É interessante observarmos que mesmo o humor não é algo universal, pois, para algumas culturas, certas situações e piadas podem ser consideradas engraçadas, mas para outras pode não fazer sentido algum. Possenti (2010) assevera que os temas podem até se repetirem em todas as culturas, porém deve haver a devida precaução para adaptá-los à realidade do lugar onde estão sendo veiculados. Assim, é possível fazer uma piada sobre um grego preguiçoso e adaptá-la à cultura brasileira substituindo a nacionalidade do personagem por alguém nascido no Brasil, mais especificamente no estado da Bahia, pois já se tem convencionado nas piadas que os baianos possuem a fama de serem preguiçosos. Já as técnicas podem não ser tão gerais assim, pois algumas dependem de especificidades da língua, como trocadilhos, idiomatismos, ambiguidades, dentre outros (POSSENTI, 2010).

Com relação a quem produz o humor, mais especificamente o autor do humor de zombaria, o seu prazer não está tanto em zombar, mas sim em criar algo que faça rir. Geralmente os humoristas são tidos como pessoas dotadas de senso de humor e são apreciadas por esse talento. Por isso eles se colocam em posição de superioridade simplesmente pelo ato de fazer humor. La Taille (2014, p. 71) comenta: “[...] ao criar humor de zombaria, o autor não apenas

se sente momentaneamente superior ao objeto de sua zombaria como também, ao realizar uma criação original, afirma-se como sujeito de valor, pois teve sucesso na expansão de si”.

O humorista pode ser considerado alguém apegado ao objeto de suas criações, embora faça suas críticas a tal assunto. Ele pode ter antes nutrido amor e valorização pelas pessoas, mas agora guarda um sentimento de ódio e aversão. Tal característica pode ser classificada como misantropia. La Taille (2014, p. 127, grifo do autor) explica o sentido psicológico desse termo: “[...] ela não é aversão gratuita e desapego egoísta em relação aos homens, mas sim *desencantamento ético e moral profundo* de quem neles muito acreditou, de quem deles muito esperou, de quem muito os valorizou, logo, de quem muito os amou”.

Logo, percebemos um sentimento de misantropia nas atitudes dos humoristas em relação aos homens e ao mundo. Por exemplo, observamos essas características no humor de zombaria quando críticas são feitas aos defeitos humanos que são ridicularizados, sendo também uma forma de não se conformar com eles. Podemos relacionar o que foi tratado aqui com a homofobia, não no sentido de agressão, mas sim em relação à zombaria ao grupo de homossexuais. O humorista, quando faz uma piada homofóbica, provavelmente tem a intenção de fazer críticas às características físicas ou comportamentais do grupo de homossexuais, o que pode ser tomado como um defeito desse grupo. Porém, como consta na definição de misantropia, há o desencantamento profundo de quem já amou alguém, o que pode nos levar à reflexão sobre a possibilidade de ter havido um sentimento enrustido ou uma decepção amorosa em relação a alguma pessoa LGBTI+ da parte do próprio humorista.

Observamos, então, que a essência da construção do humor através dos tempos relaciona-se com o propósito de se construir uma piada homofóbica. Sendo uma das funções do humor “julgar defeitos” para realçar a superioridade de quem ri, pode-se refletir sobre a manutenção de uma ideologia, segundo Thompson (2011), que exclui o grupo de homossexuais e o coloca à margem da sociedade, sempre utilizando a ferramenta do humor para desprestigiar essas pessoas.

### **1.1.2 O riso**

Quando pensamos sobre o riso, tentamos refletir e associar ao que despertou essa atitude em nós ou em alguém. Logo, relacionamos à existência de algo que foi considerado cômico por quem riu. Dessa forma, Bergson (1983, p. 7) afirma que “não há comicidade fora do que é propriamente humano”. Se rimos de alguma coisa, é porque identificamos uma atitude ou expressão humana naquilo que podemos perceber por meio dos sentidos humanos, como a



visão, a audição ou o tato. Esse mesmo autor comenta que não desfrutaríamos do cômico se nos sentíssemos isolados, o que quer dizer que precisamos de uma interação social, uma condução que nos contagie a rir também. Por isso, o riso precisa necessariamente ter uma significação social.

Segundo Alberti (2002), os textos medievais teológicos apresentavam a reflexão sobre Jesus Cristo nunca ter rido, o que pode ser entendido que o riso é uma essência do “próprio homem”, pois, embora marque uma superioridade humana em relação aos animais, seria uma concepção de inferioridade em relação a Deus (ALBERTI, 2002, p. 45).

Ainda de acordo com Alberti (2002, p. 41), na Antiguidade, Sócrates queria provar que a afecção espiritual era composta de prazer e dor, pois, quando se ri do fraco, o riso é misturado à inveja e o prazer à dor, fato esse explicado quando, por exemplo, rimos de um amigo, pois, em vez de nos entristecermos, experimentamos o prazer que tem a inveja como causa. Alberti (2002, p. 48) traz um breve comentário sobre a teoria do riso e do risível de Platão:

Pode-se dizer que a questão do riso é identificada a um duplo “erro”. Da parte daquele que é objeto do riso, porque ele não obedece à inscrição do oráculo de Delfos e se desconhece a si mesmo. Da parte daquele que ri, porque ele mistura a inveja ao riso. Este é o tom principal da passagem examinada: a condenação moral tanto do risível quanto daquele que ri. Ela ressalta da interseção das duas espécies de pessoas de que trata o texto: os fracos (objeto do riso) e os amigos (o sujeito do riso, que experimenta, em relação ao objeto do riso, o “erro” da inveja).

Pelo fato de o risível ser definido como um vício que se opõe diretamente à recomendação de Delfos sobre “conhecer-te a ti mesmo”, aqueles que se desconhecem e não possuem força ou poder tornam-se “risíveis”. Assim, Hobbes (1999, p. 91 *apud* LA TAILLE, 2014, p. 54), ao analisar o riso em seu texto sobre a natureza humana, comenta que “vemos homens rirem das fraquezas dos outros porque julgam que esses defeitos servem para melhor realçar suas próprias qualidades”.

É possível perceber a pouca relevância que o tema do riso tinha para os antigos filósofos. Por exemplo, não é possível encontrar no pensamento ético-moral de Aristóteles uma definição ou um destaque em relação ao conceito de riso. No entanto, Peixoto (2014) comenta que antigamente esse conceito era mencionado de forma indireta, sendo relacionado a um contexto biológico.

Nessa perspectiva, Aristóteles comentava que o diafragma tem a função de separar a região do coração da cavidade abdominal, garantindo que o calor e a umidade dos órgãos inferiores não afetem os órgãos superiores. Ele então observou que esse músculo é sensível a

alterações térmicas, tendo um papel fundamental na manutenção da temperatura dos órgãos os quais ele separa. Peixoto (2014) faz a seguinte reflexão sobre o pensamento de Aristóteles:

[...] se houver sempre um certo aquecimento do diafragma como contraparte fisiológica relacionada com o riso, e visto ser o diafragma o responsável pela preservação térmica dos órgãos superiores, afigura-nos então decorrer disso a grave consequência de o riso poder produzir uma certa alteração no órgão do sentido central e, por conseguinte, um certo comprometimento das atividades cognitivas da sensação e do pensamento.

O que não fica claro nas ideias de Aristóteles é se ele considerava que todo riso fosse produzido por meio dessa alteração ocasionada pelos movimentos do diafragma, já que nem toda manifestação de riso aparenta estar relacionada com esse tipo de alteração fisiológica.

Por outro lado, Possenti (2010, p. 51) comenta que as causas do riso podem ser reduzidas a três: o rebaixamento físico ou moral, segundo a teoria clássica de Aristóteles; a economia psíquica, segundo a tese central de Freud (1995); e uma boa técnica, tese esta abordada por Hobbes segundo Skinner (2002). No caso das piadas homofóbicas, sabemos que o rebaixamento dos homens gays, travestis e transexuais a pessoas ávidas por sexo ou frustradas com o seu sexo biológico são recorrentes, porém não é o suficiente para a produção do humor. A respeito disso, Possenti (2010, p. 51) comenta que:

[...] para que ele (o humor) ocorra, é necessário que tal traço (o rebaixamento) seja apresentado por meio de uma forma engenhosa, que, em geral de modo indireto, permite a apreensão de um sentido que a sociedade controla, relegando-o a situações privadas de interlocução ou, se públicas, circunscritas a espaços destinados a isso, como teatros e casas de show, horários específicos de rádio e de TV etc.

Portanto, muitos autores de piadas utilizam sentidos culturais ou palavras, principalmente relacionados à cultura padrão sexual, para utilizar a técnica do rebaixamento e colocar a homossexualidade como algo risível por não estar dentro daqueles padrões.

Bergson (1983) já dizia que para se compreender o riso, é necessário colocá-lo em seu ambiente natural, que é a sociedade, pois assim se pode refletir a respeito de sua significação social. É possível relacionar aqui a ideia de que é risível uma sociedade que se disfarce, uma vez que o ato de se disfarçar transfere um pouco da sua virtude cômica a casos em que não se trata de aparência, embora pudesse haver. Talvez o disfarce seja visto como algo artificial e que sempre pode surpreender as pessoas, e o cômico é bem atenuado nesse caso porque sempre se pensa na imagem primitiva quando é observada a imagem derivada.

Para entender melhor o pensamento de Bergson (1983), podemos imaginar que a imagem de um travesti/transexual seja vista como um disfarce pela sociedade. Os cabelos, as

maquiagens, os acessórios e as roupas talvez sejam interpretados como artificiais, assim como se entende como posição um nariz de um palhaço pintado de vermelho. O cômico surge, de acordo com o que Bergson (1983) reflete, quando se olha ou descreve o transexual (a imagem derivada) e se relaciona ao seu sexo biológico (a imagem primitiva), fato este explorado em piadas homofóbicas e em charges, principalmente por estas explorarem as imagens como forma de complementar o humor.

### **1.1.3 O humor de zombaria**

Para este estudo, por se tratar de uma análise de piadas com teor homofóbico, é interessante aprofundarmos um pouco mais sobre o sentimento de superioridade no humor, algo que se relaciona ao que é considerado zombaria. Quando se tem a intenção de humilhar uma pessoa ou um determinado grupo, o riso de humilhação pode indicar um forte sentimento de ódio ou inveja daquela pessoa que está sendo rebaixada (LA TAILLE, 2014).

Ao se fazer zombaria com pessoas e/ou grupos, quem ri desaprova um tipo de comportamento que se desvia das normas que regulamentam toda uma sociedade. Platão (20-?, p. 40) já associava a zombaria à inveja ao afirmar que “sempre que rimos do ridículo dos amigos, diz nosso argumento que ao misturarmos o prazer com a inveja, misturamos prazer com dor, pois há muito já admitimos que a inveja é a dor da alma, e o riso, prazer, vindo ambos a reunir-se na presente conjuntura” (sic). Pelo objeto do riso despertar inveja, considerada pela teoria como dor, a zombaria tem o objetivo de ocasionar a superioridade em relação a esse objeto, no caso, o prazer. Associa-se esse pensamento às palavras de Guirlinger (1999, p. 26 *apud* LA TAILLE, 2014, p. 54): “eu não rio porque me sinto superior, pelo contrário, eu me sinto e me faço superior porque rio”.

La Taille (2014, p. 67) diz que “o humor de zombaria é aquele que ridiculariza o seu objeto ao identificar a ausência de alguma virtude nos homens em geral ou numa pessoa em particular”. O mesmo autor cita que são três os casos de humor de zombaria: aquele que zomba alguém de uma esfera particular, como familiares e colegas; o que recai sobre os “defeitos humanos”, o que pode se relacionar ao grupo dos homossexuais, embora La Taille (2014) comente que tais grupos não são visados em sua identidade e servem apenas como pretexto para se formular uma piada; e, por fim, zombar de alguém que seja uma celebridade ou personalidade. Cabe aqui ressaltarmos que, diferente do segundo pensamento do autor, como exposto acima, percebemos que muitas piadas acabam zombando de características dos homossexuais, como se verá adiante no capítulo sobre análise de piadas.

O humor de zombaria desvaloriza o seu objeto, tornando ridículo um possível “defeito”, e possibilita a quem ri expressar um sentimento momentâneo de superioridade e de gostar do caráter humilhante da piada por nutrir um possível ódio ou desprezo pelo grupo abordado. Quando pensamos em piadas homofóbicas, associamos a um humor gerado a partir da humilhação aos homossexuais e de um possível sentimento de ódio, o que caracterizaria a zombaria, conceito este relacionado ao deboche sobre pessoas cujo comportamento se desvia das normas aceitas (LA TAILLE, 2014).

Analisando o humor de zombaria, Bergson (1983) identificou expressões humorísticas em personagens cujas falas paralisam o fluxo normal do raciocínio. Para uma melhor compreensão dessa ideia, toma-se como exemplo a seguinte piada:

A bichinha foi ao cabeleireiro e pediu:

- Escuta aqui, mona! Eu quero um corte transexual, entendeu?

- Como é isso?

- É simples: corta na frente e pica atrás!

(Fonte: <https://www.portaldohumor.com.br/cont/piadas/4304/Novas-TendA%C2%AAncias.html>)

Em um primeiro contato, o leitor imagina uma situação de um corte de cabelo, porém, logo imediatamente é levado a interpretar o restante do texto como algo relacionado ao sentido sexual e, tratando-se do grupo de homossexuais, mais precisamente no caso dos homens gays, travestis e transexuais, como uma forma pejorativa de que eles estão ávidos por sexo e/ou que desejam ser como uma pessoa do sexo oposto.

Observamos nas piadas homofóbicas em geral o humor rompendo e aparentemente consertando as características “erradas” dos homossexuais, apresentando no texto o homossexual como ridículo e risível por ser o oposto do padrão heterossexual. No caso da piada em destaque, em que não há distinção de identidades e possivelmente leva o leitor a confundir um homem gay com uma pessoa travesti/transexual feminina, há uma feminilização do personagem.

Nessa perspectiva, Bourdieu (2012, p. 118) comenta que “o ser ‘feminina’ é essencialmente evitar todas as propriedades e práticas que podem funcionar como sinais de virilidade”. Por ser comparado ao feminino, que é relacionado ao frágil por sociedades machistas, o homossexual descrito na piada perde a essência da masculinidade e acontece aquilo que essa mesma sociedade, que liga sexualidade ao poder, considerar o pior tipo de humilhação: a transformação do homem em mulher (BOURDIEU, 2012, p. 32).

Assim, nesta primeira seção entendemos que o humor é relacionado a uma atitude de prazer e dor, bem como a sua associação com um sentimento de superioridade em relação ao objeto do riso. Dessa forma, começamos a elucidar o objetivo geral deste estudo, que é analisar as relações intratextuais e os discursos que fomentam a discriminação da comunidade LGBTI+ no gênero piada. Antes de abordarmos um pouco do universo que descreve lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais e outras formas de se expressar sexualmente, discutiremos sobre os padrões sociocomunicativos nos quais o humor e, mais especificamente, as piadas homofóbicas se realizam. Seguimos agora com a seção que teoriza os gêneros textuais, com foco no gênero piada.

## 1.2 Gêneros textuais

Nesta seção abordaremos a noção de gênero textual com o intuito de fazermos uma relação com uma de suas vertentes, sendo ela a piada. Assim, buscamos entender melhor esses padrões sociocomunicativos em forma de textos para analisarmos como as piadas são construídas.

### 1.2.1 *Estudo dos gêneros*

Nessa perspectiva, Marcuschi (2008, p. 147) comenta que o estudo dos gêneros já perdura por mais ou menos vinte e cinco séculos, sendo inicialmente estudado e analisado por Platão, Aristóteles, Horácio e Quintiliano, passando pela Idade Média até meados do século XX, e estava especialmente ligado ao estudo dos gêneros literários. Dessa forma, era bastante estudado em uma perspectiva artístico-literária, não possuindo uma abordagem como tipos de enunciados. Atualmente o gênero é usado para se referir a qualquer tipo de discurso, podendo ser falado ou escrito, literário ou não-literário.

De acordo com as ideias de Bakhtin (2016), os gêneros do discurso, que é outra forma de se referir a gêneros textuais, possuem uma diversidade infinita de formas que cresce e se diferencia através dos tempos, ganhando complexidade e se desenvolvendo cada vez mais. Bakhtin (1997, p. 279), ao discutir sobre a definição de gênero, reflete sobre a utilização da língua nas esferas da atividade humana:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua - recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas

também, e sobretudo, por sua construção composicional [...] Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

É certo que toda forma de interação verbal se dá por meio de textos realizados em algum tipo de gênero. Ao se dominar um gênero textual, domina-se uma “forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações particulares” (MARCUSCHI, 2008, p. 154). Observamos que cada campo de utilização da língua cresce e se diferencia na medida em que é utilizado, ganhando mais complexidade, o que também gera a diversidade de gêneros textuais. Como forma de complementar esse entendimento, Marcuschi (2008, p. 155) faz a seguinte definição:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Existem, como exemplos de gêneros, os bate-papos por celular, cardápios de restaurantes, bulas de remédios e as piadas. Dessa forma, os gêneros diferenciam-se entre si pelos aspectos funcionais, sendo dinâmicos e talvez até incontáveis por conta de sua enorme variedade. É bem verdade que os gêneros limitam e impõem padronizações na escrita, porém é interessante observar os estilos e a criatividade proporcionados por eles. Quando há a intenção de produzir alguma ação linguística em uma situação real, recorre-se a algum gênero textual para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais, pois ele é parte integrante da sociedade (MARCUSCHI, 2008, p. 156).

De acordo com Fairclough (2003, p. 61), os gêneros são “aspectos discursivos das formas de agir e interagir por meio dos eventos sociais”. Isso significa que a nossa forma de interagir ou analisar um texto são organizadas em redes de comunicações, interiorizando a forma e contribuindo para ações sociais e interações em eventos sociais.

Abrimos aqui um parêntese para uma reflexão de Fairclough (2003, p. 65), já que este autor prefere elaborar terminologias como “pré-gênero” e “desencaixe de gênero” a fim de evitar confusões entre os diferentes níveis de abstração. Por exemplo, quando se define a “narrativa” como um gênero, devemos pensar nela como uma categoria que transcende redes de comunicação de prática social, pois podemos observar a reportagem também como uma narrativa, mais especificamente uma narrativa de fatos, assim como também as narrativas de conversação, as histórias contadas por pacientes nas consultas terapêuticas e os fatos humorísticos narrados em piadas. Por transcender uma prática social específica, que é o caso

da definição do que é um gênero, Swales (1990) sugere a utilização do termo “pré-gênero” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 64).

No entanto, há outras categorias que são menos abstratas do que a narrativa, podendo ser chamadas de “desencaixe de gênero”. Essas categorias são desenvolvidas de práticas de redes de comunicação social e de diferenças de escalas, transcendendo a diferença entre ambas (FAIRCLOUGH, 2003, p. 64). Como exemplo, Fairclough (2003, p. 64) menciona a entrevista, que pode ser uma entrevista de emprego, como uma prática social particular, ou entrevistas políticas, que vão além das diferenças de escalas para utilizar formas usadas internacionalmente.

Os gêneros possuem como característica o controle social no cotidiano, sendo a existência deles necessária para a interlocução humana. Pode-se tomar como exemplo o gênero piada, no qual há uma criação de uma situação cômica na intenção de ridicularizar e/ou inferiorizar alguém ou algum grupo, como já foi visto em tópicos anteriores deste capítulo. Por possivelmente ter a intenção de ridicularizar a comunidade homossexual, as piadas homofóbicas acabam legitimando e associando o mencionado grupo a algo cômico. Dessa forma, é possível perceber um controle social por meio desse gênero textual, convencionando-se, assim, o tema LGBTI+ como algo associado ao riso e ao deboche.

Marcuschi (2008) comenta que o controle social feito pelos gêneros é incontornável, pois fazemos parte de uma sociedade que nos molda em diversos aspectos, porém eles não são deterministas, o que quer dizer que os eventos seguintes não são inevitáveis.

Para Bazerman (2005, p. 29), as formas de comunicação que são reconhecíveis e autorreforçadoras se constituem como gêneros. Quando padrões de comunicação, como as piadas, são seguidos e realizados de acordo com o que as pessoas estão familiarizadas, será mais fácil para elas reconhecerem o que está sendo dito e entender que é um texto humorístico. O autor ainda comenta que nossas intenções podem ser mal compreendidas e que a falta de coordenação das nossas ações pode ser agravada quando a comunicação é feita por meio da escrita. Por isso, se um tipo de texto funciona bem em uma dada situação e possa ser melhor compreendido dessa maneira, a tendência é continuar escrevendo de forma similar.

Os gêneros não devem ser apenas definidos como um conjunto de traços textuais que ignoram o uso de forma criativa da comunicação para atender às necessidades atuais. Bazerman (2005, p. 31) faz a seguinte reflexão:

Podemos chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos como *fenômenos de reconhecimento psicossocial* que são parte de processos de atividades socialmente organizadas. Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas

reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos.

Observamos, então, que os gêneros são as formas que as pessoas dão para os fatos sociais. A maioria deles possui características que tornam a sua identificação mais fácil, pois possuem atributos que estão diretamente relacionados às suas principais funções. No entanto, é preciso enfatizar que há problemas em analisar gêneros, pois, segundo Bazerman (2005, p. 39):

[...] as pessoas podem receber cada texto de formas diferentes, por causa dos seus diferentes conhecimentos sobre gêneros, dos diferentes sistemas de que os gêneros fazem parte, das diferentes posições e atitudes que as pessoas têm em relação a determinados gêneros, ou das suas diferentes atividades no momento.

É possível refletir esse aspecto em piadas homofóbicas e como elas são lidas de diferentes maneiras. Um humorista que cria uma piada pode querer se sentir superior ao grupo LGBTI+ ou descarregar suas frustrações utilizando esse gênero textual. O leitor da piada pode também sentir o mesmo desprezo ou frustração, porém o alvo da piada, que é a comunidade homossexual, pode se sentir desprezado e agredido pelo conteúdo veiculado. Há também parte da comunidade LGBTI+ que não se sente ofendido pela piada, entendendo-a como algo irrelevante para definir e caracterizar o seu caráter, julgando como apenas um texto que cumpre a sua função de ser cômico.

Com essa breve definição sobre gênero, seguimos no próximo tópico com o objetivo de entendermos um pouco mais sobre uma de suas vertentes, que é a piada.

### **1.2.2 O gênero piada**

Sendo o principal foco deste trabalho, as piadas podem ser consideradas textos breves e de alguma importância para os estudos da análise de discurso (POSSENTI, 2010, p. 14). Elas constituem um material muito interessante de ser estudado, principalmente por abordarem temas socialmente controversos, como sexo, política, religiões, obesidade, homossexualidade, dentre outros. A esse respeito, Possenti (1998, p. 26) comenta: “As piadas funcionam em grande parte na base de estereótipos, seja porque veiculam uma visão simplificada dos problemas, seja porque assim se tornam mais facilmente compreensíveis para interlocutores não-especializados”.



É possível percebermos a conexão entre piadas e os estudos da ADC, pois elas abordam temas nos quais há discriminação de determinados grupos, como a comunidade LGBTI+, além de trazer aspectos ideológicos como as desigualdades sociais, assuntos estes que também possuem uma estreita relação com os discursos dominantes. Possenti (2001, p. 72) traz a seguinte ideia sobre os aspectos culturais e ideológicos utilizados na produção de piadas:

[...] as piadas fornecem simultaneamente um dos melhores retratos dos valores e problemas de uma sociedade, por um lado, e uma coleção de fatos e dados impressionantes para quem quer saber o que é e como funciona uma língua, por outro. Se se quiser descobrir os problemas com os quais uma sociedade se debate, uma coleção de piadas fornecerá excelente pista: sexualidade, etnia/raça e outras diferenças, instituições (igreja, escola, casamento, política), morte, tudo isso está sempre presente nas piadas que circulam anonimamente e que são ouvidas e contadas por todo mundo em todo o mundo.

Inferimos daí que as pessoas criam piadas também para rir de seus próprios problemas e ridicularizá-los. Assim, observamos que esse gênero textual sempre trabalha com estereótipos em relação à comunidade LGBTI+, sendo que a maioria, se não todas, das piadas geradas para o *corpus* deste trabalho envolvem homossexuais masculinos, travestis e transexuais, estigmatizando essa parcela do grupo como pessoas obcecadas e ávidas por sexo.

É bem verdade que só há piadas sobre temas polêmicos, até porque não serão criados textos humorísticos que pouco interessem às pessoas. Só serão objeto do humor os temas que se tornam populares de uma maneira geral, pois, desta maneira, poderão ser simplificados, resumidos e também estereotipados (POSSENTI, 2018). Notamos que praticamente inexistem piadas sobre assuntos que não fazem parte dos discursos populares ou que não se convencionou que aquilo seja engraçado, como a masculinidade.

Por falar em temas populares, Freud (1995) já relacionava em suas análises o fato de que a elaboração de uma piada conduz imediatamente ao impulso de contá-la para alguém. Esse impulso é tomado como um sentimento muito forte, fazendo a pessoa contar a piada mesmo que haja restrições severas como censuras ou abordagem de temas fortes e/ou proibidos como o racismo e, por que não, a homofobia, assuntos estes, de certa forma, combatidos pelo “politicamente correto”<sup>11</sup>.

No entanto, uma piada só irá atingir verdadeiramente o seu objetivo quando ela é comunicada a terceiros, quando a gargalhada se manifesta em outra pessoa. Por isso há a

---

<sup>11</sup> O site SIGNIFICADOS (<https://www.significados.com.br/politicamente-correto/>. Acesso em: 13 nov. 2019) define esse termo como “a neutralização de uma linguagem ou discurso, evitando o uso de narrativas estereotipadas ou que possam fazer referências às diversas formas de discriminação existentes, como o racismo, o sexismo, a homofobia e etc”.

necessidade de haver uma boa avaliação da piada, de que seja provado que ela alcançou esse objetivo. De acordo com Freud (1995), o processo psíquico nas piadas é a relação da primeira pessoa (o eu) com a terceira pessoa (que não está envolvida pela piada), que aprova e ri daquilo que foi contado.

Diferentemente, o cômico, ainda segundo as ideias mencionadas por Freud (1995), não envolve uma terceira pessoa, já que é possível rir mesmo na ausência de alguém. O cômico possibilita uma pessoa divertir-se sozinha quando ela encontra um texto em que há um ser que é considerado objeto de riso. Essas ideias nos levam a pensar que quando entramos em *sites* de piadas podemos nos divertir sozinhos enquanto lemos esses tipos de textos, sendo essa experiência relacionada com o cômico.

De acordo com Possenti (1998, p. 39), as piadas não são textos codificados, porém elas podem conter elementos linguísticos que apresentam mais de um sentido possível. Assim, cabe ao leitor descobrir o sentido menos óbvio para conseguir interpretar e entender o humor contido naquele texto. No entanto, Possenti (1998) argumenta que isso não é o suficiente, pois há outros “ingredientes” relevantes na interpretação, como a análise do próprio leitor e a relação com outros textos. O referido autor comenta:

[...] a piada frequentemente está relacionada com outro texto, ou com alguma informação, e exatamente aquela, mas o que se deve saber sobre as coisas de que os outros textos falam é muito pouco; em geral, bastam conhecimentos vaguíssimos. Dificilmente se exigirá um conhecimento exato e exaustivo para entender qualquer piada, porque ela usualmente adiciona um estereótipo. (POSSENTI, 1998, p. 39)

Pelo fato de boa parte das piadas exigirem um entendimento rápido, notamos que os assuntos não são complexos ou mesmo que a estrutura das frases mantém a ordem direta de sujeito, verbo e complemento, facilitando, assim, uma compreensão quase que imediata do texto. Esses fatos são corroborados na análise contida no quarto capítulo deste estudo.

Tendo em vista que o *corpus* deste trabalho se encontra na mídia *on-line*, mais precisamente em *sites* que contenham piadas homofóbicas, é importante ter um breve olhar sobre como os gêneros textuais manifestam-se nesse tipo de plataforma. A internet como meio de suporte para as piadas pode ter influenciado a forma como os gêneros são produzidos devido a novos tipos de interação que a mídia *on-line* possibilita, como a criação de memes<sup>12</sup> ou de uma linguagem que só funciona em ambiente virtual. Seguimos com a seção sobre mídia.

---

<sup>12</sup> De acordo com Adami ([2020]), “o Meme pode ser uma frase, *link*, vídeo, *site*, imagem entre outros, os quais se espalham por intermédio de *e-mails*, *blogs*, *sites* de notícia, redes sociais e demais fontes de informação”. Geralmente tendem a se espalhar pela internet pelo seu conteúdo engraçado ou por ser uma novidade que tenha relevância para as pessoas que navegam em ambiente virtual.

### 1.3 Mídia e internet

Nesta seção falaremos sobre a mídia e sua relação com a produção e circulação das formas simbólicas<sup>13</sup>. Abordaremos também a conexão entre a internet e os meios de comunicação para atuação dos movimentos sociais.

Assim, objetivando analisar os discursos que fomentam a discriminação da comunidade LGBTI+ em piadas homofóbicas, buscamos averiguar um dos principais ambientes no qual os textos humorísticos se propagam, que é a mídia *on-line*. A fixação das piadas na internet poderá ser melhor esclarecida quando começarmos a entender os propósitos da existência da mídia e da própria internet.

De acordo com Thompson (2011), o surgimento da mídia pode ser ligado ao século XV, mais precisamente com a criação das técnicas de imprensa de Gutenberg. Dessa forma, houve uma maior produção e disseminação das formas simbólicas, fatos esses que começaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, o que Thompson (2011, p. 220) nomeia como “mediação da cultura moderna”. O desenvolvimento das tecnologias que pudessem alcançar grandes massas<sup>14</sup> e propagar informações e ideias gerou a grande força que a mídia possui desde então.

Devido aos avanços tecnológicos, vários foram os meios materiais para que a informação pudesse ser disseminada e consumida pelo público. Podemos citar, como exemplo, o jornal impresso e, mais recentemente, a internet como alguns dos principais meios de transmissão cultural. Thompson (1998) comenta que o uso desses e de vários outros meios de comunicação criaram novas formas de ação e interação, bem como novos tipos de relações sociais. Dessa maneira, é possível enxergar oportunidades que instituições dominantes tiveram e têm de exercer o poder como, por exemplo, transformando aspectos da vida social por meio de mensagens veiculadas nesses meios de comunicação.

Aqui precisamos entender o papel da mídia na disseminação de informações, pois ela está envolvida em contextos sociais que implicam relações de poder (THOMPSON, 2011). Pelos meios de comunicação, como a internet, é possível que conteúdos como as piadas

---

<sup>13</sup> Thompson (2011, p. 79) entende como formas simbólicas “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos”.

<sup>14</sup> Abrimos um parêntese aqui para entender melhor o que é comunicação de massa. Thompson (2011, p. 287-288) entende “massa” como audiências relativamente amplas, porém, pode ser um conceito enganador, já que não deve ser tomado como um termo quantitativo, o que por vezes é determinado pelo número de pessoas que recebem o produto, mas deve ser entendido pela maneira como os produtos estão disponíveis a uma pluralidade de receptores. Dessa forma, diversas pessoas podem receber as mensagens transmitidas pelas indústrias da mídia em contextos sócio-históricos diversificados. Thompson (2011) comenta que o termo “comunicação” também pode ser enganador, já que sugere que os receptores possuem pouca contribuição no processo de comunicação. O referido autor sugere “transmissão” ou “difusão” como termos mais apropriados.

homofóbicas cheguem a um vasto e distinto público, o que pode influenciar a maneira como pensa, já que “as pessoas adaptam seu comportamento comunicativo para corresponder às oportunidades oferecidas pelo desenvolvimento dos novos meios” (THOMPSON, 2011, p. 27). O espaço que a mídia *on-line* ocupa atualmente na vida das pessoas é imensurável e traz como consequências grandes influências no comportamento delas. Com base nesse pensamento, Castells (2003, p. 42) enfatiza:

Uma vez que a internet está se tornando um meio essencial de comunicação e organização em todas as esferas de atividade, é óbvio que também os movimentos sociais e o processo político a usam, e o farão cada vez mais, como um instrumento privilegiado para atuar, informar, recrutar, organizar, dominar e contradominar.

Podemos dizer que a internet hoje é um dos principais meios pelo qual as pessoas se informam, se divertem e interagem umas com as outras. Castells (2003, p. 7) assevera que esse meio tem a capacidade de “distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana”. As atividades econômicas e culturais hoje se estruturam na internet e não estar conectado a ela significa estar excluído dessas e de outras atividades que fazem parte do mundo contemporâneo (CASTELLS, 2003).

Possivelmente, a internet, sendo um meio que proporciona uma maior circulação das formas simbólicas, acaba se tornando uma forma encontrada por autoridades detentoras de poder, como políticos e religiosos, por exemplo, para que o conteúdo veiculado por elas seja disponibilizado por mais tempo. Thompson (2011, p. 226) traz a ideia de que a fixação das formas simbólicas requer uma extensa acessibilidade para assim possibilitar um alto grau de fixação delas e também uma maior durabilidade. Seguindo esse pensamento, podemos refletir que a veiculação de piadas tenha esse propósito, já que elas não são datadas, pois é possível que a intenção de quem propaga ideologias dominantes seja a de que as formas simbólicas permaneçam por mais tempo nos meios em que são veiculadas.

É possível analisar os aspectos simbólicos da ideologia em piadas homofóbicas quando observamos que esses conteúdos influenciam a discriminação e a inferiorização da comunidade LGBTI+. Thompson (2011, p. 342) já afirmava que “vivemos num mundo, hoje, em que a experiência cultural é profundamente moldada pela difusão das formas simbólicas através dos vários meios de comunicação em massa”. Assim podemos pensar que a internet é um poderoso meio na (re) produção e disseminação de conteúdos de humor com teor homofóbico, fatos esses que se conectam com aspectos ideológicos de transmissão de formas simbólicas.

As ideologias, segundo Thompson (2011, p. 19), são características criativas da vida social que são sustentadas e reproduzidas em ações e interações, o que nos possibilita fazer

associações com formas simbólicas como as piadas, que acabam se tornando um terreno fértil para o estabelecimento e a sustentação das relações de poder. Desse modo, a homofobia, como um tema que ainda repercute entre instituições de poder como as religiões e a política, é disseminada em textos humorísticos e reproduzida em vários meios, como a mídia *on-line*.

Ainda segundo Thompson (2011, p. 292), há a preocupação de autoridades do estado e grupos reguladores em manter a ordem e regular a vida social de um território sob sua jurisdição quando tornam formas simbólicas mais acessíveis a um amplo público. É certo que nos tempos atuais a disseminação de piadas homofóbicas tem se tornado restrita a poucos *sites* porque já se discute mais a questão da homofobia. Porém, podemos pensar que *sites* como Portal do Humor e Piadas Engraçadas! possam ainda contribuir para a disseminação do humor em relação ao grupo de homossexuais como forma de manter uma ordem e ditar regras de comportamento de uma sociedade, fatos esses que serão melhor esclarecidos nas análises de piadas homofóbicas no quarto capítulo do presente estudo.

Assim, Castells (2003) assevera que a internet não é apenas uma tecnologia, mas sim um meio de comunicação em que movimentos sociais são mobilizados por meio de valores culturais. Esses movimentos adquirem um novo sentido quando assumem uma nova identidade em um mundo globalizado. Dessa forma, eles são formados em torno dos sistemas de comunicação porque conseguem alcançar aqueles capazes de se identificarem e aderirem a seus valores (CASTELLS, 2003, p. 144-145). Podemos refletir sobre esses movimentos sociais em dois pontos de vista: o ponto de vista homofóbico, que busca perpetuar a ideia de marginalização da comunidade LGBTI+ por meio de piadas homofóbicas veiculadas na mídia *on-line* e conservar as relações de poder de corporações como as religiões e a política, por exemplo; e o ponto de vista de movimentos que buscam respeitar minorias e evitar que se disseminem formas de preconceito nos mais variados meios de comunicação, como a internet, por exemplo.

Além disso, Castells (2003, p. 147) comenta que o poder está cada vez mais presente e funcionando em redes globais, o que possibilita os movimentos sociais sentirem a necessidade de obter um alcance global por meio das formas simbólicas e assim exercerem seu próprio impacto na mídia.

A internet foi criada como um meio para a liberdade, o que possibilitou a disseminação de informações pelo mundo todo de forma irrestrita. Diante disso, a propriedade intelectual teve de ser partilhada já que praticamente não seria limitada quando fosse disponibilizada nos meios *on-line* (CASTELLS, 2003, p. 173). Com isso, constatamos a disponibilização de vários

conteúdos na internet, inclusive aqueles que são considerados ofensivos, como as piadas homofóbicas. Castells (2003, p. 173) assevera que o paradigma da liberdade de expressão está na essência do que é a internet:

Tecnologicamente, sua arquitetura de interconexão irrestrita de computadores, baseada em protocolos que interpretam a censura como uma falha técnica, e simplesmente a burlam na rede global, tornava difícil - embora não impossível - controlá-lo.

A possibilidade de liberdade na internet é algo que se desenvolveu além do que inicialmente foi projetado para esse meio de comunicação. Observamos então que essa liberdade possibilita a difusão de conteúdos que estão fora do controle dos grandes grupos de mídia (CASTELLS, 2003, p. 202). Ainda de acordo com as ideias de Castells (2003), a internet atravessa as áreas particulares de expressão cultural, sendo sua comunicação relacionada na prática social. O referido autor comenta que a internet transcendeu as mídias audiovisuais, pois estas estão dominadas pela lógica do entretenimento e aquela tem como foco a transmissão de ideias e a comunicação.

Percebemos, então, que a mídia em si tem o propósito de divulgar ideias de grandes corporações detentoras de poder e que a internet é um suporte tecnológico atual de longo alcance para cumprir esse propósito. Seguimos agora com a seção que traz um breve histórico sobre a luta e a resistência da comunidade LGBTI+ para que haja um melhor entendimento da persistência da discriminação contra esse grupo.

#### **1.4 A homossexualidade através da história: intolerância e luta**

Pretendemos com esta seção apresentar um histórico de avanços da luta que os homossexuais já enfrentaram e ainda enfrentam, passando por discriminações e condenações feitas por religiões e pela ciência até o início da conquista de direitos, fatos esses que causaram muito sofrimento e morte.

É possível relacionarmos o histórico da aversão à homossexualidade ao Tratado das Degenerescências escrito por Morel em 1857, que, segundo Silva (2018, p. 60), “explica que os desvios do instinto sexual têm origem nas ideias antievolucionistas, ou seja, que caracterizam a decadência física e moral em consequência das condições higiênicas defeituosas”. Observamos, então, que o homossexual, assim como os criminosos, homicidas e as prostitutas, era um ser degenerado, pois se desviava da proposta de ser o primitivo do homem. Em oposição a essa ideia, surgiu a concepção de variabilidade e degradação da espécie.

A realidade cultural, principalmente nos meios médicos, associava essa degenerescência a um tipo de perversão homossexual, que por sua vez fazia ligação com um tipo de doença mental. O homossexual era considerado como “invertido”, pois se excitava de “maneira errada”, e era um doente que estava à mercê de seus impulsos e que necessitava da assistência e atenção médica (SILVA, 2018).

De acordo com Silva (2018, p. 64), em tempos mais antigos, principalmente na antiguidade greco-romana, não existia a divisão de homens heterossexuais ou homossexuais. O homem tinha normalmente relações sexuais com mulheres, escravos e jovens sem ser criticado ou julgado. No entanto, com o surgimento do Cristianismo, estabeleceu-se a ideia de ligação dos prazeres do corpo à maldição do pecado, pois Jesus Cristo veio ao mundo sem ser concebido pelo ato da conjugação carnal e, portanto, sem estar contaminado pelo sexo. Ainda segundo Silva (2018), foi Santo Agostinho quem contribuiu para essa ideia de ódio ao sexo, pois assim considerava que o prazer sexual é quem dissemina o pecado original às próximas gerações. Portanto, dentre os motivos de diversas religiões condenarem a homossexualidade está o fato de o sexo não ser feito para procriação, mas unicamente para o prazer, fato este considerado indigno e criminoso. Partindo-se dessa visão, religiões pregaram uma vida celibatária e apoiaram o ato sexual apenas para fins reprodutivos. Durante a Idade Média, não faltaram cristãos que criticassem a homossexualidade, impondo leis que condenavam os homossexuais à morte, inclusive com a queima na fogueira, com a justificativa de que eles procuravam um prazer antinatural que frustrava a fertilidade.

A religião cristã utiliza como argumento o que consta na Bíblia Sagrada, mais especificamente em Levítico 20:13 (BÍBLIA, 2017, p. 164), onde há o seguinte trecho: “Se um homem dormir com outro homem, como se fosse mulher, ambos cometerão uma coisa abominável. Serão punidos de morte e levarão a sua culpa”. Fica aqui a dúvida se os representantes religiosos ou os fiéis de religiões cristãs estão interpretando o trecho citado de maneira aleatória, a bel prazer, ou se isso é tido como um mandamento dentro da Bíblia, fatos esses que fazem diferença no momento em que a passagem é pregada, pois, sendo considerada um texto sagrado, poderá influenciar drasticamente a vida de uma pessoa em conflito com a sua sexualidade. Outra observação a ser feita é que, apesar de constar na Bíblia Sagrada, nem todas as pessoas aceitam tal crença, tendo em vista que muitos não se consideram cristãos e não se sentem obrigados a seguir as doutrinas do cristianismo.

Porém, há mais coisas relatadas na Bíblia Sagrada que são consideradas como abominação, mas que quase nunca são lembradas, pelo menos não tanto como a

homossexualidade, sendo elas: não usar tecidos de diferentes composições; não cortar o cabelo e a barba; não comer carne de porco nem frutos do mar; não usar joias; não possuir diferentes espécies de animais domésticos; além da obrigação de se casar virgem (HMC, 2016). Podemos refletir que diversas religiões condenam a homossexualidade por uma visão de que o sexo seja pecado e de que ele deva ser praticado apenas para fins reprodutivos, o que então evitaria a prática por prazer e manteria a integridade de um matrimônio.

As práticas sexuais oral e anal entre heterossexuais e a relação entre pessoas do mesmo sexo ganhou o conceito de “sodomia” na Antiguidade e na Idade Média (TREVISAN, 2018). Com o matrimônio se tornando um sacramento e a Contrarreforma sendo adotada pela maioria dos Estados católicos, os considerados desvios morais começaram a ser controlados pela Justiça, principalmente por serem associados a influências demoníacas.

Ressaltamos que muitas religiões se referem aos homossexuais como sodomitas, utilizando esse termo com base na história contada na Bíblia Sagrada sobre a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, castigo esse motivado pelo fato de que alguns homens que moravam nessas cidades tiveram a intenção de abusar sexualmente de anjos enviados por Deus. De acordo com Borrillo (2017, p. 13-14), São Tomás de Aquino (século XIII) considerava a sodomia como uma conduta sexual contrária à natureza, um pecado e um erro grave. A partir dessa ideia, o sodomita foi transformado em um inimigo público que poderia causar danos sociais com o seu comportamento anormal.

Segundo Trevisan (2018, p. 132), na Europa dos séculos XVI, XVII e XVIII, os praticantes de sodomia eram punidos por adeptos de diversas religiões com os mais diversos castigos, que iam desde multas, até prisão, açoite público, morte por fogueira e também empalamento. Era comum também no Brasil o incentivo da igreja católica para que as pessoas delatassem umas às outras se observassem que alguém tivesse pecado contra a fé e a moral dessa religião. Isso sem contar também os casos em que bastava apenas uma testemunha para acusar alguém de sodomia, pois era um caso de primeira necessidade em uma república considerada cristã (TREVISAN, 2018).

Segundo Teles (2011), por volta do fim do século XVIII, houve conflitos do sistema capitalista, que tem como base a família patriarcal, com a homossexualidade, pois, para aqueles, é preciso haver a continuidade da família para transferência da herança e manutenção da linhagem, além de que a mulher deveria se casar com o objetivo de gerar filhos. Silva (2018, p. 86) comenta que “a família patriarcal é uma instituição heterossexual que oprime todos os impulsos que contrariam suas regras”. Logo, a heterossexualidade era imposta a fim de que



todo esse parâmetro não fosse quebrado, e a homossexualidade era considerada um grande problema, pois havia o estigma de ser “defeituosa” uma pessoa que não vá deixar descendentes e também ser uma pecadora do ponto de vista da igreja cristã.

De acordo com Silva (2018, p. 86), entre os séculos XIX e XX, quando houve o afastamento de crenças dos dogmas de diversas religiões para se buscar explicações científicas sobre a homossexualidade, e também com a influência da opinião médica ganhando força, esse tipo de orientação sexual, que antes era vista como pecado e crime, passa a ser avaliada como uma patologia. Esse mesmo autor comenta que “as teorias médicas foram rapidamente aceitas pela elite e endossadas pelas Igrejas. O homossexual era punido pela Igreja, ameaçado pelo estado e difamado pela ciência” (SILVA, 2018, p. 86). O fato de ser considerado como um ser doente apenas mudou o jeito de ainda continuar sendo discriminado pela sociedade.

No século XIX, o Estado liberal apresentava certa preocupação com a mortalidade infantil, o que trouxe a ideia de que a família patriarcal não estava tendo os devidos cuidados com a saúde e a higiene. Por causa desse comportamento, o Estado foi cada vez mais adentrando nos lares, impondo certas autoridades, principalmente com relação aos dois assuntos mencionados (TREVISAN, 2018, p. 167-168). Assim, por causa da ideia de um padrão de corpo saudável que era fiel aos ideais de superioridade racial da elite branca, médicos-higienistas começaram a incutir ideias em toda população brasileira, pois “além do corpo, também as emoções e a sexualidade dos cidadãos passaram a sofrer interferências desse especialista [o médico-higienista], cujos padrões higiênicos visavam melhorar a raça e, assim, engrandecer a pátria” (TREVISAN, 2018, p. 168).

De acordo com essa linha de pensamento, Trevisan (2018) comenta que foram criados rigorosos modelos de conduta moral, o que levava ao ideal de sexo conjugal que conectava a uma sexualidade higienizada. Com a questão cultural de um matrimônio que garantisse uma vida física e moral mais segura, tudo o que se desvirtuasse a esse padrão seria considerado “anormal”. Dessa forma, os médicos passaram a condenar homossexuais como pessoas contrárias ao bem-estar biológico-social (TREVISAN, 2018).

Ainda conforme Trevisan (2018), o padrão higiênico, além de criar um cidadão reprimido e inteiramente disponível ao Estado, instaurou um cientificismo que exercia um controle terapêutico que superava até mesmo o controle religioso. Dessa maneira, a psiquiatria pôde ter o controle da ciência sobre pessoas que tinham uma prática sexual associada como “desviante”.

Foi também durante o século XX que houve transformações significativas e perseguições para com a população LGBTI+, como a implantação da boa família soviética por Stalin e a punição de homossexuais com prisão ou exílio na Sibéria, e também a condenação nos campos de concentração na Alemanha nazista, onde eram obrigados a usar um triângulo de cor rosa costurado em suas camisas para serem identificados (SILVA, 2018, p. 87).

Destacamos com importância o caso da Rebelião de Stonewall, em 28 de junho de 1969, como um memorável acontecimento na história de orgulho e revolução LGBTI+. O evento tem relação com um bar em Nova Iorque chamado Stonewall In, marcado como um ponto de encontro da população LGBTI+. O estado de Nova Iorque ainda mantinha como crime as relações entre pessoas do mesmo sexo e, por isso, locais como o referido bar eram vigiados pela polícia. Rossini (2020) comenta como era a rotina do bar:

Ainda que foi (sic) conhecido como “bar gay”, Stonewall era razoavelmente blindado contra o policiamento. Os donos do bar faziam parte da máfia italiana e pagavam propina para que os policiais ficassem sossegados. Grande parte do público era composto por jovens gays da periferia ou que foram expulsos de casa. Além disso, o lugar era muito frequentado por *drag queens*, que normalmente eram recebidas em outros bares com hostilidade.

Sendo um dos únicos lugares de aceitação livre para a comunidade gay na época, Stonewall foi invadido por policiais, que acabaram detendo 13 pessoas, alegando que houve violação do estatuto de vestuário, pois, segundo Rossini (2020), “naquela época, era exigido por lei que as pessoas usassem pelo menos três peças de roupas consideradas ‘apropriadas’ ao seu sexo”. Essa atitude gerou revolta nos frequentadores e vizinhos do bar, que começaram a jogar objetos na polícia, além de um manifestante ter colocado fogo no local onde a polícia estava. Nos cinco dias seguintes, houve protesto nas proximidades do bar contra a perseguição policial da comunidade LGBTI+. Por isso a Revolta de Stonewall ficou conhecida como o símbolo da liberação e do orgulho gay.

Já nos anos 1980, com o surgimento da aids, muitas religiões aproveitaram o momento para considerar essa doença como uma “punição divina” por conta da degradação dos valores morais. Infelizmente nesse período a situação ficou desfavorável aos gays, uma vez que a homossexualidade masculina ficou associada à aids, sendo denominada como um “câncer gay”. Silva (2018) comenta que muitas vertentes cristãs se referiam a essa doença como “epidemia de homossexuais”, “castigo divino”, “fruto de imoralidade”, e apresentavam como solução o abandono das práticas homossexuais. A aids então foi vista como uma maneira de a natureza “se vingar” da prática homossexual, tendo em vista que essa prática estaria comprometendo o

equilíbrio natural da vida, que é o de fazer sexo apenas para procriar e perpetuar a espécie humana.

Na primeira década dos anos 2000, houve a tentativa no Brasil de emplacar o PLC 122/06, projeto de lei que pretendia proteger a minoria LGBTI+ contra a violência física e moral, algo que infelizmente continua fazendo parte do cotidiano dessa comunidade. Os números de violência são alarmantes e colocam o Brasil como um dos mais intolerantes países do mundo em relação aos homossexuais<sup>15</sup>. Mesmo com os dados e notícias de violência divulgados pela mídia, grupos conservadores procuram minimizar essa questão ao argumentar que os números estatísticos de morte de LGBTI+ são pequenos quando comparados a quem não se enquadra nesse grupo (BAHIA, 2017, p. 31). Além disso, de acordo com Bahia (2017), esses mesmos grupos argumentam que o tal projeto de lei feriria a “liberdade de expressão” e a “liberdade religiosa”, além de reconhecer “superdireitos” que colocariam os homossexuais acima dos demais cidadãos. No entanto, é preciso enfatizar que é garantido aos religiosos defenderem suas crenças, mas se o discurso vai além disso e os gays forem tratados como pedófilos ou promíscuos, o foco acaba sendo o discurso de ódio.

Infelizmente o PLC 122/06 foi arquivado devido a uma grande pressão e influência da parte conservadora e religiosa da população brasileira, o que inclui aí a bancada evangélica no Congresso Nacional<sup>16</sup>, porém, em junho de 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF)<sup>17</sup> trouxe uma esperança à comunidade LGBTI+ ao criminalizar a homo e a transfobia, que agora se tornaram condutas comparáveis ao racismo, tipificando esse tipo de crime como inafiançável e com pena prevista de até cinco anos de prisão.

---

<sup>15</sup> Ver o já citado link do Grupo Gay da Bahia (<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>). Acesso em: 15 fev. 2021).

<sup>16</sup> De acordo com Cysne ([2021]), “o Congresso Nacional do Brasil é a sede do poder legislativo brasileiro em âmbito federal (União). Um órgão bicameral, ele é composto pela Câmara dos Deputados, com 513 parlamentares em mandatos de quatro anos, e pelo Senado Federal, com 81 representantes em mandatos de oito anos. Além de deter as principais funções legislativas do país e de ser responsável por sua fiscalização orçamentária, financeira e contábil, o Congresso é o principal órgão com função representativa do Brasil, ou seja, aquele que melhor representa a vontade dos cidadãos-eleitores, visto que todos os seus membros são escolhidos por eleição direta.”

<sup>17</sup> De acordo com o *site* do STF (disponível em <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verTexto.asp?servico=sobreStfConhecaStfInstitucional>). Acesso em: 2 abr. 2021), “o Supremo Tribunal Federal é o órgão de cúpula do Poder Judiciário, e a ele compete, precipuamente, a guarda da Constituição, conforme definido no art. 102 da Constituição da República. É composto por onze Ministros, todos brasileiros natos (art. 12, § 3º, inc. IV, da CF/1988), escolhidos dentre cidadãos com mais de 35 e menos de 65 anos de idade, de notável saber jurídico e reputação ilibada (art. 101 da CF/1988), e nomeados pelo Presidente da República, após aprovação da escolha pela maioria absoluta do Senado Federal (art. 101, parágrafo único, da CF/1988). Entre suas principais atribuições está a de julgar a ação direta de inconstitucionalidade de lei ou ato normativo federal ou estadual, a ação declaratória de constitucionalidade de lei ou ato normativo federal, a arguição de descumprimento de preceito fundamental decorrente da própria Constituição e a extradição solicitada por Estado estrangeiro.”

É preciso ressaltar que o mesmo STF, em 2011, mudou uma regra do Código Civil e entendeu que uma família não era apenas formada pela união de uma mulher com um homem, possibilitando, assim, a união estável de casais homossexuais. Todas essas mudanças nessa fase de transição para a comunidade LGBTI+ têm como influência as medidas adotadas pela ONU, OEA e União Europeia, que vinham motivando os países a adotarem medidas contra a homotransfobia.

A atualidade tem trazido algumas benesses aos homossexuais, embora ainda haja muita discriminação e violência para com tal grupo. Seguimos agora com uma subseção em que refletiremos alguns aspectos sobre o preconceito sexual contra a comunidade LGBTI+.

#### **1.4.1 A questão da homofobia**

Sendo o foco deste trabalho analisar as relações intratextuais e os discursos que fomentam a discriminação da comunidade LGBTI+ no gênero piada, é essencial adentrarmos de uma maneira mais detalhada no conceito de homofobia no Brasil e buscarmos raízes desse tipo de discriminação na cultura brasileira, pois o *corpus*, constituído por piadas, refere-se a esses textos humorísticos criados e disseminados em nosso país. O recorte deste estudo acaba tendo como foco os homens gays, as travestis e as transexuais, tendo em vista que a maioria das piadas homofóbicas têm como alvo esse grupo específico, conforme análise contida no quarto capítulo do presente estudo.

O termo “homossexualidade” foi criado e usado pela primeira vez em 1969 pelo médico húngaro Karoly Maria Benket. Segundo Trevisan (2018), foi por conta de um militante “uranista”, nome esse antigamente dado a homens que fazem sexo com outros homens, que surgiu o termo “homossexualismo”. O referido militante criou o termo com a finalidade de legitimar biologicamente a sua própria vocação homossexual, algo que acabou influenciando diversas áreas, dentre elas a psicanálise.

Já o termo “homofobia” foi usado por Kenneth Smith em 1971, embora sua origem seja atribuída ao psicólogo clínico George Weinberg (SILVA, 2018, p. 30). É possível falar brevemente que talvez “fobia”, em um sentido clínico, não possua relações fisiológicas que se assemelham a outros tipos de fobias. A atitude negativa ou de hostilizar alguém da comunidade LGBTI+ está diretamente relacionada a um preconceito sexual, porém, como já está convencionalizado que esse tipo de preconceito é chamado de “homofobia”, então será o termo utilizado neste trabalho.

O preconceito sexual está diretamente relacionado ao conceito da heteronormatividade, que tem como base a superioridade da orientação heterossexual sobre as demais formas de se expressar sexualmente. Esses valores heteronormativos são legitimados por instituições hegemônicas, pois, para Silva (2000), a identidade é uma relação social e a sua definição envolve relações de poder, sendo imposta e até mesmo disputada. A esse respeito, é na heteronormatividade que encontramos conexão da reprodução da dominação masculina na instituição família, sendo apoiada por religiões que incentivavam uma moral dominada por valores patriarcais e por dogmas que colocavam as mulheres como inferiores. Alia-se a isso o esforço do próprio Estado em ratificar as prescrições do patriarcado como encarregado de regulamentar as unidades domésticas (BOURDIEU, 2012, p. 103-105).

Segundo Silva (2018, p. 23), o preconceito contra homossexuais manifesta-se em todas as classes e os segmentos da sociedade, em nível de proporção mundial, e perdura através dos séculos nas mais diversas manifestações sociais, sendo elas reais ou simbólicas. Para uma parcela da sociedade, ainda há certa resistência em aceitar a despatologização da homossexualidade, mesmo que, no final do século passado, a Associação Americana Psiquiátrica (APA) e a Organização Mundial de Saúde (OMS) tenham tirado essa forma de manifestação sexual da categoria de transtornos mentais (SILVA, 2018, p. 23).

No entanto, cabe, primeiramente neste trabalho, o entendimento a respeito desse preconceito sexual, que muitas vezes leva o nome de “homofobia”, e como ele ainda faz parte da cultura brasileira. De acordo com Louro (2000, p. 19):

Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade.

É verdade que muitos casos de *bullying*, que é um tipo de ofensa feita de forma repetida durante um longo tempo, ocorrem com frequência no ambiente escolar, mas é questionável a afirmação da autora acima quando ela afirma que a homofobia é aprendida na escola, pois é possível que esse comportamento seja aprendido também em casa ou em outros ambientes sociais. Ainda assim, apesar de os dois termos se referirem a um sentido cultural e social, não é nossa intenção reduzir a homofobia ao *bullying*, pois aquela hoje é considerada crime no Brasil.

Vidarte (2019) aprofunda mais esse conceito colocando a “fobia” não como um medo de heterossexuais em relação aos homossexuais, mas sim com a falta de dignidade e de

humanização para com esse grupo. O mencionado autor (2019, p. 74) enxerga a homofobia da seguinte maneira:

[...] a homofobia não é te chamarem de bixona e você ter que dar no pé ou fazer uma denúncia, mas que a homofobia é uma bixa não ter onde morar, não ter trabalho, nem poder ocupar cargos de responsabilidade, o fato de a adoção não ser tão fácil, de continuem (sic) perguntando se ela “ouve vozes” quando vai fazer uma operação de mudança de sexo, de continuarem considerando-a uma doente de disforia e de ser prescrito um acompanhamento psiquiátrico porque, para a lei, sua saúde mental continua sob suspeita.

Refletimos, a partir desse pensamento, que a homofobia pode também ser considerada como um ato de desamparo a um ser humano LGBTI+ em suas necessidades básicas, assim como o desemprego de alguém transexual e até mesmo um acompanhamento forçado a um psicólogo feito por pais que não aceitam uma orientação sexual diferente de seus filhos. A homofobia então está relacionada a manter a comunidade LGBTI+ em um lugar à margem da sociedade, mais do que qualquer tipo de medo que esse grupo possa incutir em alguém que não seja homossexual.

O preconceito sexual no Brasil possui uma forte ligação com o machismo, que considera o feminino inferior. Dessa forma, homens que expressam seus sentimentos e são considerados mais sensíveis estão suscetíveis a vários tipos de discriminação, inclusive verbal e física. Silva (2018, p. 32) comenta que: “A homossexualidade masculina é classificada como pertencente ao lado “feminino” e, por causa dessa associação, o homossexual passa a ser sinônimo de afeminado. As relações de poder hierarquizam e inferiorizam a mulher e os homossexuais”.

Existe o estereótipo de que o feminino é recluso, frágil e passivo, características totalmente opostas ao conceito de masculino, que é viril, ativo, dominador e forte (BOURDIEU, 2012). Pelo fato de o homossexual se aproximar do que é considerado feminino, as pessoas com sentimentos homofóbicos passam a rejeitá-lo. No entanto, é possível que a própria homofobia signifique um mecanismo de defesa de uma heterossexualidade frágil e uma possível negação de algo inaceitável de si (SILVA, 2018).

Um possível fator que contribua com a discriminação aos homossexuais é a sua relação com os estereótipos, algo que é comumente relacionado a minorias e possibilita julgamentos e preconceitos. Estereótipos são formas de simplificar e generalizar os outros, muitas vezes de maneira equivocada, o que acaba trazendo um grande sofrimento psicológico para quem é rotulado (SILVA, 2018). Muitas vezes os homossexuais são considerados como ávidos por sexo, como se os heterossexuais não pensassem sobre esse tema também, e são rotulados como pessoas frágeis, sensíveis e que desejam se parecer ou se tornar alguém do sexo oposto. Por

causa desses estereótipos e generalizações, a comunidade LGBTI+ sofre discriminação e violência, seja física, verbal ou até mesmo sexual, tendo em vista serem considerados(as) como pessoas que carregam todo um histórico de pecado e conduta sexual contrária à natureza, fatos esses já mencionados na seção anterior.

Aliado a isso, existe a crença também de que “a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer com que os/as jovens se juntem às comunidades gays e lésbicas” (BRITZMAN, 1996, p. 79). Esse tipo de preconceito acaba se tornando bastante equivocado, tendo em vista que não existe a comprovação de que o debate sobre o assunto “homossexualidade” tornará alguém LGBTI+ instantaneamente.

Quando existe uma possível crise de identidade, ela influencia e abala as estruturas da sociedade, pois de certa maneira transforma e muda a visão em relação aos pontos de referência que os indivíduos possuem. A fim de evitar isso, as instituições hegemônicas buscam uma definição concreta de um “verdadeiro sexo”, que não deixe margem para as incertezas ou complicações sociais (FOUCAULT, 1984, 1988). Com isso, temos a questão das identidades, que muito se assemelham a um sistema de classificação, no qual um sujeito assume somente uma posição, não havendo meio termo ou a possibilidade de não se classificar. Hall (2000, p. 112) traz a seguinte ideia:

As identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo, sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeitos que são nelas investidos.”

As identidades não são algo fixo e que nasce com o ser humano, mas são formadas através do tempo por diversos processos de socialização. No entanto, a identidade masculina é associada à ideia de possuir, penetrar e dominar. Se um homem é dominado por outro homem, esse ato é associado a uma perturbação de sua identidade de gênero. Silva (2018, p. 51) comenta: “A expressão 'identidade de gênero' se refere à mescla de masculinidade e feminilidade em um indivíduo, isso significa dizer que se encontra uma composição do masculino e do feminino em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes”.

Com isso, é gerada uma expectativa de comportamento antes mesmo de a criança nascer, o que posteriormente será cobrado desse ser um enquadre masculino ou feminino, tendo em vista o seu sexo biológico. No caso do homem, espera-se que seja considerado “normal” que ele se identifique com o sexo masculino, que desempenhe o papel do gênero masculino e que seja heterossexual. O homossexual, como não se enquadra em alguns desses critérios, é visto

como “anormal”, sendo o polo invertido do que a natureza propôs. Segundo Silva (2018), aceitar-se, primeiramente, como homossexual e depois assumir-se publicamente demanda uma mobilização emocional, algo como travar uma luta interna e decidir se irá seguir o que a sociedade determina como comportamento padrão ou se irá se permitir sentir-se livre e coerente com seus sentimentos.

Para Silva (2018, p. 57), pesquisas como a de Gagnon (2006) revelam que muitos homens já tiveram experiências homossexuais durante a adolescência, o que pode nos levar a pensar, por outro lado, que possa existir uma negação a ponto de considerar como doença a homossexualidade apenas com o objetivo de garantir e manter intacta a heterossexualidade desses indivíduos.

Assim, inferimos que o preconceito e a falta de conhecimento sobre determinado assunto são fatores que estão ligados intimamente. Tendo como foco a homossexualidade, percebemos que a falta de empatia de algumas pessoas está ligada a processos históricos que talvez nem elas mesmas entendam, assim como também podem não entender seus próprios desejos sexuais por pessoas do mesmo sexo, fatores esses que as levam a reprimir e possivelmente destruir aquilo que as incomoda. Por isso, a visibilidade e a luta por respeito à comunidade LGBTI+ é importante e deve ser constante na busca pela diminuição do preconceito sexual. Direitos vêm sendo conquistados com o passar dos anos, graças a um olhar mais humano de organizações internacionais, assunto esse que abordaremos na próxima seção.

#### **1.4.2 Os direitos humanos**

Ainda na intenção de abordarmos as transformações na questão do respeito e dos direitos com relação à comunidade LGBTI+, abrimos esta seção para falar dos direitos humanos e sua contribuição na construção de caminhos com relação à tolerância ao referido grupo.

Esclarecemos que os aspectos aqui refletidos estão em conformidade com a linha de pesquisa que trabalhamos, sendo ela voltada aos direitos humanos e diversidades e à Análise de Discurso Crítica, *Discurso e Recursos Sociosemióticos em uma Perspectiva Crítica*, além do Projeto de Pesquisa *Questões de Gênero e Construção de Identidades no Discurso*, sob orientação da professora doutora Carmem Jená Machado Caetano.

Os direitos humanos estão relacionados a direitos garantidos por normas internacionais e têm o propósito de proteger as pessoas ao proporcionar diversas liberdades, como civis, políticas, dentre outras (MAZZUOLI, 2018). São direitos indispensáveis a uma vida digna, devendo todos os Estados e as nações respeitarem, podendo sofrer pena de responsabilidade



internacional caso não cumpram essas normas. Dessa forma, qualquer cidadão em qualquer parte do mundo pode requerer esses direitos.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>18</sup>, em seu artigo 1º, estabelece que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”. No entanto, nem todas as pessoas possuem igualdade de direitos, principalmente se forem grupos com ideias e atitudes diferentes do pensamento de uma parcela mais conservadora da sociedade, como é o caso da comunidade LGBTI+. Essa comunidade tornou-se marginalizada por ter pouca vez e voz na política e na elaboração de direitos que a proteja de agressões físicas e verbais, sendo considerada como uma minoria<sup>19</sup>.

Pelo fato de a população LGBTI+ pertencer a um grupo minoritário que necessita de amparo de ordem jurídica estatal, é preciso ser aplicado o princípio da igualdade formal, que propõe “tratar os iguais de forma igual e os desiguais de forma desigual, na medida de suas desigualdades”. Mas, mesmo com o que foi estabelecido no acordo dos direitos humanos, ainda existem muitos países que condenam a homossexualidade. Mazzuoli (2018, p. 392) cita como exemplo Uganda, país onde a prática de relação sexual com alguém do mesmo sexo leva à condenação e à prisão perpétua; e várias outras nações que proíbem a entrada de homossexuais em seu território. Assim, por existirem países com esse tipo de conduta, a discriminação e violência contra a comunidade LGBTI+ está longe de ter um fim.

No caso do Brasil, a nossa Constituição (1988) não menciona a orientação sexual de uma maneira específica, limitando-se apenas em seu art. 3º, IV, que um dos seus objetivos é “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. Dessa forma, não há visibilidade quanto ao fato de respeitar as diversas formas de se manifestar sexualmente, o que pode prejudicar o combate ao preconceito.

Felizmente, por outro lado, temos como exemplo a Lei Orgânica do Distrito Federal (1993), que, em seu art. 2º, parágrafo único, menciona, dentre várias outras características elencadas, que ninguém será discriminado por sua orientação sexual. Por haver essa menção na

---

<sup>18</sup> Disponível no *site* United Nations Human Rights (<https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>). Acesso em: 18 ago. 2020).

<sup>19</sup> Mazzuoli (2018, p. 294) define minorias como “grupo de pessoas que não têm a mesma representação política que os demais cidadãos de um Estado ou, ainda, que sofrem histórica e crônica discriminação por guardarem entre si características essenciais à sua personalidade que demarcam a sua singularidade no meio social, tais como etnia, nacionalidade, língua, religião ou condição pessoal; trata-se de grupos de pessoas com uma identidade coletiva própria, que os torna ‘diferentes’ dos demais indivíduos no âmbito de um mesmo Estado.”

referida lei, a população LGBTI+ encontra-se respaldada na hora de exigir respeito por ser quem é.

Ainda de acordo com as obrigações internacionalmente acordadas no âmbito dos direitos humanos, nenhum país pode autorizar a discriminação por identidade ou orientação sexual (MAZZUOLI, 2018). É certo que proteger os direitos da comunidade LGBTI+ é garantir a dignidade de cada ser humano pertencente a esse grupo.

Observamos, então, que ainda são recentes as leis que mencionam os homossexuais e lhes proporcionam dignidade. Talvez ainda leve algum tempo para que as pessoas assimilem que o respeito à comunidade LGBTI+ agora tem respaldo da lei e que atos contrários são passíveis de punição. Esperamos que todo o preconceito construído por hábitos culturais e influenciados por diversas religiões e pela ciência seja substituído pela aceitação das diferenças propostas nas leis de direitos humanos.

### ***1.4.3 Lésbicas e bissexuais sem humor***

Toda a questão que trouxe inquietação a este pesquisador se esbarra em um paradoxo: é feito humor ofensivo e debochado com ênfase nos homens gays, nas travestis e nas transexuais; no entanto não é comum haver piadas discriminatórias que envolvam bissexuais e lésbicas, conforme uma tendência decorrente da minha experiência pessoal e acadêmica. Para compreender melhor o porquê de esse grupo praticamente não ser atingido pelo humor ofensivo, é necessário analisar em partes.

Observamos que muitas pessoas não acreditam na questão da bissexualidade, nem mesmo entre pessoas do grupo LGBTI+. Para elas, ou se é heterossexual, ou se é homossexual, pois “muita gente enxerga a bissexualidade como uma orientação conveniente e inventada, usada por homens em negação quanto à sua homossexualidade e por mulheres que só querem experimentar” (CRUZ, 2017).

Talvez por não se assumirem tanto como tem sido para as lésbicas e os gays nos últimos anos, os bissexuais perdem visibilidade e crença até mesmo dentro da comunidade LGBTI+, o que, de certa forma, pode acabar tornando-os invisíveis para várias outras questões, dentre elas o fato de serem irrelevantes para que se construa humor em torno deles.

Em relação às lésbicas, existe o estereótipo de que não há humor em torno delas, o que Kulick (2008, p. 14) comenta que “pode-se pensar que o estereótipo é uma manifestação da homofobia, expressada precisamente em caricaturas denegridoras de homossexuais”. No

entanto, o mesmo autor comenta que os homens gays são também vítimas de homofobia e estereotipados no sentido oposto, ou seja, de que são engraçados.

Talvez nem as próprias lésbicas saibam se existe ou não um tipo de humor lésbico. O próprio estereótipo criado para elas pode acabar trazendo uma imagem negativa, como se elas não fossem humanas ou até mesmo incapazes de rir. Decerto, considerar o grupo de lésbicas como sem humor, possa ser uma forma de inviabilizar a imagem delas. A respeito disso, Kulick (2008, p. 23) comenta:

Reivindicar que um grupo em particular não tem senso de humor é uma fatídica declaração de que lhes falta humanidade. Aristóteles pensava que o riso era o que distinguia a espécie humana dos animais – uma reivindicação incontestada por mais de dois milênios. O significado disso, em termos sociais, é que estimular uma visão de que grupos particulares são sem humor equivale a desumanizá-los.

É possível que dentre o grupo de lésbicas haja humor sobre suas atitudes, gostos ou gestos, porém isso não transcende e não é de conhecimento da maioria das pessoas, seja por uma questão de as lésbicas serem mais reservadas ou talvez pelo fato de que seja risível o masculino se inferiorizar e “tornar-se” feminino. Portanto, um homem “perder” a sua masculinidade pode ser mais “digno” de deboche e de inferiorização do que uma lésbica masculinizada.

Kennedy e Davis (1993, p. 383 *apud* KULICK, 2008, p. 25), em seus estudos sobre a comunidade de lésbicas em Nova York, nos anos 1940 e 1950, observaram que as mulheres homossexuais não possuem um tipo de humor *camp*<sup>20</sup>, que é uma característica típica dos homens gays, mas sim uma identidade de luta pelos direitos das mulheres. Um outro fator que Kulick (2008, p. 26) menciona é que as “bichas” tiveram de aprender a se defender de agressões físicas e verbais de pessoas homofóbicas e por isso desenvolveram um mecanismo de defesa por meio do humor *camp*.

Já para Walker (1988, p. 140 *apud* KULICK, 2008, p. 27), o estigma da falta de humor das feministas relaciona-se ao fato de elas se dedicarem a causas sociais e, por conta disso, acabam “fracassando” no critério de não serem devotadas aos homens.

Kulick (2008, p. 30) ainda traz a reflexão sobre os motivos do ideal de masculinidade não gerar humor. Para ele:

A masculinidade não é engraçada. Ela só se torna engraçada quando é vista como uma masculinidade fracassada, que não consegue personificar as qualidades sutis, evidentes, contidas e não-performativas que caracterizam as noções correntes do que

---

<sup>20</sup> Conforme consta no artigo de Kulick (2008, p. 14), o humor *camp* refere-se a algo irônico, sarcástico, debochado, extravagante e teatralizado, tipicamente associado a homens gays afeminados.

deve ser um homem. Perceba a diferença: enquanto o humor é gerado a partir do *fracasso* da masculinidade, também é gerado a partir do *sucesso* da feminilidade.

A partir dessa reflexão, percebemos que homens gays afeminados possuem forte ligação com o deboche, seja pela proximidade com o feminino, seja com o estereótipo de que é inferior. Ainda para Kulick (2008), mesmo que as lésbicas mais masculinas personifiquem um tipo de masculinidade não-performativa e fracassem nesse desempenho, elas parecem não se importar com o sucesso ou não dessa performance, atitudes essas que as transformam em ícones da seriedade e da falta de senso de humor.

### 1.5 Algumas considerações

Considerando toda a contextualização feita neste primeiro capítulo, é possível refletirmos que o humor é marcado sobre como sentir prazer e dor em relação a seu objeto. Uma das maneiras de expressar o humor homofóbico é por intermédio de piadas, gênero textual esse que já esteve bastante presente em jornais e revistas e que ocupa hoje um espaço próprio na mídia *on-line*.

Por se tratar de uma forma de comunicação moderna e ágil, a internet possibilita um alcance maior de usuários e consumidores de piadas, o que facilita a reprodução desse tipo de conteúdo. Por haver um maior fluxo de formas simbólicas na mídia, aspectos culturais e ideologias têm a oportunidade de reiterar o seu poder.

Dessa forma, o prazer sentido em ler piadas homofóbicas pode indicar que os leitores desse tipo de conteúdo se sintam superiores à comunidade LGBTI+, ao mesmo tempo em que também possa haver o sentimento de inveja, sentimento ocasionado quando se tem a intenção de humilhar uma pessoa ou um grupo e que também faz realçar os “defeitos” do grupo alvo. Daí esse mesmo leitor tende a perceber um realce de suas qualidades, pois ele não se sente pertencendo ao grupo zombado.

Neste capítulo também refletimos sobre as possíveis origens da homofobia, como a condenação feita por religiões e a patologização feita pela ciência, fatos esses que contribuíram negativamente em relação ao modo de se expressar sexualmente. A luta da comunidade LGBTI+ foi e ainda continua sendo árdua no sentido de conquistar direitos e o respeito da sociedade, sendo que ainda existem empecilhos que vão de encontro a esses avanços legais e sociais, pois a orientação sexual ainda é considerada motivo de piada e chacota por uma parcela da sociedade.

No capítulo que se segue, observaremos as questões de ideologia e poder, bem como o conceito de discurso que teoriza as práticas discursivas em piadas e as noções de identidades da população homossexual.

## 2 A ANÁLISE DE DISCURSO COMO UMA TEORIA NUCLEAR E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DO SUJEITO LGBTI+

*O que vão dizer de nós?  
Seus pais, Deus e coisas tais  
Quando ouvirem rumores do nosso amor*

*Baby, eu já cansei de me esconder  
Entre olhares, sussurros com você  
Somos dois homens e nada mais*

*Eles não vão vencer  
Baby, nada há de ser em vão  
Antes dessa noite acabar  
Dance comigo a nossa canção!*

*E flutua, flutua  
Ninguém vai poder querer nos dizer como amar*

*(Johnny Hooker part. Liniker - Flutua)<sup>21</sup>*

**G**eramos o início deste capítulo a partir do trecho de uma canção que descreve a angústia de dois homens gays que se amam e ainda possuem dúvidas sobre como assumir esse amor e enfrentar a tudo e a todos que estão ao seu redor. Assim, eles demonstram estar preocupados com o que dirão sobre eles, principalmente as pessoas influentes em suas vidas e as instituições que detêm o poder hegemônico e cerceiam a fala de minorias.

Nessas relações de dominação presentes no cotidiano de pessoas LGBTI+ é que podemos analisar o discurso como prática social, sendo importante abordar as contribuições da Análise de Discurso Crítica (ADC) de Chouliaraki e Fairclough (1999) e de Fairclough (2003, 2016), com o objetivo de investigar de maneira crítica os discursos homofóbicos em forma de piadas.

Assim, na primeira seção deste capítulo, apresentamos a ADC de linha inglesa desenvolvida por Fairclough na década de 1980, tendo em vista a importância desse aparato teórico que servirá de base para a análise das piadas homofóbicas.

Em seguida, discutimos questões de ideologia, poder e hegemonia como um importante alicerce na formação dos discursos de fomento à discriminação social, com base nas concepções de Foucault (1988), Thompson (2011) e Fairclough (2016).

---

<sup>21</sup> JOHNNY HOOKER part. LINIKER. *Flutua*. São Paulo: gravadora independente, 2017. Disponível em: <https://www.deezer.com/br/album/44731281>. Acesso em: 10 mar. 2022.

Abordamos no terceiro tópico a representação dos atores sociais tal como preconizado por van Leeuwen (1997), a fim de investigar como a comunidade LGBTI+, mais precisamente os homossexuais masculinos, travestis e transexuais, são representados no discurso.

Na quarta, quinta e sexta seções, discorreremos sobre os aspectos da teoria das identidades, começando com as concepções abordadas por Hall (2000, 2006), Fairclough (2016) e Castells (2018), passando pelas siglas usadas para representar a diversidade sexual, chegando até a discussão da teoria da identidade de gênero e da teoria *queer* abordadas por Foucault (1988) e Butler (2018).

Na última seção, discutimos a teoria da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday e Matthiessen (2014) a fim de ampliar a discussão sobre as piadas homofóbicas veiculadas na mídia *on-line*. Essa teoria aborda a relação do texto com o contexto social em que os usos linguísticos ocorrem, o que é importante para o entendimento dos significados, principalmente nas piadas. Seguimos com a primeira seção deste capítulo.

## **2.1 As contribuições da Análise de Discurso Crítica**

Nesta seção, faremos introdução à dimensão teórica da Análise de Discurso Crítica (ADC), bem como a sua relação ao que é proposto neste trabalho, que é analisar as relações intratextuais e os discursos que fomentam a discriminação da comunidade LGBTI+ no gênero piada.

A ADC originou-se de diversos estudos, dentre os quais destacam-se os de Foucault (2008). É certo que o trabalho desse autor na análise de discurso possui influência sobre as ciências sociais e as humanidades, pois, como assevera Fairclough (2016, p. 64), “representa uma importante contribuição para uma teoria social do discurso em áreas como a relação entre discurso e poder, a construção discursiva de sujeitos sociais e do conhecimento e o funcionamento do discurso na mudança social”. Assim, o interesse de Foucault são as práticas discursivas como constitutivas do conhecimento, com ênfase em discursos específicos como as ciências humanas, a medicina, dentre outros.

Os estudos arqueológicos de Foucault (2008) abordam os discursos constituindo os objetos de conhecimento e os sujeitos, como também a interdependência das práticas discursivas de uma sociedade na qual os textos remetem a outros textos. Segundo Fairclough (2016, p. 66), Foucault vê a análise de discurso como uma análise de enunciados, que, por sua vez, “é uma série de formas de analisar desempenhos verbais”. Assim, Foucault não fazia

relação entre análise de discurso com análise linguística e nem o discurso com a linguagem (FAIRCLOUGH, 2016, p. 67).

Segundo Fairclough (2016, p. 85-87), Foucault não trabalha com análise discursiva e linguística de textos empíricos. O que transparece em seu discurso é o fato de a resistência ser contida pelo poder e não se mostrar como uma ameaça, o que quer dizer que não vai além dos parâmetros de uma formação discursiva.

Para Foucault a visão da natureza do poder em sociedades modernas situa o discurso e a linguagem no centro das práticas e processos sociais. Ao mesmo tempo que o poder se relaciona com o controle das populações, ele é implícito nas práticas sociais cotidianas, obtendo sucesso quando esconde seus próprios mecanismos (FOUCAULT, 1988, p. 83).

Foucault comenta que o poder estabelece uma relação negativa ao sexo, seja negando-o ou ocultando-o. Assim, o sexo é interditado, sendo induzido a renunciar a si mesmo para que não seja suprimido (FOUCAULT, 1988, p. 81). Infere-se que, se for libertado, o sexo se torna imune às relações de poder, não sendo mais gerido ou controlado por elas. De acordo com Foucault (1988), a sexualidade, na sociedade moderna, tornou-se objeto de discursos médicos, jurídicos e psicológicos, trazendo, assim, a verdade científica a respeito de nós mesmos (OKSALA, 2011).

Com base na perspectiva genealógica de Foucault (1987), é possível pensar que as grandes transformações históricas a respeito da homossexualidade, como já abordado no capítulo 1, trazem efeitos para as práticas discursivas e, por consequência, aos processos de mudança social. Da abordagem do pecado à patologização da homossexualidade, muitos discursos já foram feitos a esse respeito, o que possivelmente influenciou o modo como esse tipo de expressão sexual ainda é visto nos dias atuais, sendo condenado por religiões ou considerado como doença por uma parcela da sociedade. Essas práticas discursivas ainda encontram o seu espaço nas piadas homofóbicas por abordarem de uma maneira explícita ou velada todo o discurso já produzido em torno da homossexualidade.

Assim, Foucault (2008) trouxe uma grande contribuição para a análise de discurso ao abordar a visão do discurso como constitutivo, algo que contribui para a transformação e reprodução dos objetos da vida social (FAIRCLOUGH, 2016, p. 68). Desse modo, tem-se a noção da relação ativa do discurso com a realidade, com a linguagem construindo significados para a realidade.

No entanto, Fairclough mostra o contraste entre essa teoria e a Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO), proposta por ele, quando menciona que esta última “está



preocupada, em princípio, com qualquer tipo de discurso” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 64), além de enfatizar que a análise de textos da língua falada ou escrita é parte essencial da ADTO. Fairclough considera as áreas do discurso e poder e do funcionamento do próprio discurso abordadas por Foucault como fracas e pouco desenvolvidas.

Desse modo, Fairclough (2003, p. 6) menciona que a sua abordagem sobre a análise de discurso “é baseada na suposição de que a língua é uma parte irredutível da vida social dialeticamente conectada a outros elementos da vida social, de forma que não se pode considerar a língua sem levar em consideração a vida social”. É fato então que fazer uma pesquisa social remete sempre à questão da linguagem. Seria impossível, por exemplo, estudar o humor, e mais especificamente o humor homofóbico, por meio de piadas, sem fazer uma associação da vida social com a linguagem, pois são elementos intimamente conectados, algo que faz relação com a descrição de determinada situação para ocasionar o efeito humorístico.

Também Wodak (2001, p. 2) traz contribuições ao conceito da ADC ao comentar que essa teoria “tem o propósito de investigar criticamente a desigualdade social, porque ela manifesta-se, constitui-se e legitima-se no uso linguístico”. Destacamos, então, a importância dessa teoria na construção da presente pesquisa, pois a ADC nos oferece um suporte científico para analisarmos os discursos e as relações de poder que fazem perpetuar o preconceito contra a comunidade LGBTI+.

Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 52) comentam que o papel da ADC “prioriza o exame de situações específicas” e pode implicar uma mudança social, no qual uma transformação da realidade pode ser provocada por intervenções sociais, como no âmbito religioso, por exemplo, e também implicar uma mudança discursiva, principalmente na intervenção da natureza discursiva, havendo um apelo ao simbólico na construção de algo consensual e hegemônico (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017, p. 52).

Em relação ao discurso, Fairclough (2016, p. 94) entende que esse termo seja o uso da linguagem como forma de prática social. Assim, o discurso é considerado um modo de ação, um modo de representação e uma maneira pela qual as pessoas podem agir sobre o mundo. É bem verdade que o discurso é moldado pelas relações sociais como, por exemplo, as normas e as convenções sociais. Fairclough comenta sobre três importantes aspectos dos efeitos construtivos do discurso, quais sejam: a construção de identidades sociais e posições do sujeito; a construção de relações sociais entre as pessoas; e a construção de sistemas de conhecimento e crença (FAIRCLOUGH, 2016, p. 95). Esses aspectos correspondem, respectivamente, a três funções da linguagem e dimensões de sentido que coexistem e interagem entre si no discurso:

função identitária, função relacional e função ideacional. Podemos visualizar melhor esses aspectos no quadro abaixo:

**Quadro 1** - Funções da linguagem

<b>F U N Ç Ã O</b>	<b>IDENTITÁRIA</b>	Relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso.
	<b>RELACIONAL</b>	Relaciona-se a como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas.
	<b>IDEACIONAL</b>	Relaciona-se ao modo pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações

Fonte: adaptado de Fairclough (2016, p. 96).

Ressaltamos que, para Fairclough (2016), o discurso como política e ideologia estão ligados ao conceito de hegemonia, ideia esta que veremos mais à frente. O discurso como prática política “estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas [...] entre as quais existem relações de poder” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 98). Podemos inferir que diversas religiões estabelecem em seus discursos a noção de pecado com relação à homossexualidade, assim como os discursos de parlamentares brasileiros, que já combateram projetos que discutem a homofobia e o casamento gay, por exemplo. Essas instituições detentoras de poder articulam os discursos para cercear a fala das minorias, como a comunidade LGBTI+, e não perderem as suas relações hegemônicas de poder.

Já o discurso como prática ideológica “constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 98). Podemos entender essa prática quando religiões associam a homossexualidade ao pecado e à destruição da família, e quando os discursos parlamentares conectam esses e outros tipos de significados, como a pedofilia, a quem se relaciona com alguém do mesmo sexo, gerando esses significados discriminatórios no exercício de seu poder.

Ainda segundo Fairclough (2016), a análise de discurso está relacionada a transformações sociais, aspectos esses encontrados em discursos políticos, na escola, em diversos ambientes religiosos e também em gêneros textuais como piadas. Será visto mais adiante como as piadas homofóbicas podem contribuir para essas transformações e como elas influenciam na discriminação da comunidade LGBTI+.

Fairclough (2016, p. 94) assume usar a palavra “discurso” como o uso da linguagem em forma de prática social e não como uma atividade individualizada. Isso já demonstra que o

discurso é uma forma de as pessoas agirem sobre o mundo e sobre os outros. Aqui é possível refletir que quando se faz piadas sobre gays, louras ou portugueses, reforça-se um estereótipo que alguém quer repassar adiante, o que de certa forma contribui para a formação de um preconceito. Sobre isso, Fairclough (2016, p. 95) comenta: “O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes”.

Ainda de acordo com o autor, o discurso constrói os significados no mundo, o que pode ser relacionado ao poder discursivo que o gênero textual piada pode trazer quando se constitui socialmente que falar de um público específico, no caso dos homossexuais, remeta à zombaria, à inferiorização como ser humano, à patologização e até mesmo à demonização.

Dessa forma, Magalhães (2005, p. 3) comenta que a ADC “desenvolveu o estudo da linguagem como prática social, com vistas à investigação de transformações na vida social contemporânea”, o que pode ser relacionado ao estudo do discurso em piadas homofóbicas e o seu papel crítico relacionado a problemas sociais como a homofobia. Quando a ADC é relacionada a mudanças e transformações na sociedade contemporânea, ela enfatiza, segundo Giddens (2002), uma modernidade posterior ou tardia. Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 22) comentam:

Giddens usa o termo “modernidade posterior” (ou tardia) em relação às transformações econômicas e socioculturais das três últimas décadas do século XX, em que os signos foram separados de sua localização específica por um processo de desencaixe de elementos sociais de contextos particulares, o que os torna disponíveis em outros contextos e em diferentes escalas regionais nacionais e globais.

Para esta pesquisa, o foco é analisar as piadas homofóbicas veiculadas nos *sites* Portal do Humor e Piadas Engraçadas!, já que a internet proporciona um maior alcance e influência se comparada a jornais ou revistas, mídias essas que a cada dia se tornam mais obsoletas. Esses *sites*, sendo um tipo de suporte para as piadas, relacionam-se com a prática discursiva, que, segundo Fairclough (2016, p. 11), “envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais”. Possivelmente, alguém que crie uma página na internet sobre piadas relacionadas à comunidade homossexual corrobore ou não ache ofensivo ter um espaço para esse tipo de humor. No entanto, provavelmente esse tipo de texto possua um considerável consumo, pois nos *sites* supracitados, como se verá no próximo capítulo, as piadas homofóbicas são as mais consumidas e acessadas. É possível ver que a “onda do politicamente correto” tenha

influenciado o modo como as notícias, os textos e as piadas têm sido divulgadas, mas se deduz que, se ainda há *sites* que veiculam piadas homofóbicas, há um tipo de público que as consome e também as divulga, constituindo múltiplos leitores e perpetuando esse tipo de conteúdo.

A constituição discursiva a respeito da comunidade LGBTI+ relaciona-se com as práticas sociais que há muito tempo estão enraizadas nas estruturas sociais de uma sociedade que aprendeu a discriminá-la, seja pelo fato de a ciência ter considerado a homossexualidade como uma doença, seja pelo discurso de diversas religiões, que condenam a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo como pecado e abominação, conforme visto no capítulo 1.

Ao analisar o discurso como prática social, Fairclough (2016) faz associação com o conceito de ideologia e poder, teorias essas que são bastante influentes no discurso. Esse mesmo autor (2016, p. 121) comenta que possui em mente três asserções sobre ideologia, quais sejam: existência material delas nas práticas das instituições; de que a ideologia ignora a constituição dos sujeitos; e de que os aparelhos ideológicos do estado são marcos delimitadores na luta de classe. Assim é possível entender o poder e a influência contidos em um gênero textual como a piada, pois, por meio dela, constroem-se ideologias em práticas discursivas que “contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 122). Se um leitor está acostumado a ver em piadas sobre homossexuais que esse público é sempre inferiorizado e zombado quanto às suas atitudes, características físicas, gostos e caráter, tem-se aí a manutenção das relações de dominação nas quais os determinados usos da linguagem ou de outras formas simbólicas contribuem para uma desmoralização da comunidade LGBTI+. Por serem recorrentes, esses métodos acabam se tornando imperceptíveis, pois, como assevera Fairclough (2016, p. 122), “as ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o *status* de ‘senso comum’”. Ressaltamos aqui que, para Fairclough (2016), nem todo discurso é ideológico, mas sim aqueles que representam uma sociedade caracterizada por relações de dominação com base em diversas classes, o que aí se pode incluir a comunidade LGBTI+. Para esse mesmo autor, os sujeitos podem ser capazes de agir criativamente para realizar suas próprias conexões entre diversas práticas e ideologias e reestruturar tanto as práticas quanto as estruturas posicionadoras. Se os seres humanos transcenderem as sociedades caracterizadas pelas relações de dominação, transcenderão as ideologias.

As práticas sociais se relacionam com as ordens do discurso, sendo estas últimas uma rede dessas práticas no aspecto linguístico, conforme define Fairclough (2003, p. 21). O

referido autor ainda menciona que essas ordens servem como organização e controle social da variação da língua, o que possibilita controlar certos aspectos da vida social.

Essas mesmas práticas relacionam-se com elementos que são associados com áreas particulares da vida social e possuem relações dialéticas (FAIRCLOUGH, 2003, p. 22). Tomando como exemplo, as piadas homofóbicas possuem relações dialéticas com o pensamento ainda homofóbico da sociedade, sendo que o preconceito é disseminado como forma de discurso e articulado por meio das práticas sociais. O espaço familiar, da escola ou de ambientes religiosos podem ser lugares onde são articulados o uso da linguagem com as relações sociais e no qual, por meio das práticas sociais, é disseminado e aprendido o preconceito contra os homossexuais.

Seguindo ainda com os pensamentos de Fairclough (2016, p. 130), “a maior parte do discurso se sustenta na luta hegemônica em instituições particulares”, o que corrobora que a família, as religiões e a ciência, como já visto no primeiro capítulo desta dissertação, são instituições que produziram/produzem e disseminaram/disseminam discursos preconceituosos e homofóbicos, pois influenciaram/influenciam de maneira significativa os grupos subalternos que os compõem. Assim, observamos o poder e a influência que um líder religioso tem sobre a comunidade a qual ele lidera; sua visão de mundo e suas crenças ajudam a formar a opinião da comunidade que o tem como líder. Conceitos como ideologia, poder e hegemonia serão melhor abordados no subitem 2.2 deste capítulo.

Ainda de acordo com Fairclough (2016), os processos constitutivos do sujeito estão relacionados também às relações intratextuais do discurso, o que se pode ver também nas piadas homofóbicas que constroem o sujeito homossexual como alguém sempre em busca de sexo e com comportamentos e características considerados errados e/ou engraçados. Essas práticas discursivas contidas nas piadas homofóbicas geram uma visão preconceituosa com relação a homossexuais.

Dessa maneira, entende-se que a abordagem crítica a que se refere Fairclough (2003, 2016) relaciona-se a descrever como o discurso é moldado por relações de poder e ideologia e como ele exerce os efeitos construtivos sobre as identidades sociais, bem como tornar visível intenções ocultas no texto que não são vistas pelos participantes do discurso (FAIRCLOUGH, 2016).

Assim, Ramalho e Resende (2011, p. 12) comentam que a análise de discurso é crítica “por seu engajamento com a tradição da ‘ciência social crítica’, que visa oferecer suporte científico para a crítica situada de problemas sociais relacionados ao poder como controle”. As

piadas homofóbicas podem ser consideradas como discursos nos quais os conceitos de poder, hegemonia e ideologia se manifestam, pois, quando fazemos uma análise mais profunda, percebemos essas formas de dominação em seu conteúdo. Para um melhor entendimento, esses conceitos serão abordados no tópico seguinte.

## **2.2 As formas de dominação**

Neste tópico abordaremos os conceitos de ideologia, poder e hegemonia, considerados essenciais em um trabalho de pesquisa com piadas homofóbicas, tendo em vista a importância de se investigar o discurso como prática social.

### **2.2.1 Ideologia**

Notamos que, na era da globalização, as formas simbólicas como expressões linguístico-discursivas têm alcançado patamares antes inimagináveis, como a disseminação em tempo real de notícias e o conhecimento da cultura dos mais distintos povos. Isso só foi possível graças aos meios de comunicação em massa, principalmente os meios eletrônicos como rádio, televisão e internet/computador. De acordo com Thompson (2011), esses meios de comunicação ajudaram a difundir ainda mais os mecanismos de controle social, propagando ideias de grupos dominantes e manipulando e controlando os grupos dominados. Daí que se teve a consciência de ideologia “como uma espécie de ‘cimento social’, e os meios de comunicação de massa foram vistos como mecanismo especialmente para espalhar o cimento” (THOMPSON, 2011, p. 11).

Ainda conforme Thompson (2011), é interessante investigarmos como as expressões linguístico-discursivas, sendo formas simbólicas, ajudam a estabelecer e sustentar formas de dominação em contextos sociais em que são produzidas, disseminadas e consumidas. No caso das piadas homofóbicas veiculadas na mídia *on-line*, temos a preocupação em investigar o uso social da linguagem que faça uma legitimação da homofobia e como esse tipo de preconceito se perpetua na sociedade.

Podemos pensar em como a homossexualidade se tornou alvo do humor, sendo que ela é uma forma que se entrecruza com os tipos de relações de poder, como as diversas religiões e o discurso político nos tempos atuais, para a disseminação a longo prazo da homofobia como forma de manter sempre à margem da sociedade a comunidade LGBTI+.

O termo ideologia, segundo Thompson (2011), traz resquícios de vários significados e usos através da história, sendo que uma das suas primeiras menções teve relação com as análises

sistemáticas de ideias e sensações pelo filósofo francês Destutt de Tracy (1796). Thompson (2011, p. 45) menciona que, para Tracy, “a ideologia possibilitaria a compreensão da natureza humana e, desse modo, possibilitaria a reestruturação da ordem social e política de acordo com as necessidades e aspirações dos seres humanos”.

No entanto, ao considerar por vezes ambígua e sem sentido a teoria da ideologia proposta por filósofos como Karl Marx, Thompson (2011) propõe conceituá-la em termos de como ela serve para estabelecer e sustentar formas de dominação, complementando da seguinte forma:

[...] estabelecer, querendo significar que o sentido pode criar ativamente e instituir relações de dominação; sustentar, querendo significar que o sentido pode servir para manter e reproduzir relações de dominação através de um contínuo processo de produção e recepção de formas simbólicas (THOMPSON, 2011, p. 79).

Thompson (2011) então distingue cinco modos gerais em que os aspectos ideológicos operam nas estratégias de construção simbólica, conforme o quadro que se segue:

**Quadro 2-** Cinco modos gerais de operação de aspectos ideológicos

<b>Legitimação</b>	Relações sendo representadas como legítimas, sendo justas e dignas de apoio. Dessa forma, somos envolvidos em processos simbólicos que possuem como objetivo sustentar as relações de dominação.
<b>Dissimulação</b>	As relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas quando são ocultadas, negadas ou ofuscadas, desviando, assim, a nossa atenção.
<b>Unificação</b>	Forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, suprimindo diferenças e divisões, podendo servir para estabelecer e sustentar relações de dominação.
<b>Fragmentação</b>	Quando se segmenta grupos que possam ser capazes de trazer algum tipo de ameaça aos grupos dominantes.
<b>Reificação</b>	Quando relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pela retratação de uma situação transitória como se ela fosse permanente e atemporal.

Fonte: adaptado de Thompson (2011, p. 81-88)

O autor supracitado traz a ideia dos cinco modos gerais de operações de aspectos ideológicos como uma possível maneira de entender como se desenvolve o sentido que estabelece e sustenta relações de dominação, o que contribui para uma maior atenção à interação

entre sentido e poder em diversas circunstâncias da vida social. Esses modos podem nos ajudar a analisar que tipos de representações estão sendo feitas dos personagens homossexuais, podendo haver a legitimação quando há a intenção de descrever certas características deles que podem não condizer com a realidade, ou até mesmo dissimulando aspectos de sua personalidade para torná-los risíveis e inferiorizá-los. É possível também que essas operações de aspectos ideológicos operem de forma a unificar características de homens gays com as de travestis/transsexuais, colocando-os como se fossem uma só identidade, ou mesmo operar como reificação quando colocam uma situação transitória, como foi a associação da aids ao público gay masculino, como se fosse indissociável deles até hoje.

No entanto, Thompson (2011) informa que os modos apresentados não são a única maneira como a ideologia opera, podendo eles se sobreporem e se reforçarem mutuamente. É possível refletir que a ideologia tenha outras formas de se desenvolver no discurso. Fairclough (2016) assevera que o seu posicionamento é semelhante ao de Thompson (2011), quando reflete que os usos das formas simbólicas são ideológicos e que em situações específicas servem para estabelecer/manter as relações de dominação. O seu pensamento é exposto da seguinte maneira:

Entendo que as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais), que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2016, p. 122).

Com base nessa ideia, percebemos que as práticas discursivas em forma de piadas cumprem o seu papel quando as ideologias contidas no texto humorístico se tornam invisíveis ou mesmo naturalizadas. Fairclough (2016) enfatiza que as ideologias estão presentes nos textos, porém não é possível lê-las; para entender os sentidos ideológicos, é necessário interpretar textos, embora esses textos estejam abertos a diversas interpretações. Por isso, “não se deve pressupor que as pessoas tenham consciência das dimensões ideológicas de sua própria prática” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 125). Segundo esse mesmo autor, uma possível forma de transformar esse aspecto seria defender uma educação linguística que torne as pessoas mais conscientes dos discursos que fazem parte do seu cotidiano. Esse tipo de educação também permitiria às pessoas entenderem que não é “só uma brincadeira” quando fazem piadas a grupos historicamente excluídos de direitos, pois as marcas ideológicas subentendidas solidificam ainda mais o preconceito contra tais grupos. Não é apenas mais uma piada, mas sim uma estigmatização e um reforço à discriminação de minorias.



As piadas homofóbicas se encaixam no conceito de formas simbólicas levantadas por Thompson (2011), sendo que as formas de dominação se apresentam nesse contexto quando há a questão de inferiorização do personagem homossexual na piada, pois se ri daquilo que é considerado inferior, e a sustentação de poder e controle se dá pela contínua produção e disseminação do conteúdo homofóbico.

Quando se fala na teoria geral da reprodução social, Thompson (2011) reflete sobre a reprodução dos valores e crenças difundidos na sociedade, sendo eles constituintes de uma ideologia dominante que mantém as pessoas vinculadas a uma ordem social. Então, se a reprodução desses valores e crenças são contínuos e sempre renovados, garante a “submissão contínua dos indivíduos às regras e convenções normativas da ordem social” (THOMPSON, 2011, p. 118).

Percebemos, nessa perspectiva, que o mecanismo para a perpetuação da homofobia em nossa sociedade parte da ideia de ideologia e reprodução social, no qual ainda se reproduz continuamente a questão da homossexualidade como pecado, no caso das religiões, ou como doença ou desvio de comportamento, como já foi pregado pela área da psicologia/ciência.

As formas simbólicas para garantir essa argumentação, que aqui neste trabalho estão relacionadas com as piadas homofóbicas, ainda seguem reproduzidas e divulgadas continuamente, embora em um nível menor, se comparado com o que se via nos anos 1980 e 1990 no Brasil. É possível que as instituições que dominam o poder reforçarão sempre esse aspecto ideológico para jamais deixarem que grupos marginalizados adquiram espaço e voz na sociedade.

Essas formas hoje são inseparáveis das indústrias das mídias, pois fizeram delas o seu principal meio de se apresentarem à sociedade. Talvez isso seja o motivo de os conteúdos terem migrado para o campo virtual, no caso a mídia *on-line*, no qual buscam sempre atingir as grandes massas. Thompson (2011) traz a ideia de que, para que haja extensão da acessibilidade às formas simbólicas no tempo, é preciso haver meios que se mostrem relativamente duráveis. Com isso, o conteúdo disponibilizado em ambiente virtual torna-se algo que será fixado em determinada época e acessível em qualquer tempo. No entanto, o fato de as formas simbólicas, no caso as piadas homofóbicas, ainda existirem em alguns *sites* de piadas que ainda persistem em mantê-las, estabelece a continuidade e a perpetuação do preconceito e de uma ideologia e poder que mantêm a comunidade LGBTI+ sempre marginalizada.

### 2.2.2 Poder

Em seus estudos sobre o conceito de poder, Foucault (1988) tentou defini-lo como uma relação de autoridade e obediência do que algo que dependa de um objeto preexistente em um soberano (ALBUQUERQUE, 1995). Para isso, é necessário pensar na questão do poder sem a figura de um rei e sem um súdito que está subordinado a esse poder. Albuquerque (1995, p. 108/109) tenta trazer o que significa a teoria do poder em Foucault (1988):

Ele opõe uma concepção do poder como um conjunto de forças materiais que se concentra no centro da sociedade, e se irradia de forma intermitente em direção à periferia, mediante espasmos que se desencadeiam para submeter aos bons súditos e esmagar os insubmissos; que funciona negativamente, por confisco e por coleta; a uma concepção do poder como relação assimétrica entre indivíduos, entre grupos, que se irradia da periferia para o centro, de baixo para cima, que se exerça permanentemente, dando sustentação à autoridade, e que funciona positivamente, dinamizando, incrementando as forças e recursos existentes.

Foucault (1988) entende que não se trata de perguntar ao discurso de qual teoria ele deriva, mas sim interrogá-lo nos níveis de sua produtividade tática e no de sua integração estratégica.

Van Dijk (2010) define o poder social como um tipo de controle, no qual um grupo rege as ações de outro. Um texto humorístico teria o seu lugar como prática discursiva, exercendo poder e controle da mente das pessoas, levando-as a acharem engraçadas determinadas situações que envolvem grupos e também controlando os gostos, gestos e atitudes para separar heterossexuais de homossexuais, como veremos mais adiante na análise dos dados. Sabemos que o humor tem também como função inferiorizar determinados grupos e isso acaba se relacionando com o poder e o controle que um grupo dominante quer que se perpetue na sociedade. Van Dijk (2010, p. 18) ainda salienta:

O controle se aplica não só ao discurso como prática social, mas também às mentes daqueles que estão sendo controlados, isto é, aos seus conhecimentos, opiniões, atitudes, ideologias, como também às outras representações pessoais ou sociais. Em geral, o controle da mente é indireto, uma intencional, mas apenas possível ou provável consequência do discurso. E uma vez que as ações de pessoas são controladas por suas mentes (conhecimento, atitudes, ideologias, normas, valores), o controle da mente também significa controle indireto da ação. Essa ação controlada pode de novo ser discursiva, de modo que o discurso poderoso possa, indiretamente, influenciar outros discursos que sejam compatíveis com o interesse daqueles que detêm o poder.

É possível analisarmos todo o discurso construído a respeito da homossexualidade durante séculos e como isso ainda possui influência atualmente, apesar de toda desmistificação e esclarecimento. Inferimos, então, que as relações de poder na sociedade ainda influenciam o

discurso contra a homossexualidade e legitimam a construção de textos como piadas com a intenção de sempre manter a comunidade LGBTI+ marginalizada. Interessante notarmos que o controle a que Van Dijk (2010) se refere, o controle da mente, também possa estar associado à violência física e verbal que muitos homossexuais ainda sofrem em nossa sociedade.

Foucault (2012) traz a ideia de que o poder não é só repressão, pois dessa forma ele não seria totalmente obedecido. O filósofo comenta que a motivação que faz com que o poder se mantenha e seja aceito é o fato de ele produzir coisas, induzir ao prazer, formar o saber e produzir o discurso. Assim, o poder deve ser considerado “como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir” (FOUCAULT, 2012, p. 45).

Para Fairclough (2003, p. 14), os textos trazem como efeitos as causas ideológicas, pois, em seu conteúdo, estão contidas as manifestações de poder e dominação. Essas ideologias são definidas como “representações de aspectos do mundo que podem ser mostradas para contribuir para o estabelecimento, manutenção e mudança das relações sociais de poder, dominação e exploração” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 14).

### **2.2.3 Hegemonia**

Buscamos inicialmente uma definição de hegemonia que se harmonize com a concepção de ADC proposta por Fairclough (2003, 2016). Sendo assim, vemos que, em Fairclough (2016, p. 127), a hegemonia é definida como “liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade”, além de ser entendida como uma construção de alianças que é feita mediante concessões ou meios ideológicos a fim de ganhar o consentimento de classes subalternas. Fairclough (2003) chama isso de representação dos universais pelos particulares, sendo esses últimos revestidos de identidades, interesses e representações particulares para se autoaclamarem universais e garantirem a manutenção da dominação social.

Ainda de acordo com Fairclough (2016), o conceito de hegemonia relaciona-se com a definição de discurso defendida por ele, justamente por ter a ver com a evolução das relações de poder, o que acaba influenciando os processos de mudança discursiva. Alia-se a esse conceito a materialização das ideologias nas práticas, pois, de acordo com Gramsci (1999, p. 98-99), o conceito de ideologia tem a ver com uma concepção do mundo “que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas”.

Assim, inferimos que as instituições que detêm o poder, como a política, as religiões e a mídia, possam utilizar de artifícios que não sejam o uso da força, mas o poder do convencimento, para incutir na população os seus ideais. Basta observarmos que no campo da política e de diversas religiões ainda há o discurso homofóbico, seja em forma de piadas ou de contestação pelo direito de criticar a comunidade LGBTI+. A mídia ainda contribui para a manutenção da homofobia, como, por exemplo, a existência de alguns *sites* de piadas em que são veiculadas piadas homofóbicas.

Fairclough (2016) menciona que a hegemonia fornece modelos de discurso que se sustentam na luta hegemônica em instituições particulares. Vemos, assim, o exemplo das escolas e, mais especificamente, na implantação de um programa chamado Brasil sem Homofobia, planejado em 2004 com o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva e começado a ser implantado em 2011 na primeira gestão da então presidenta Dilma Rousseff. No entanto, parlamentares fundamentalistas no Congresso Nacional iniciaram uma campanha contra o projeto chamando-o de “kit gay”. Assim surgiram discursos de que o tal kit incentivaria as crianças a serem homossexuais e também as transformaria em presas fáceis para pedófilos (TREVISAN, 2018), fatos esses que contribuíram para influenciar a população brasileira a ser contra um programa educativo no combate à homofobia.

Como forma de não perder o foco na teoria da ADC, seguimos agora com a representação dos atores sociais no discurso.

### **2.3 A representação dos atores sociais**

Começamos este tópico abordando a teoria da representação dos atores sociais em van Leeuwen (1997), teoria essa que surgiu quando houve a indagação sobre as escolhas que se faz no discurso para se referir a pessoas e como elas podem ser representadas. Dessa forma, van Leeuwen (1997, p. 169) ressalta a importância da agência na ADC quando questiona “quais os atores sociais e em que contextos estão eles representados como ‘agentes’ e como ‘pacientes’”.

Sendo assim, van Leeuwen (1997) propôs fornecer um conjunto de categorias pelas quais os atores sociais pudessem ser representados para assim estabelecer relevância de exemplos de agência nas categorias sociológicas e linguísticas. Essas categorias são vistas como pan-semióticas, pois cada cultura tem a sua forma específica e de ordem para representar o mundo social e as diferentes semióticas, determinando, assim, o que pode ser realizado verbal e visualmente, ou apenas verbalmente, ou apenas visualmente (VAN LEEUWEN, 1997, p. 171).

Descrevemos no quadro a seguir as principais categorias de atores sociais propostas por van Leeuwen (1997):

**Quadro 3** - Categorias de atores sociais

Exclusão	Em um texto, nem todos os atores sociais estão incluídos. Essas representações incluem ou excluem atores sociais para servir os seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem. Alguns atores não estão tanto excluídos, mas sim pouco visíveis, empurrados para segundo plano.	
Inclusão	Ativação	Ocorre quando os atores sociais são representados como forças ativas e dinâmicas em uma atividade.
	Passivação	Ocorre quando são representados como submetendo-se à atividade ou como sendo receptores dela. O ator social pode ser sujeito (objeto de troca) ou beneficiado (terceiro grupo que se beneficia positiva ou negativamente).
	Genericização	Constituem o real (pessoas comuns)
	Especificação	Participantes específicos (agentes e especialistas governamentais)
	Assimilação	Pode se realizar através de um substantivo contável ou de um substantivo que denote um grupo de pessoas. Pode haver: *Agregação: quantifica grupos de participantes. Trata-os como dados estatísticos. *Coletivização: ajuda a realçar o fato de um grupo estar de acordo com algo.
	Associação	Consiste em grupos formados por atores sociais e/ou grupos de atores sociais que nunca são classificados no texto.
	Dissociação	Em muitos textos, as associações se fazem e se desfazem à medida que o texto prossegue.
	Indeterminação	Ocorre quando os atores sociais são representados como indivíduos ou grupos não especificados e anônimos.
	Determinação	Ocorre quando a sua identidade é, de uma ou de outra forma, especificada.
	Diferenciação	Diferencia explicitamente um ator social individual ou um grupo de atores sociais de um ator ou grupo semelhante, criando a diferença entre o próprio e o outro, ou entre nós e eles, como com outros.

Nomeação	Os atores sociais podem ser representados em termos da sua identidade única.
Categorização	Ocorre quando são representados em termos de identidades e funções que partilham com outros.
Funcionalização	Ocorre quando os atores sociais são referidos em termos de uma atividade, em termos de alguma coisa que fazem, por exemplo uma ocupação ou função.
Identificação	<p>Ocorre quando os atores sociais são definidos, não em termos daquilo que fazem, mas em termos daquilo que, mais ou menos permanente, ou inevitavelmente, são. Podem ser:</p> <p>*Classificação: os atores sociais são referidos em termos das principais categorias através das quais uma dada sociedade ou instituição diferencia classes de pessoas. Foucault (1981) descreveu como o discurso da sexologia introduziu a orientação sexual como uma nova categoria de classificação.</p> <p>*Identificação relacional: representa os atores sociais em termos de relação pessoal, de parentesco ou de trabalho que têm entre si, e realiza-se através de um conjunto fechado de substantivos denotando tais relações.</p> <p>*Identificação física: representa os atores sociais em termos de características físicas que os identificam singularmente num dado contexto.</p>
Personalização	São representados como seres humanos, realizados através de pronomes pessoais ou possessivos, nomes próprios ou substantivos cujo significado inclui a característica humana.
Impersonalização	<p>São representados por outros meios, por exemplo através de substantivos abstratos, ou através de substantivos concretos cujo significado não inclui a característica semântica humana.</p> <p>Pode apresentar:</p> <p>*Abstração: ocorre quando são representados por meio de uma qualidade que lhes é atribuída pela representação.</p> <p>*Objetivação: ocorre quando os atores sociais são representados por meio de uma referência a um local ou coisa diretamente associada, quer à sua pessoa, quer à atividade a que estão ligados.</p>

	Sobredeterminação	Ocorre quando os atores sociais são representados como estando a participar em mais de uma prática social simultânea.
--	-------------------	---

Fonte: adaptado de van Leeuwen (1997, p. 179-220)

Essa abordagem teórico-metodológica muito tem a contribuir na análise das piadas homofóbicas, principalmente quando se trata da inclusão ou exclusão de atores sociais que representam a comunidade LGBTI+, o que pode estar alinhado aos interesses de quem criou a piada, como dos próprios leitores, que, por vezes, são homofóbicos e podem se divertir com uma situação que coloque os homossexuais como potencial alvo de humor. Com relação a essa ideia, van Leeuwen (1997) comenta que alguns atores sociais também podem estar pouco visíveis ou empurrados para um segundo plano no discurso, o que muitas vezes acontece numa oração na voz passiva, na qual os beneficiários são apagados.

Fairclough (2003) comenta que escolhas são feitas na representação dos atores sociais, como inclusão ou exclusão deles, sendo essa representação uma categoria de análise textual numa perspectiva representacional. Van Leeuwen (2008) enfatiza que os atores são envolvidos nas práticas sociais de diversas maneiras porque essas práticas representam pontos de vista de pessoas particulares. Dessa maneira, esses atores podem ser representados em textos seguindo implicações ideológicas, fato esse que encontra nas piadas homofóbicas um campo fértil para a aplicação de ideologias que atacam o público de homens gays, travestis e transexuais.

Nessa perspectiva, Fairclough (2003) traz um esquema que ajuda a visualizar a representação dos agentes sociais nos textos, o que é de grande relevância para o que irá ser analisado neste trabalho. Do ponto de vista teórico, tem-se as seguintes variáveis, que foram selecionadas de acordo com o que os dados gerados apresentaram:

**Quadro 4** - Variáveis de representação dos agentes sociais

<b>Inclusão ou exclusão</b>	Pode haver ou não a menção dos agentes no texto. Refere-se também quando o agente é relegado a segundo plano.
<b>Pronome ou substantivo</b>	Refere-se a sob qual forma o agente social é definido.
<b>Ativo ou passivo</b>	O ator nos processos pode ser afetado ou beneficiário, o que pode envolver uma oração expressa na voz ativa ou voz passiva.

<b>Pessoal ou impessoal</b>	Os agentes podem ser representados pessoal ou impessoalmente.
<b>Nomeado ou classificado</b>	Os agentes podem ser representados pelo nome ou de acordo com categorias.

Fonte: adaptado de Fairclough (2003, p. 142-143)

É certo que os modos como os atores sociais são representados no discurso podem indicar posicionamentos ideológicos em relação a eles e às atividades que o cercam (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 72). As escolhas de representação deles, que, no caso deste estudo, são os homossexuais masculinos, travestis e transexuais, mostram que elas não são aleatórias, fato esse que será melhor comprovado no quarto capítulo.

Essas variáveis podem apresentar diversos impactos sociais quando aplicadas em piadas homofóbicas, como no caso da ênfase de um personagem LGBTI+ e seu lugar de inclusão no discurso como agente beneficiário e a exclusão ou disfarce de personagens que são agentes da situação. Assim, observaremos um foco maior no personagem LGBTI+, pois sua posição no discurso será evidenciada quando ele for a parte central do humor. Outro fator que pode apresentar impacto na análise é a pessoalidade ou impessoalidade do agente, pois, nesse último caso, os personagens são nomeados como “bicha”, “traveco” ou outros nomes pejorativos. Dessa forma, os textos que adotam essas caracterizações de agentes sociais parecem ter a intenção de inferiorizar os personagens apresentados, o que pode transcender o texto e fazer parte das práticas sociais na vida cotidiana.

Por entendermos um pouco mais sobre a representação dos atores sociais, concordamos abordar em seguida o conceito das identidades e como elas se relacionam à comunidade LGBTI+, a fim de que sejam esclarecidas as formas como essas pessoas se veem no mundo e também com o propósito de evitarmos distorções sobre esse assunto.

## 2.4 Identidades

Refletirmos sobre identidades parece ser um conceito simples e autossuficiente. Uma pessoa pode mencionar e afirmar uma característica que faz parte da sua composição como ser humano, declarando, por exemplo, que é homossexual ou professor. No entanto, pensarmos o que é uma identidade pode ser mais complexo do que parece. Castells (2018, p. 54) menciona que identidade é “a fonte de significado e experiência de um povo”, o que traz um outro ponto



de vista e associa esse termo a atributos culturais que prevalecem sobre outros tipos de significado.

A esse respeito, Hall (2000, p. 108) comenta que a noção de sujeito pós-moderno não se relaciona ao conceito de que esse sujeito tenha uma condição fixa ou de unificação, mas sim de instabilidade e “multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos”. Partindo desse ponto, diversos filósofos acabam preferindo utilizar o termo no plural, referindo-se então a “identidades”.

Nesse sentido, é possível pensarmos o sujeito LGBTI+ como pós-moderno, pois ele/ela não demonstra uma identidade fixa e de permanência, mas construída historicamente, com certa instabilidade, o que leva às pessoas desse grupo a incluírem outras formas de identidade de gênero quando vão tomando mais consciência de si e de outras possibilidades. Por exemplo, antes uma pessoa poderia se identificar apenas como heterossexual; porém, ela pode entender que gosta de se relacionar também com pessoas do mesmo sexo, vindo, então, a se definir como bissexual. Ao mesmo tempo, essa pessoa pode vir a se identificar como vegana, feminista, socialista, dentre várias outras possibilidades. Assim, as identidades acabam sendo vinculadas às ideologias. Rahier (2001, p. 18) traz a seguinte reflexão:

[...] as identidades jamais existem por si mesmas, sozinhas. As identidades existem por oposição, ou seja, sua natureza profunda, ou sua condição de existência. É estarem opostas a outras identidades, dentro do espaço nacional e fora dele. Sem essa oposição, não haveria necessidade de ter nenhuma identidade.

As identidades não são algo acabado, consistente ou estável. Elas estão em constante construção, sendo que esse processo ocorre por meio da linguagem falada ou escrita. Dessa maneira, alguns grupos necessitam afirmar que pertencem e se encaixam em certas identidades com o intuito de se diferenciarem de outras pessoas. Percebemos dentro dessa perspectiva que identidades também estão ligadas ao conceito de “diferença”, que, segundo Silva (2000), diz respeito àquilo que uma outra pessoa é, sendo concebido como uma entidade diferente. Tem-se como exemplo que, quando alguém diz que uma pessoa é homossexual, a declaração traz implicitamente a ideia de que a pessoa referida não é heterossexual e não se relaciona com o sexo oposto.

Inferimos daí o porquê da manutenção e afirmação de uma identidade “heterossexual” e também de uma “homossexual” ou LGBTI+. A primeira argumenta a favor de sua exposição e autenticidade como única orientação sexual possível ou correta, enquanto a segunda constrói o seu caminho na questão dos direitos e do respeito, tentando conquistar o seu espaço também

como uma identidade natural e se esquivando de posições inferiores numa hierarquia de privilégios.

A comunidade LGBTI+ pode ser ainda vista como uma identidade de resistência, conforme ressalta Castells (2018, p. 56), tendo em vista que os atores sociais que a constituem estão em posição desvalorizada e/ou estigmatizada por instituições dominantes e sempre estão em busca de mecanismos para a sua sobrevivência na sociedade.

No entanto, Silva (2018, p. 36) comenta que “as construções das identidades de gênero e sexual são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, bem como moldadas pelas redes de poder de uma sociedade que atua por meios excludentes”, corroborando o fato de que identidade e diferença estão relacionadas, dependendo sempre uma da outra. Porém, a diferença pode ser constituída enfatizando um lado negativo, pois os sistemas de pensamento apresentam dualidades que acabam marginalizando um dos termos. Então, na oposição heterossexual/homossexual, tem-se que o primeiro termo seja o correto, o que acaba trazendo a superioridade dessa condição sexual perante as demais (SILVA, 2018).

Para a comunidade LGBTI+, a questão da identidade é importante por conta da reivindicação do direito de exercer a sua sexualidade como bem entender, sem julgamentos e sem enfrentar a violência da sociedade conservadora, que não entende/aceita o diferente. No entanto, é comum que o indivíduo homossexual passe por crises quando está na fase de descoberta da sua identidade sexual, principalmente quando percebe que o seu desejo não se encaixa nos conceitos padrões de gênero e de interesse pelo sexo oposto (SILVA, 2018).

Para Bauman (2000), a modernidade rompeu algumas fronteiras conservadoras, mas, no que se refere à sexualidade, a homossexualidade ainda é condenada e sofre violência, apesar de conquistas e avanços na questão de direitos. Esses fatores se coadunam com a ideia de que a heterossexualidade é a identidade “normal” e “natural” e o poder é quem escolhe quem deve ser incluído ou excluído em casos em que coexistam identidade e diferença (WOODWARD, 2000, p. 18).

Considerando que a identidade de gênero é “a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independente do sexo biológico” (REIS, 2018, p. 25), e que a expressão de gênero é uma maneira como o indivíduo se expressa em relação ao gênero masculino ou feminino, é importante destacar os vários conceitos existentes até o momento sobre essas identidades a fim de que sejam respeitadas as diversas formas que a comunidade LGBTI+ se posiciona no mundo. A seguir, demonstramos um quadro para uma melhor compreensão e visualização:

**Quadro 5 - Identidades ou expressões de gênero**

<b>Identidade ou expressão de gênero</b>	<b>Conceito</b>
Agênero	Pessoa que não se identifica ou não se sente pertencente a nenhum gênero.
Androginia	Qualquer indivíduo que assuma uma postura social, especialmente quando relacionada à vestimenta, comum a ambos os gêneros.
Binarismo de gênero	Ideia de que só existe macho/fêmea, masculino/feminino ou homem/mulher.
Cisgênero	Indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer.
<i>Drag queen</i>	Homem que se veste com roupas femininas de forma satírica e extravagante para o exercício da profissão em shows e outros eventos.
<i>Drag king</i>	Mulher que se veste com roupas masculinas para fins de trabalho artístico.
Gênero fluído ( <i>gender-fluid</i> )	Pessoa que se identifica tanto com o sexo masculino ou feminino, sentindo-se homem em determinados dias e mulher em outros.
Transformista	Indivíduo que se veste com roupas do gênero oposto movido por questões artísticas.
Transgênero	Pessoa que transita entre os gêneros e cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade <sup>22</sup> .
Transexual	Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado <sup>23</sup> no nascimento e que procura se adequar a essa identidade.
Mulher trans	Pessoa que se identifica como sendo do gênero feminino embora tenha sido biologicamente designada como pertencente ao sexo/gênero masculino ao nascer.
Homem trans	Pessoa que se identifica como sendo do gênero masculino embora tenha sido biologicamente designada como pertencente ao sexo/gênero feminino ao nascer.
Travesti	Termo atualmente considerado pejorativo. Designa a pessoa que nasceu com determinado sexo, ao qual foi atribuído culturalmente o gênero considerado correspondente pela sociedade, mas que passa a se identificar e construir nela mesma o gênero oposto.

<sup>22</sup> Segundo Reis (2018), algumas pessoas mencionam que travestis e transexuais são transgêneros por definição.

<sup>23</sup> Seleção vocabular utilizada pelo autor com a qual eu concordo.

<i>Queer</i>	Adjetivo utilizado por algumas pessoas cuja orientação sexual não é exclusivamente heterossexual <sup>24</sup> .
--------------	--

Fonte: adaptado de Reis (2018, p. 26-31)

Enfatizamos que a identidade de gênero difere do conceito de orientação sexual, pois essa última se refere ao interesse sexual da pessoa, sendo possível que alguém que se identifique como transexual, assumindo características diferentes do sexo de nascimento, possa se relacionar com uma pessoa do sexo biológico oposto. A esse respeito, Leite (2019, n.p.) faz o seguinte comentário:

A identidade de gênero não determina a orientação sexual de alguém. Assim, um homem transexual (que nasceu com o corpo feminino e o transformou em um corpo masculino) pode tanto ser gay (gostar de homens) quanto heterossexual (gostar de mulheres) ou bissexual (gostar dos dois). O mesmo pode acontecer com uma travesti. Se ela gostar de homens, ela será uma travesti heterossexual. Se gostar de mulheres, será uma travesti lésbica.

Com relação ao termo “intersexualidade”, Reis (2018, p.18) afirma estar relacionado a pessoas que nascem com anatomia reprodutiva ou sexual e/ou um padrão de cromossomos que não possuem uma classificação tipicamente masculina ou feminina.

Dessa maneira, é necessário conhecermos melhor o conceito de orientação sexual para que não haja dúvidas e equívocos quanto às identidades já mencionadas.

#### Quadro 6 - Tipos de orientação sexual

<b>Tipo de orientação sexual</b>	<b>Conceito</b>
Assexual	Indivíduo que não sente nenhuma atração sexual, seja pelo sexo/gênero oposto ou pelo sexo/gênero igual.
Bissexual	É a pessoa que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas de ambos os sexos/gêneros.
Gay	Pessoa do gênero masculino (cis ou trans) que tem desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas do gênero masculino.
Heterossexual	Indivíduo atraído amorosa, física e afetivamente por pessoas do sexo/gênero oposto.
Homossexual	É a pessoa que se sente atraída sexual emocional ou afetivamente por pessoas do mesmo sexo/gênero.

<sup>24</sup> Para um melhor entendimento, ver na p. 77 o tópico 2.6 sobre a teoria *queer*.

Homoafetivo	Adjetivo utilizado para descrever a complexidade e a multiplicidade de relações afetivas e/ou sexuais entre pessoas do mesmo sexo/gênero.
Lésbica	Mulher que é atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero (cis ou trans).
Pansexualidade	Pessoas que podem desenvolver atração física, amor e desejo sexual por outras pessoas, independente de sua identidade de gênero ou sexo biológico.

Fonte: adaptado de Reis (2018, p. 21-23)

Os quadros trazem um apanhado atual das diversas identidades e tipos de orientação sexual, o que não quer dizer que não existam outras que possam surgir a qualquer momento e compor a riqueza da maneira como as pessoas se expressam. A intenção é apresentarmos as identidades que condizem com o que várias pessoas, pertencendo à comunidade LGBTI+ ou não, se sentem confortáveis e que se adequam ao seu interior, e evitar, assim, equívocos, seja na questão de como abordá-las pessoalmente ou pelo modo como se falam sobre elas em textos escritos. Como forma de complementarmos as identidades do público que se expressa sexualmente de diversas maneiras, abordaremos na próxima seção as várias siglas criadas que trazem visibilidade a esse rico universo.

## 2.5 As siglas que trazem visibilidade

A sigla LGBTI+ representa o orgulho e a evolução da comunidade homossexual em todo o planeta. De acordo com Moraes (2018), nos anos 1960, durante a revolução sexual, surgiu o termo “homossexual” para se referir a pessoas que se sentiam atraídas por alguém do mesmo sexo, ao mesmo tempo em que carregava uma conotação negativa de anormalidade. Paralelamente, a palavra “gay” surgiu dentro das próprias comunidades homossexuais durante os anos 1970.

A sigla GLS foi durante muito tempo uma identidade para a comunidade de gays e lésbicas, forma como esse grupo se sentia representado e reconhecido. Reis (2018, p. 63) faz um breve histórico dessa curta sigla:

GLS é uma sigla que se popularizou por designar, em uma única sigla, não só os “gays” e as “lésbicas”, mas também as pessoas que, independentemente de orientação sexual ou identidade de gênero, são solidárias, abertas e “simpatizantes” em relação à diversidade LGBTI+. GLS também é utilizada para descrever as atividades culturais e mercadológicas comuns a este grupo de pessoas. A sigla GLS é excludente porque não identifica as pessoas bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais. Dessa forma, não deve ser empregada como referência à esfera política das diversas vertentes dos movimentos LGBTI+.

Foi durante os anos 1990 que essa sigla ganhou um B e um T, tornando-se GLBT e incluindo assim bissexuais, travestis e transexuais. No entanto, foi em 2008, durante a 1ª Conferência GLBT, sediada em Brasília, que se decidiu padronizar a sigla para LGBT, proporcionando uma maior visibilidade ao grupo de lésbicas ao se colocar a letra L em primeiro lugar e também dar mais destaque às reivindicações anteriormente feitas por esse grupo. Inicialmente essa alteração não foi bem-vista, pois algumas pessoas achavam que as lésbicas deveriam lutar por direitos e não por assuntos sem grande importância.

Quando pensamos em modernizar e trazer algo mais próximo das reivindicações para este trabalho, buscamos, de acordo com o que Reis (2018) traz, adotar a sigla LGBTI+, que abrange a população de gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais, sendo que o símbolo + inclui outras expressões sexuais, identidades e expressões de gênero.

Há diversas siglas adotadas no mundo todo, sendo que várias delas incluem a letra Q, que faz referência ao gênero e significa *queer*, termo em inglês que é traduzido como “estranho”. De acordo com Marasciulo (2020), *queer* é “usado para representar as pessoas que não se identificam com padrões impostos pela sociedade e transitam entre os gêneros, sem concordar com tais rótulos, ou que não saibam definir seu gênero/orientação sexual”. A respeito do termo citado, na próxima seção, abordaremos a teoria *queer* com o objetivo de entender melhor a pluralidade de identidades geradas que tiveram o objetivo de transgredir o dito “normal”.

Numa busca por maior abrangência que incluía as diversas manifestações sexuais, ativistas britânicos tentaram defender que a sigla que representasse a comunidade homossexual fosse composta por 13 letras, ficando algo como “LGBTQQICAPF2K+”<sup>25</sup>. De acordo com essa ideia, conforme menciona Morais (2018), “o movimento LGBT busca dar uma maior visibilidade às pessoas e grupos que enfrentam uma discriminação estrutural ou sistêmica devido às suas propensões sexuais ou de identidade”.

Dessa forma, é possível que haja outras formas de siglas nas quais as diversas manifestações sexuais sejam representadas, bem como surjam outras. Assim, o objetivo de se criar uma sigla é buscar unir as pessoas que se identifiquem com maneiras diferentes de ser e fazer com que todos (as) se sintam acolhidos (as), reconhecidos (as) e representados (as).

---

<sup>25</sup> De acordo com HMC (2018), “a sigla **LGBTQQICAPF2K+** significa em inglês: L – lesbian; G – gay; B – bisexual; T – transgender; Q – queer; Q – questioning; I – intersex; A – asexual; A – agender; A – ally; C – curious; P – pansexual; P – polysexual; F – friends and family; 2 – two-spirit; K – kink (adicionada recentemente)”.

Seguimos agora com a teoria *queer* a fim de enriquecer ainda mais a questão das identidades LGBTI+.

## 2.6 A teoria *queer*

Em se tratando das questões de identidade, é importante abordarmos a teoria que, por si só, referia-se ao que era anormal, ilegítimo e sem essência, ao mesmo tempo que era considerado transgressor e sensual. Nessa perspectiva, a teoria *queer* veio romper com as fronteiras das identidades e proclamar a liberdade das suas múltiplas possibilidades (SILVA, 2018).

O filósofo Foucault teve um grande papel ao influenciar as retóricas que acabavam por rejeitar a ideia de que o sexo era uma entidade biologicamente determinada, trazendo o entendimento de que sexo e sexualidade são construídos discursivamente ao longo do tempo e das culturas. A partir disso surgiu a teoria *queer*, formada por diversas alianças, dentre elas o feminismo, que orientava os estudos sobre a categoria do sujeito (SALIH, 2012).

Foucault pode ser considerado como alguém que trouxe um ponto de partida no desenvolvimento da teoria *queer*, embora não tenha sido ele o criador desse termo. Seus estudos revelam alguém mais preocupado em interpretar como a sexualidade funciona em nossa sociedade do que realmente entender o que ela é.

A palavra *queer* inicialmente tinha um significado mais pejorativo, sendo relacionada como um tipo de insulto. Nos Estados Unidos, o termo é usado pejorativamente para se referir aos homossexuais, algo similar com os termos “viado” ou “bicha” adotados no Brasil. Atualmente o seu sentido virou uma marca de transgressão e é adotado por pessoas que antes chamavam a si mesmas de gays ou lésbicas. É possível ter essa teoria como um engajamento intelectual entre sexo, gênero e desejo sexual. De acordo com Spargo (2017, p. 13):

O termo descreve uma gama diversificada de práticas e prioridades críticas: interpretações da representação do desejo entre pessoas do mesmo sexo em textos literários, filmes, músicas e imagens; análises das relações de poder sociais e políticas da sexualidade; críticas do sistema sexo-gênero; estudos sobre identificação transexual e transgênero, sobre sadomasoquismo e sobre desejos transgressivos.

Sob essa ótica, o *queer* acaba se tornando um movimento contínuo e instável que indetermina todas as identidades sexuadas e “generificadas”. Ele se relaciona com o que está em desacordo com o “normal”, sendo uma identidade sem essência, mas que rompe com as limitações políticas das identidades. Portanto, é uma teoria que tem como objetivo desestabilizar a categorização do gênero masculino/feminino e propor “a proclamação da

liberdade das múltiplas possibilidades do que se possa chamar de identidade” (SILVA, 2018, p. 50).

A homossexualidade acaba por ser relacionada à transgressão das normas de gênero, pois mexe e desestabiliza o que é culturalmente aceito em relação a corpos e sujeitos femininos e masculinos. Por isso, a fim de evitar serem estigmatizados como “anormais”, muitos homossexuais evitam uma aparência que gere inconformidade de gênero. Aqueles que seguem um caminho oposto, como transexuais e travestis, acabam sofrendo rejeição e violência da sociedade pelo choque causado (SILVA, 2018, p. 50-51).

Salih (2012, p. 20) comenta que, para Butler, sexo e gênero são efeitos de instituições, discursos e práticas, efeitos esses que nos criam como sujeitos ou causam nossa sexualidade e nosso gênero. Essa mesma autora põe em dúvida a categoria de sujeito, pois considera que ele é um construto performativo, sendo construído no discurso pelos atos que pratica. Butler também comenta que a identidade de gênero é uma sequência de atos, embora argumente que não exista um ator preexistente que pratique tais atos, não significando que não exista um sujeito, mas sim que ele não está onde esperaríamos encontrá-los. Salih (2012, p. 68) comenta, segundo as ideias de Butler:

Butler se afasta da suposição comum de que sexo, gênero e sexualidade existem numa relação necessariamente mútua, de modo que se, por exemplo, alguém é biologicamente fêmea, espera-se que exiba traços “femininos” e (num mundo heteronormativo, isto é, num mundo no qual a heterossexualidade é considerada a norma) tenha desejo por homens. Em vez disso, Butler declara que o gênero é “não natural”; assim, não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e o seu gênero. Será, assim, possível existir um corpo designado como “fêmea” e que não exiba traços geralmente considerados “femininos”. Em outras palavras, é possível ser uma fêmea “masculina” ou um macho “feminino”.

Observa-se nas ideias de Butler (2018) que a pessoa não escolhe um gênero, mas *já é* o seu gênero, sendo a “escolha” considerada uma forma de interpretar as normas existentes de gênero. Para a autora, o gênero é um ato ou uma sequência de atos que está sempre e inevitavelmente ocorrendo e é considerado como algo radicalmente independente do sexo, sendo ambos construções culturais “fantasmáticas” que demarcam e definem o corpo.

Assim, a ideia de performatividade de Butler (SALIH, 2012, p. 59) é a de que o gênero é constituinte da identidade que pretende ou simula ser, contestando a própria noção de sujeito. Nesse sentido, Salih (2012, p. 62) ainda comenta que “o gênero não acontece de uma vez por todas quando nascemos, mas é uma sequência de atos repetidos que se enrijece até adquirir a aparência de algo que esteve ali o tempo todo”. Dessa forma, para Butler (2018), o que fazemos na construção do gênero é apenas utilizar os “instrumentos” que já estão ali.



Butler (2018) também comenta que a heterossexualidade precisa da homossexualidade para se definir e se manter estável, pois essa última surge como um desejo que deve ser produzido, porém com a finalidade de continuar reprimido. Isso tem como efeito colateral o fato de se patologizar a homossexualidade e colocá-la em segundo plano (SALIH, 2012, p. 88).

Nessa perspectiva, o *queer* é algo que está em desacordo com o normal, legítimo e dominante, sendo também considerado uma identidade sem essência (SILVA, 2018, p. 49). Assim, torna-se um objeto em potencial para discriminação e intolerância de uma sociedade que patologiza e insulta essa identidade.

Após a contextualização sobre as identidades, entraremos no campo da construção do discurso, mais especificamente na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2014) como um aporte teórico que servirá de base para as análises descritas no quarto capítulo.

## 2.7 A Linguística Sistêmico-Funcional

Temos como objetivo nesta seção apresentarmos aspectos pontuais da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), de Halliday e Matthiessen (2014), dando ênfase principalmente àqueles que melhor se aplicam na análise das piadas homofóbicas, conforme exposto no quarto capítulo. Assim, dentro do arsenal produtivo dessa teoria, decidimos focar no sistema de transitividade por acharmos mais relevante para a análise proposta neste estudo.

Conforme assevera Gouveia (2009, p. 14), a LSF “corresponde a uma teoria geral do funcionamento da linguagem humana, concebida a partir de uma abordagem descritiva baseada no uso linguístico”. Assim, ela também fornece instrumentos de descrição para a análise dos textos. Nessa perspectiva, Halliday (1970, p. 142) propõe um olhar simultâneo para o sistema da língua e suas funções, tendo em vista que a forma particular assumida pelo sistema gramatical de uma língua está relacionada com as necessidades sociais e pessoais do funcionamento dela.

A gramática funcional de Halliday está ligada a uma teoria sistêmica, sendo esta uma representação sequencial de escolhas feitas dentro dos sistemas (NEVES, 2018). Junto a esse caráter sistêmico há também o caráter funcional, que possui três metafunções dentro de conceito sociocultural: ideacional, interpessoal e textual.

As redes de sistema se relacionam a diferentes funções da linguagem. Dessa forma, conforme Fuzer e Cabral (2014) mencionam, temos o sistema de Transitividade, que está ligado à função ideacional; o sistema de Modo, que se relaciona com a função interpessoal; e o sistema

de Tema que diz respeito à função textual. Vamos nos ater a descrever apenas o primeiro sistema, tendo em vista seu uso nas análises contidas no quarto capítulo.

A transitividade é um sistema que descreve toda a oração, fazendo uma relação entre componentes que formam uma figura, sendo essa definida como significados que são produzidos pelos processos em associação com participantes (FUZER; CABRAL, 2014, p. 40-41). O centro experiencial da oração é constituído por processo + participantes. Dessa forma, o processo é formado pelos grupos verbais que se configuram como elemento central. Já os participantes são os grupos nominais que representam as entidades que levam à ocorrência do processo. Ainda há o grupo das circunstâncias, que indicam elementos opcionais como tempo, lugar ou causa, configurando, assim, o âmbito em que o processo se desdobra.

Conforme Halliday e Matthiessen (2014) mencionam, há três principais tipos de processos que representam as experiências do ser humano, sendo eles nomeados como materiais, mentais e relacionais. Entre esses três tipos, há ainda a descrição dos processos secundários, que são nomeados como existencial, verbal e comportamental.

De acordo com Fuzer e Cabral (2014), os processos materiais fazem a representação da experiência externa; os processos mentais trazem a representação da experiência interna, como lembranças e estados de espírito; e os processos relacionais formam a representação das relações, como identificação e caracterização. Em relação aos processos secundários, há os processos comportamentais, que representam os comportamentos como manifestação e atividades psicológicas ou fisiológicas do ser humano; os processos verbais, que abordam a representação dos dizeres; e os processos existenciais, nos quais há a representação da existência de um participante (FUZER; CABRAL, 2014).

Seguindo com o que descrevem Fuzer e Cabral (2014), as orações materiais acabam estabelecendo uma quantidade de mudança no fluxo de eventos. O “ator” é aquele que provoca um investimento de energia e, conseqüentemente, o desenrolar do processo. Já a “meta” é um participante, podendo ser humano ou não, que tem algumas de suas características criadas ou alteradas, ou seja, recebe o impacto da oração. Se a oração envolve dois participantes, é chamada de transitiva; se envolve apenas um, é denominada como intransitiva. Além disso, as orações materiais podem ser classificadas em dois subtipos: criativos, quando o participante passa a existir no mundo, e transformativos, quando os participantes são transformados, havendo a troca ou alteração de algum aspecto do mundo físico.

Observamos que nas orações materiais há a estrutura passiva, na qual o ator nem sempre ocupa a posição de sujeito, e também as circunstâncias, que “adicionam significados à oração

pela descrição do contexto em que o processo se realiza” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 53), ou seja, são grupos adverbiais ou grupos preposicionais.

Com relação às orações mentais, Fuzer e Cabral (2014, p. 54) comentam que elas “constituem-se de processos que se referem à experiência do mundo de nossa consciência”. Elas mudam a percepção que se tem da realidade e podem indicar afeição, percepção e desejo.

Assim, elas possuem como participantes o experienciador e o fenômeno. O primeiro diz respeito à função léxico-gramatical que é desempenhada por um ser humano que sente ou pensa, e o segundo se refere ao complemento que é sentido ou pensado.

Halliday e Matthiessen (2014) ainda classificam as orações mentais em quatro tipos: perceptivas, que constroem percepções dos fenômenos do mundo por meio dos cinco sentidos; cognitivas, que se remetem à consciência da pessoa; emotivas, que expressam graus de sentimento ou afeição; e desiderativas, que exprimem desejo ou interesse em algo.

Em se tratando das orações relacionais, observamos que elas estabelecem uma relação entre duas diferentes entidades (FUZER; CABRAL, 2014). Essas orações contribuem para criar e descrever personagens, bem como definir coisas e estruturar conceitos. Halliday e Matthiessen (2014) classificam as orações relacionais em três, sendo todas elas atributivas e identificativas – a diferença é que as identificativas apresentam um modo de reversibilidade e também uma identidade determinada de um dos participantes. Os três tipos são: intensivas, que caracterizam uma entidade; circunstanciais, que estabelecem uma relação de tempo, lugar, assunto etc; possessivas, em que há a relação de posse de uma entidade sobre a outra.

As orações verbais têm como núcleo os processos do dizer, ajudando, assim, na criação do texto narrativo (FUZER; CABRAL, 2014). Elas apresentam dois tipos de processos, que são atividade e semiose, e possuem quatro participantes que são: dizente, que é o próprio falante; verbiagem, que se refere ao que é dito; receptor, que se refere a quem a mensagem é direcionada; e alvo, que é a entidade atingida pelo processo do dizer. Há ainda no processo verbal a citação, que reproduz uma fala introduzida na escrita geralmente por aspas, e relato, que pode ser uma oração introduzida pelas conjunções “que” ou “se”, ou por uma oração não finita.

As orações comportamentais são definidas por Halliday e Matthiessen (2014) como processos de comportamento fisiológico e psicológico. No entanto, esses processos podem conter características dos processos material, mental e verbal. Seus participantes são o comportante, que é um ser consciente e que realiza processos com características dos processos

citados acima, além de haver o “comportamento”, que se assemelha ao processo-escopo, e os tipos de circunstâncias, que estão associados aos processos comportamentais.

Halliday e Matthiessen (2014) classificam as orações existenciais como representação de algo que existe ou acontece, utilizando verbos como “haver”, “acontecer”, “existir” etc. O participante desse tipo de processo é o existente, que pode representar uma pessoa, um objeto ou uma ação.

Reiteramos que toda a descrição teórica apresentada aqui está relacionada aos aspectos mais relevantes usados na análise de fragmentos das piadas homofóbicas contidos no quarto capítulo.

## 2.8 Algumas considerações

Podemos refletir que a Análise de Discurso Crítica de Fairclough (2003, 2016) e de Chouliaraki e Fairclough (1999) se constitui como uma teoria nuclear pelo seu propósito de investigar discursivamente e de modo crítico as desigualdades sociais e atrair outras teorias que aperfeiçoam esse objetivo. As piadas, sendo os textos gerados e analisados no quarto capítulo do presente estudo, são fragmentos em que são incutidas as questões de ideologia, poder e hegemonia de uma forma relacionada ao humor, além de serem envolvidas pelas práticas discursivas no seu processo de produção quando há escolhas lexicais e representações de identidades que são distorcidas.

Ao conhecermos como se formam as práticas discursivas, temos a percepção de como podem ser construídos os discursos que possuem o objetivo de perpetuar preconceitos contra grupos minoritários como a comunidade LGBTI+.

Vimos também que as formas simbólicas, como expressões linguístico-discursivas, atuam como mecanismos de controle social, espalhando ideologias que estabelecem formas de dominação, além de formas de poder e hegemonia que ajudam na construção de textos humorísticos que colocam a comunidade LGBTI+ à margem da sociedade.

Debatemos também sobre a representação dos atores sociais nas categorias sociológicas e linguísticas, o que nos traz uma referência teórica para analisarmos a inclusão ou exclusão deles nos discursos e a relevância que isso possivelmente pode trazer na representação desses atores no mundo social. Apresentamos quadros que esclarecem melhor as identidades da comunidade LGBTI+ como uma importante fonte de significado para entendermos melhor suas formas de se expressar no mundo. Para complementar isso, trouxemos importantes contribuições como as siglas da comunidade homossexual e debatemos sobre a teoria *queer*

como forma de entendermos a ideia de performatividade e o que ela diz sobre o gênero ser constituinte de identidades. Por fim, achamos importante abordar a LSF para termos um olhar descritivo do funcionamento da linguagem humana.

Dessa forma, destacamos que o aporte teórico contido neste segundo capítulo tem como finalidade nos trazer a reflexão sobre como os textos humorísticos são elaborados para assim conhecermos mais sobre os discursos que circulam na realidade social da homofobia. Seguimos agora com o terceiro capítulo, tendo o propósito de abordar todo o percurso metodológico para a geração e análise das piadas homofóbicas veiculadas na mídia *on-line*.

### 3 O PERCURSO METODOLÓGICO COMO ALICERCE NA ANÁLISE DE PIADAS HOMOFÓBICAS.

*Quero me encontrar, mas não sei onde estou  
Vem comigo procurar algum lugar mais calmo  
Longe dessa confusão e dessa gente que não se respeita  
Tenho quase certeza que eu não sou daqui*

*Acho que gosto de São Paulo e gosto de São João  
Gosto de São Francisco e São Sebastião  
E eu gosto de meninos e meninas*

*(Legião Urbana – Meninos e meninas)<sup>26</sup>*

**B**uscamos iniciar este capítulo com um trecho da canção da banda brasileira Legião Urbana intitulada “Meninos e meninas” por apresentar uma certa visibilidade aos bissexuais, grupo este com pouca voz e ainda subestimado até mesmo entre pessoas que igualmente possuem uma orientação diferente do “padrão” heteronormativo. Infelizmente esse público é também vítima de preconceito, pois “por vezes, a pessoa bissexual é forçada a escolher se relacionar com ‘um gênero de preferência’, como se isto a tornasse mais ou menos heterossexual ou homossexual” (COSTA, 2020). Existe o estigma de que os bissexuais sejam pessoas indecisas e que ainda não optaram por namorar ou se relacionar com alguém do mesmo sexo ou do sexo oposto. No entanto, esse público precisa de voz e visibilidade para ter o seu espaço de respeito e desvinculados de conceitos errôneos que já foram ditos com relação ao seu modo de se expressar sexualmente.

Seguindo com o objetivo proposto neste estudo, neste terceiro capítulo, buscamos mostrar quais os métodos utilizados para a geração de dados na mídia *on-line*, tendo como base *sites* nos quais são veiculadas piadas homofóbicas, bem como todo o embasamento metodológico que dá suporte ao percurso da pesquisa.

Assim, na primeira seção, temos a conceituação do que é uma pesquisa qualitativa e a sua grande importância para este trabalho, já que uma pesquisa numérica não permitiria um aprofundamento das questões que só uma análise crítica mais profunda poderia trazer.

---

<sup>26</sup> LEGIÃO URBANA. *Meninos e meninas*. Rio de Janeiro: Emi Music Brasil, 1989. Disponível em: <https://www.deezer.com/br/album/334196>. Acesso em: 12 mar. 2022.

Na segunda seção, buscamos descrever os critérios adotados para uma melhor seleção dos dados, tendo em vista a importância de ajudar a responder aos objetivos de pesquisa propostos para este estudo.

Na terceira seção, apresentamos os recursos e os obstáculos de se fazer uma pesquisa sobre piadas homofóbicas na mídia *on-line* e como isso impacta a realização do presente estudo.

Na quarta seção, expomos detalhes sobre o *corpus* e o processo de geração de dados na mídia *on-line*, como também os objetivos propostos que norteiam este trabalho.

Na quinta seção, trazemos o conceito de ontologia e epistemologia, bem como as reflexões e os impactos que elas trazem para a pesquisa. Por meio desse conhecimento, poderemos analisar a maneira como nos posicionamos em relação ao mundo e conhecer as teorias pelas quais os fenômenos sociais são conhecidos.

Na sexta seção, abordamos a teoria central desta pesquisa, que é a Análise de Discurso Crítica (ADC), e a sua importância como metodologia na geração e análise de dados para uma melhor interpretação das relações sociais trazidas pelas piadas homofóbicas.

Na sétima e última seção deste capítulo, expomos a preocupação com a qualidade deste trabalho e como seguimos rigorosamente as regras propostas por diversos autores com a finalidade de torná-lo ético e válido.

Seguimos com as seções na ordem em que foram apresentadas.

### **3.1 A pesquisa qualitativa**

Começamos esta seção na tentativa de explorar as características da pesquisa qualitativa e relacioná-las com o desenvolvimento deste estudo. Assim, achamos relevante detalharmos os princípios que orientarão esta pesquisa.

A pesquisa qualitativa está interessada nas experiências dos indivíduos ou dos grupos. Ela situa o pesquisador no mundo para que ele busque estudar o seu objeto da forma mais natural possível, podendo adquirir entendimentos e experiências, além de entender como relações e discursos funcionam. A respeito desse tipo de pesquisa, Minayo (1994, p. 21-22) faz o seguinte comentário: “[...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Ressaltamos que a pesquisa qualitativa contribui de modo significativo para o tipo de pesquisa aqui desenvolvida, pois há em seus principais aspectos uma preocupação com a escolha adequada de métodos e teorias apropriados, sem contar uma maior relação do

pesquisador com o seu objeto de estudo, o que gera reflexões sobre o processo de produção do conhecimento. Nesse sentido, para Flick (2009b, p. 25), “os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento, em vez de simplesmente encará-la como uma variável a interferir no processo”.

A comunicação que almejamos parte do princípio de buscarmos um aprofundamento das questões sociais com relação à discriminação da comunidade LGBTI+ em piadas homofóbicas. Por esse motivo, não temos interesse com este trabalho em focar em estatísticas ou adquirir dados numéricos sobre quantas vezes ocorre algum tipo de discriminação ou se determinada parcela da população brasileira consome e/ou divulga humor homofóbico na mídia *on-line*, características essas da pesquisa quantitativa. No entanto, enfatizamos aqui a utilização numérica quando acessamos a parte das estatísticas de um *site* de piadas e observarmos que a piada mais acessada apresenta conteúdo homofóbico.

Bauer e Gaskell (2008, p. 22) enfatizam que, pelo fato de lidar com números, a pesquisa quantitativa é considerada *hard*, enquanto a pesquisa qualitativa, por evitar números e lidar com interpretações das realidades sociais, é considerada pesquisa *soft*. Inferimos dessa ideia que a pesquisa quantitativa demanda um trabalho mais árduo, pois envolve números e pesquisas de opinião, fatores estes que muitas vezes geram problemas de interpretação, como dados sendo mascarados e compensados por uma sofisticação numérica.

Por ser um tipo de pesquisa *soft*, a pesquisa qualitativa encontra uma certa resistência nos meios acadêmicos, seja por ser considerada não-científica, seja pela relação com correntes marxistas. É possível percebermos que a pesquisa qualitativa causa incômodo por ser vista como um ataque às ciências experimentais, à razão e à verdade, já que a sua competência é a experiência vivida, algo que é considerado ficção pelos positivistas (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 22).

O nosso interesse em trabalhar com pesquisa qualitativa neste trabalho está ligado ao que os dados gerados por meio de *sites* de piadas podem dizer a respeito de uma possível perpetuação do preconceito contra os homossexuais e como esse tipo de humor ainda é aceito e consumido por uma parcela da sociedade brasileira, mesmo com a justificativa de que é “brincadeira”, como alguns disseminadores dizem. Além disso, também temos interesse na construção dos sentidos que emergem do texto, no olhar subjetivo para o fenômeno sob estudo, na interpretabilidade de como o preconceito emerge de expressões linguístico-discursivas que desvalem a homofobia e promovem a violência.



Para autores como Flick (2009a, p. 16), a pesquisa qualitativa parte da construção social das realidades em estudo, estando interessada nas perspectivas dos participantes e suas práticas cotidianas, pois o conhecimento adquirido no dia a dia agrega informações à questão do desenvolvimento de um estudo. Ela busca abordar o mundo “lá fora” e entender os fenômenos sociais “de dentro”. Nessa perspectiva, as práticas de interpretação que abordam o humor homofóbico trazem uma visão mais profunda na busca de entender o sentido que as pessoas que consomem e/ ou disseminam piadas atribuem a esse gênero textual.

O mundo complexo e multidimensional possibilita que a pesquisa qualitativa seja inserida em novas oportunidades de contexto, diversidade e reflexão. O principal elemento de esforço dessa abordagem deve envolver o autoquestionamento. Assim, para Mason (2002, p. 1):

Através da pesquisa qualitativa, podemos explorar uma ampla gama de dimensões do mundo social, incluindo a textura e a trama da vida cotidiana, os entendimentos, as experiências e imaginações dos participantes da pesquisa, as maneiras pelas quais os processos sociais, instituições, discursos ou relações funcionam e o significado dos significados que eles geram.

De fato, é uma tarefa bastante complexa para nós, pesquisadores, desenvolvermos o processo de fazer a pesquisa qualitativa com piadas homofóbicas, pois, mais do que apenas gerar dados, é preciso refletir sobre o significado de tais piadas e como o impacto que cada uma traz influencia a vida da comunidade LGBTI+. É preciso refletirmos bastante sobre essa dinâmica e interação com o meio social que os dados dessa pesquisa trazem, bem como os significados dos discursos aí contidos.

Segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 20), a pesquisa qualitativa não possui necessariamente um conjunto de métodos específicos que possa ser chamado de seu, porque ela faz uso da análise narrativa, análise semiótica, análise de discurso e até mesmo as estatísticas e os números. Ela é um campo transdisciplinar, pois é muitas coisas ao mesmo tempo, aborda múltiplos métodos e também se relaciona com a interpretação da consciência humana.

Buscamos definir o que é uma pesquisa qualitativa para que sirva de orientação sobre como este trabalho será estruturado. A pesquisa sobre o humor em piadas homofóbicas necessita ser apoiada nos métodos da pesquisa qualitativa, na qual pesquisadores poderão se situar no mundo, que talvez possa ser mais homofóbico do que imaginam, e refletirem de uma maneira mais intensa, o que poderá revelar um tipo de preconceito muito mais enraizado e profundo do que aparenta.

Os métodos qualitativos são aqui usados para que seja desenvolvida uma melhor descrição e interpretação dos dados, tendo em vista o seu caráter transdisciplinar que abrange as ciências humanas e sociais, concatenando, assim, as relações intratextuais e os discursos no gênero piada. Com a escolha da pesquisa qualitativa, é possível focar na compreensão da dinâmica das relações sociais, imergindo na diversidade de ambientes e em novas formas de vida. Flick (2009b, p. 20) assevera que “a pesquisa qualitativa é de particular relevância aos estudos das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida”, pois as mudanças aceleradas do cotidiano fazem com que os pesquisadores enfrentem novos contextos e perspectivas sociais. Cabe, por fim, ressaltar que as pesquisas qualitativas são “guiadas por um conjunto de crenças e de sentimentos em relação ao mundo e ao modo como este deveria ser compreendido e estudado” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 34). Atrelado a isso, estão as orientações ontológicas, epistemológicas e metodológicas, conceitos esses que serão melhor abordados ainda neste capítulo.

### **3.2 Critérios e estratégias**

Nesta segunda seção, descrevemos os procedimentos adotados para chegarmos aos dados, sendo eles essenciais nas análises propostas nos objetivos de pesquisa. Dessa forma, considerando que as pesquisas devem possuir evidências que servirão de base para a investigação proposta, é interessante refletirmos sobre quais métodos melhor se aplicam ao tipo de pesquisa a ser trabalhada. Para isso, é importante pensarmos no objetivo geral que motiva este trabalho, que é analisar as relações intratextuais e os discursos que fomentam a discriminação da comunidade LGBTI+ no gênero piada.

Quando pensamos em múltiplos métodos na pesquisa qualitativa, para uma compreensão mais profunda do objeto de estudo, vem à tona o conceito de triangulação, que, segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 20):

[...] é a exposição simultânea de realidades múltiplas, refratadas. Cada uma das metáforas “age” no sentido de criar a simultaneidade, e não o sequencial ou o linear. Os leitores e as audiências são então convidados a explorar visões concorrentes do contexto, a se imergirem e a se fundirem em novas realidades a serem compreendidas.

Sendo uma alternativa para a validação deste estudo, a triangulação amplia as atividades do pesquisador e “deve produzir conhecimento em diferentes níveis, o que significa que eles vão além daquele possibilitado por uma abordagem e, assim, contribuem para promover a qualidade na pesquisa” (FLICK, 2009c, p. 62).

Adotamos, então, nesta pesquisa, o critério da triangulação de teorias por ser relevante a ampliação do conhecimento e também porque diferentes teorias podem ajudar a explicar um tipo de fenômeno (FLICK, 2009c). De acordo com o que é proposto neste trabalho, entendemos que diferentes teorias ajudam a desvelar o fenômeno da homofobia, como a ADC de linha inglesa de Chouliaraki e Fairclough (1999) e de Fairclough (2003, 2016); o humor e o riso segundo as ideias de Bergson (1983) e Freud (1987, 1995 e 1996); e os gêneros textuais com base em Fairclough (2003), Marcuschi (2008) e Bakhtin (2016). Todas essas teorias formam uma triangulação, uma maneira de encontrar explicações alternativas e juntar hipóteses que ajudam a analisar o que foi proposto como objetivo geral deste trabalho.

O uso da triangulação nos traz reflexões e conhecimentos na abordagem dos dados gerados, o que, de certa forma, promove a qualidade na pesquisa qualitativa. Assim, ao ler um trabalho, os leitores podem compreender as diferentes e concorrentes visões do contexto e observar as realidades que estão sendo estudadas. Esse critério visa, assim, evitar pontos obscuros com relação à teoria abordada, pois não seria possível falar de homofobia sem mencionar as questões das religiões ou a sua patologização pela ciência, sendo cada uma complementando todo o histórico de preconceito sexual contra os homossexuais.

Ainda focalizando na questão metodológica, as reflexões advindas dos estudos de Gil (2002, p. 41) nos mostram que há várias modalidades de pesquisa que podem nos auxiliar no desenvolvimento da análise deste estudo. Podemos citar que, quanto à natureza de pesquisa desenvolvida, será uma pesquisa aplicada, pois visamos uma contribuição para gerar conhecimento e, assim, evitar a propagação do humor depreciativo à comunidade LGBTI+.

Ressaltamos, ainda, que esta pesquisa abordará três grupos de modalidade descritas por Gil (2002), que são exploratória, descritiva e explicativa, considerando o objetivo de analisar as relações intratextuais e os discursos que fomentam a discriminação da comunidade LGBTI+ no gênero piada. O caráter exploratório busca proporcionar maior familiaridade com o problema e torná-lo mais visível. Gil (2002, p. 41) aponta que “estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. Será essencial explorarmos exemplos de humor homofóbico em piadas para que possamos entender a construção de um discurso que desperte o riso, mesmo podendo ser algo depreciativo em relação a uma minoria. Com isso, toda a abordagem descrita no primeiro capítulo do presente trabalho nos ajuda a entender conceitos importantes que descrevem o universo LGBTI+, bem como o seu histórico de sofrer violência física e verbal e a sua luta por um lugar de fala. Já o caráter descritivo está relacionado com a descrição dos fenômenos e fatos de determinada

realidade, sendo possível fazermos uma relação com a homofobia, que ainda é uma realidade em nossa sociedade e que continua sendo disseminada na mídia *on-line*. Esse tipo de informação é essencial para trabalharmos com o humor em piadas homofóbicas, pois constitui uma base que fundamenta o preconceito contra homossexuais. Por fim, quanto ao caráter explicativo, temos a preocupação em identificar a motivação para a ocorrência do humor homofóbico, podendo ser relacionada como uma continuação da pesquisa descritiva. Esse caráter será melhor entendido quando forem conhecidos os resultados da pesquisa, o que proporcionará uma melhor visão da construção das piadas.

Em relação à geração de dados, utilizamos a técnica da pesquisa eletrônica, que, como definem Gerhardt e Silveira (2009, p. 69):

É constituída por informações extraídas de endereços eletrônicos, disponibilizados em *home page* e *site*, a partir de livros, folhetos, manuais, guias, artigos de revistas, artigos de jornais etc. Apesar de sua importante contribuição para a investigação científica, nem toda informação disponibilizada em meios eletrônicos pode ser considerada como sendo de caráter científico. Há de se observar a procedência do *site* ou da *home page*.

Ao final dessa citação, as autoras refletem sobre informações vindas de *sites* que divulguem *fake news*<sup>27</sup> como não sendo válidas de caráter científico. Ao observarmos a procedência de *sites* que contêm piadas, o que contará para o presente estudo é o humor veiculado para se fazer deboche a um grupo minoritário, como é o caso da comunidade LGBTI+, ou, mais especificamente, os homens gays, as travestis e as transexuais. As piadas que irão compor o *corpus* desta pesquisa são importantes para a análise aqui proposta, pois serão analisados as relações intratextuais e os discursos que fomentam a discriminação em relação à comunidade LGBTI+. O que interessa para este estudo é o discurso produzido para um possível efeito humorístico que usa situações homofóbicas como contexto.

A pesquisa eletrônica também pode ser chamada de pesquisa *on-line*, pois o foco é utilizar a internet como um importante instrumento na geração de dados. De uma maneira geral, a pesquisa *on-line* se torna interessante por reunir em um único lugar os dados necessários para esta pesquisa, algo que torna a geração de dados menos complicada se comparada a métodos tradicionais, como pesquisar piadas em livros, revistas ou jornais. Isso sem contar que uma página na internet pode reunir várias piadas de um tipo de público-alvo em uma única seção, método esse que fez este estudo ganhar tempo devido ao curto prazo para concluí-lo.

---

<sup>27</sup> Segundo Campos ([2019]), *fake News* são notícias falsas publicadas por veículos de comunicação como se fossem informações reais. Esse tipo de texto, em sua maior parte, é feito e divulgado com o objetivo de legitimar um ponto de vista ou prejudicar uma pessoa ou grupo (geralmente figuras públicas).

A utilização de uma pesquisa documental para este estudo será de grande importância, pois esse procedimento considera como referência os meios escritos e eletrônicos, sendo este último o principal mecanismo de geração de dados nesta investigação.

Gil (2002, p. 45) diz que a pesquisa documental se assemelha à pesquisa bibliográfica, sendo que a diferença entre elas está na natureza das fontes:

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com o objeto da pesquisa.

O autor considera que a pesquisa documental possui uma série de vantagens, como, por exemplo, os documentos constituírem uma fonte rica e estável de dados, o custo da pesquisa ser baixo e também por não exigir contato com os sujeitos da pesquisa (GIL, 2002, p. 46).

As piadas homofóbicas encontradas na mídia *on-line* constituem uma documentação de comunicação de massa, pois estão acessíveis na internet para qualquer pessoa ler e talvez se entreter. Gil (2008, p. 151) comenta que esses tipos de fonte de documentação “possibilitam ao pesquisador conhecer os mais variados aspectos da sociedade atual e também lidar com o passado histórico”. Talvez não seja possível conhecermos a data em que a piada homofóbica foi criada, mas a sua existência pode confirmar um passado, ou quem sabe ainda um tempo presente, em que esse tipo de conteúdo de preconceito sexual foi produzido, seja porque representa(va) o pensamento da sociedade em determinado momento da história, seja por ser uma forma de inferiorizar a comunidade de homossexuais por meio do humor.

Ao adotarmos os critérios e as estratégias descritos nesta pesquisa, pensamos nos elementos que possibilitam chegar à qualidade que a pesquisa qualitativa exige, pois assim a trajetória aplicada torna-se transparente e confiável. A intenção de definirmos os critérios de pesquisa tem como objetivo minimizar equívocos, ambiguidades ou inconsistências na natureza deste trabalho.

### **3.3 Recursos e obstáculos**

Nosso foco com esta seção é descrevermos os recursos que estavam ao nosso alcance e também os obstáculos e as dificuldades que tornaram a geração de dados um pouco mais complexas.

Os recursos utilizados para esta pesquisa resumem-se aos dados gerados na internet. A opção de geração de dados na rede interligada de computadores deve-se ao fato de esse tipo de

mídia estar cada dia sendo mais estudada por pesquisadores de diferentes áreas, seja pela identificação que esses estudiosos têm com esse meio, seja pelo fato de essa rede conter uma vasta gama de informações que torna a busca de dados menos árdua.

Já mencionamos na seção 1.3 do primeiro capítulo deste trabalho que a mídia *on-line* é o campo mais utilizado atualmente para a manifestação de conteúdos de aspectos ideológicos e também onde instituições dominantes usam o seu poder para disseminar informações e controlar o que é divulgado. Dessa forma, encontramos nesse campo mais uma forte motivação para fazermos a pesquisa de forma *on-line*.

A disponibilidade de informações na internet oferece um rico campo para a geração de dados. Segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2012, p. 42):

A perspectiva da internet como artefato cultural observa a inserção da tecnologia na vida cotidiana. Assim, favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte, em uma perspectiva que se diferencia da anterior, entre outras coisas, pela integração dos âmbitos *on-line* e *off-line*.

As mesmas autoras citadas acima (2012, p. 50) refletem que quando se pensa na geração e análise de dados na internet, é essencial considerar as estratégias de utilização dos ambientes digitais e também os aspectos de cunho ético em relação à publicização.

Encontrarmos piadas homofóbicas em forma de prosa no meio *on-line* não é algo difícil, mesmo considerando a época em que esta pesquisa está sendo desenvolvida, na qual está em evidência a cultura do “politicamente correto”. De acordo com as ideias contidas nesse termo, há uma atenção maior em combater conteúdos que possam disseminar preconceitos ou mostrar atitudes que não condizem com um certo modo de se comportar em uma sociedade.

As piadas que fazem parte do *corpus* desta pesquisa podem ser encontradas nos *sites* Portal do Humor e Piadas Engraçadas!<sup>28</sup> e são de simples acesso para qualquer pessoa, não havendo restrição de idade e nenhum outro aviso na página principal sobre o seu conteúdo ofensivo.

Basta apenas encontrar o *link* com o nome pejorativo de “piadas de bichas” e a pessoa que está navegando pelo *site* de humor encontrará dezenas de piadas homofóbicas com diversos temas e títulos que remetam a situações em que o sexo é explorado exaustivamente. Porém devemos ressaltar que dedicamos algum tempo para selecionar as piadas, pois não é algo feito de maneira aleatória. O tempo deverá possibilitar pesquisar com tranquilidade as piadas que trazem conteúdos de maior impacto ao público de homens gays, travestis e transexuais, como

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.portaldohumor.com.br/cont/categ/3/Piadas-de-Bichas.html> e <https://www.piadasnet.com/piadas-de-bichas.htm>, respectivamente (Acesso em: 3 ago. 2019).

violência física e moral, ofensas, discriminação e outros assuntos que marginalizam o referido grupo. São essas características que julgamos ter um maior alicerce na construção da homofobia em forma de humor, pois se ri para inferiorizar alguém ou um grupo, o que traz a impressão de que o tipo de público que cria, dissemina e/ou se diverte com esse tipo de conteúdo não se importa com o sofrimento alheio ou o impacto negativo que o texto humorístico poderá trazer ao público discriminado.

As desvantagens na geração de dados em *sites* de piadas consistem em não estarem identificados os autores das piadas, sejam elas homofóbicas ou não, tendo em vista que muitas delas podem não ter sido criadas naquele espaço, mas sim copiadas de outras fontes. Com isso, não é possível traçar o perfil do autor da piada nem do leitor desse tipo de conteúdo, pois, como não há nenhum tipo de identificação sobre quem cria ou consome o humor, não é possível saber quem são essas pessoas.

Outra desvantagem é não ser possível identificarmos a data em que foram criadas as piadas, pois podem ser algo recente, o que indicaria ainda uma forte disseminação da homofobia, ou terem sido copiadas de outras fontes que as veicularam em uma época em que esse tipo de zombaria era propagada com mais frequência e menos repúdio.

No *site* Portal do Humor, há uma seção chamada “quem somos”, local esse no qual as pessoas que visitam o *site* esperam conhecer mais sobre os criadores da página, mas, quando clicamos no referido *link*, observamos que se trata de um tipo de brincadeira que os autores fazem sobre eles mesmos e sobre a ideia de elaboração do *site*, sendo, então, uma tentativa inútil de conhecermos o verdadeiro perfil deles. Porém, nesse mesmo portal, há a seção chamada “estatísticas”, na qual é possível ver o número de piadas disponíveis no *site*, o número de visualizações das piadas em geral e também a quantidade de visualizações da piada mais acessada, que, coincidentemente, no dia que entramos na referida seção (19 de abril de 2020), era um texto intitulado de “12 coisas de viado”, com 90962 visualizações naquele momento. Embora seja considerada a “piada” mais visualizada no momento em que acessamos a seção sobre as estatísticas, esse texto humorístico foi avaliado e descartado por mim e pela minha orientadora, pois constatamos que não se enquadra naquilo que consideramos como o gênero piada de acordo com o que já discutimos na seção 1.2.2 do primeiro capítulo deste trabalho.

Já na página Piadas Engraçadas! não há informações sobre os criadores do *site* ou sobre estatísticas de visualizações. Porém há uma seção chamada de “top 10”, que elenca as 10 piadas consideradas mais engraçadas ou mais acessadas, embora não apresente informações sobre o

método utilizado para isso. Notamos que no dia em que acessamos o referido *site*, em 19 de abril de 2020, não havia nenhuma piada sobre a comunidade LGBTI+ entre essas 10 piadas.

Ressaltamos que outros *sites* também foram pesquisados, como o [Piadas.com.br](https://www.piadas.com.br/) e Os Vigaristas<sup>29</sup>, porém não há seções intituladas “piadas de bichas” como nos *sites* mencionados anteriormente. Também não há informações detalhadas sobre seus criadores nem a quantidade de acessos às suas seções de piadas.

É essencial ressaltarmos também que as piadas enfatizam, na maioria das vezes, o público homossexual masculino, mesclando-se e, por vezes, se confundindo com as transexuais e as travestis. Assim, não encontramos registros a respeito de piadas sobre lésbicas e bissexuais, motivo esse já refletido na seção 1.4.3 do primeiro capítulo do presente estudo.

Por fim, a descrição dos recursos e obstáculos encontrados no desenvolvimento desta pesquisa permitirão a interpretação e compreensão da análise sobre o conteúdo homofóbico em forma de humor na mídia *on-line*.

### 3.4 *Corpus da pesquisa*

Nesta seção buscamos apresentar a origem dos dados que norteiam esta pesquisa e os objetivos elaborados por este pesquisador que delimitam o estudo das piadas homofóbicas aqui proposto.

Assim sendo, considerando que em toda pesquisa social empírica deve haver evidências para a argumentação, a construção do referencial do *corpus* “garante a eficiência que se ganha na seleção de algum material para caracterizar o todo” (BAUER; AARTS, 2008, p. 40). Assim, o *corpus* de uma pesquisa é todo o material em que o pesquisador irá trabalhar.

O primeiro passo que utilizamos na geração de dados foi a utilização do *site* de busca Google<sup>30</sup>, por ser considerada uma página bastante acessada e eficiente em seus resultados. O segundo e curioso passo é que, ao digitarmos “piadas homofóbicas”, os resultados visualizados foram de páginas que combatem e criticam esse tipo de piadas, algo que nos surpreendeu e nos faz acreditar que os avanços contra o preconceito são muitos, mesmo ainda tendo muito pelo que lutar. A saída encontrada por nós foi digitarmos “piadas de bichas”, método esse que nos levou às páginas Portal do Humor e Piadas Engraçadas!, sendo elas duas das poucas páginas na

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.piadas.com.br/> e o <https://www.osvigaristas.com.br/>, respectivamente. Acesso em: 22 dez. 2020.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.google.com.br/>. Acesso em: 22 dez. 2020.



internet a possuírem uma seção só com piadas sobre o público de homens gays, travestis e transexuais.

Ressaltamos que foi delimitado o *corpus* de 8 piadas para a representação e análise aqui proposta, de forma que foi considerado suficiente para a investigação do discurso, atentando para o curto tempo do desenvolvimento desta pesquisa.

Após a delimitação, refletimos sobre o objetivo geral, que é analisar as relações intratextuais e os discursos que fomentam a discriminação da comunidade LGBTI+ no gênero piada.

Com o propósito de cumprirmos esse escopo, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- a. Identificar a manutenção/transformação dos discursos relacionados à homofobia nas materializações textuais de piadas;
- b. Verificar como as relações de poder e ideologia são (re) construídas e (re) formuladas na articulação de discursos nos textos humorísticos;
- c. Analisar como a comunidade LGBTI+ é representada em textos humorísticos como as piadas.

Após a reflexão com relação a essas orientações, será possível organizarmos o capítulo analítico de forma compatível com o que foi proposto com o objetivo geral e os objetivos específicos.

### **3.5 Questões ontológicas e epistemológicas**

Esta seção apresenta as reflexões sobre procedimentos ontológicos e metodológicos que devem ser pensados no projeto de pesquisa para que possamos entender nossas percepções de mundo e as teorias sobre aquilo que estamos pesquisando.

As diferentes percepções da realidade social trazem reflexões acerca de um projeto de pesquisa, pois cada ser possui uma maneira única de interpretar o mundo. Segundo Bhaskar (2008, p. 26), a ontologia “não tem como objeto um mundo à parte daquele investigado pela ciência. Em vez disso, seu assunto é apenas aquele mundo, considerado do ponto de vista do que pode ser estabelecido sobre ele por meio de argumentos filosóficos”. No caso deste estudo, observamos a realidade da comunidade LGBTI+, que ainda se encontra à margem da sociedade, sendo, por vezes, deixada de lado na pauta de compromissos do governo com relação a direitos humanos. Dessa forma, inquietamo-nos com o fato de haver discursos humorísticos que (re)

produzem uma discriminação por vezes velada ao grupo dos homossexuais masculinos, travestis e transexuais, fato este que motivou o desenvolvimento da presente pesquisa.

Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 153) comentam que “decisões de caráter ontológico são aquelas que dizem respeito ao modo como acreditamos ser constituído o mundo social”. Com base nesse pensamento, acreditamos que possivelmente os discursos humorísticos homofóbicos possam influenciar de modo negativo a visão de uma sociedade a respeito dos homossexuais, além de esse próprio público-alvo se sentir agredido pelo tipo de humor abordado. No entanto, não são todos os homossexuais que se sentem atingidos pelas piadas homofóbicas. A respeito da visão particular desse grupo, Vidarte (2019, p. 62) comenta:

No fundo, creio que muitas bixas não estão nem aí para a homofobia porque, dada sua situação social, econômica e de classe, sabem que sua integridade física, moral e seu *status* estão muito mais protegidos por pertencer a um estrato privilegiado do que por apelar à erradicação generalizada da homofobia.

Entendemos que por haver outros tipos de questões, com as de classe social, os homossexuais que não se sentem atingidos pelo humor homofóbico possuem uma outra maneira de interpretar o mundo, o que contribui para o pouco engajamento na luta LGBTI+.

Com relação ao mérito da perspectiva ontológica, que é um importante alicerce no desenvolvimento de um projeto de pesquisa, Mason (2002, p. 14) comenta que “envolve perguntar o que você vê como a própria natureza e essência das coisas no mundo social, ou seja, é importante para o pesquisador ter a sua própria visão de mundo social em vez de apenas aceitar uma verdade universal”. Assim, é possível refletir que há diversas perspectivas ontológicas que compõem a realidade social, não havendo uma verdade universal.

Chouliaraki e Fairclough (1999) asseveram que as práticas sociais que constituem a ontologia envolvem crenças, valores, ideologias, atores sociais, dentre outros. Dessa forma, um pesquisador que seja homossexual terá uma visão diferente de um pesquisador heterossexual a respeito de temas que abordem sexualidade, homofobia e piadas de cunho homofóbico, pois é provável que o primeiro vivencie com frequência as práticas sociais que lhe permitam observar uma forma única e até mais próxima da realidade dos temas já citados.

Ao relacionar a natureza ontológica e o planejamento de pesquisa, Mason (2002, p. 11) reflete sobre o seguinte aspecto:

É apenas quando se reconhece que perspectivas ontológicas alternativas podem contar diferentes histórias que um pesquisador pode começar a ver sua própria visão ontológica do mundo social como uma posição que pode ser estabelecida e compreendida, e não uma verdade óbvia e universal que possa ser tomada como tácita.

Pela natureza de vida e pela orientação sexual deste pesquisador, a visão ontológica de mundo formada traz uma concepção de que a homofobia materializada em textos humorísticos deve ser estudada e de que ela não é apenas uma forma de entretenimento para alguns, mas também é uma forma de dominação e poder, como já foi debatido nos capítulos anteriores.

Por outro lado, as questões epistemológicas envolvem o conhecimento gerado a partir de uma realidade social particular, sendo a maneira que se acredita que essa realidade possa ser conhecida (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017, p. 154). Logo, a epistemologia trata do conhecimento ou evidência das coisas no mundo, um meio pelo qual a realidade social pode ser conhecida. De acordo com Páramo e Otálvaro (2006, p. 3), ela se refere ao:

[...] conjunto de pressupostos filosóficos que usamos para abordar a busca de conhecimento, a noção de que compartilhamos realidade e verdade, e o papel desempenhado pelo pesquisador na busca de conhecimento, bem como a forma como assumimos o assunto estudado.

A epistemologia abordada nesta pesquisa baseia-se na definição do que é humor, como ele é feito, o que é homossexualidade, o que é a identidade LGBTI+ e o que é homofobia. Tentar conceituar tudo isso poderá direcionar este trabalho a evidências mais concretas e um melhor conhecimento do mundo social. Mason (2002, p. 16) enfatiza que:

Sua epistemologia é, literalmente, sua teoria do conhecimento, e deve, portanto, preocupar-se com os princípios e regras pelos quais você decide se e como os fenômenos sociais podem ser conhecidos e como o conhecimento pode ser demonstrado.

Consequentemente, deve haver uma correspondência entre ontologia e epistemologia, pois esta última ideia está relacionada com a produção de conhecimentos a respeito dos componentes da ontologia (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017). Portanto, quando pensamos em piadas homofóbicas e aquilo que pode estar incutido nelas, como ideologias, identidades e discursos, devemos obter conhecimentos acerca desses componentes na tentativa de entender a realidade social particular.

Aliarmos uma posição ontológica às questões epistemológicas é importante para esta pesquisa, tendo em vista a nossa busca por conhecimento e explicações sobre a composição do mundo social. Por exemplo, uma pessoa só terá uma ideia do que é a homofobia se ela obtiver a real definição desse conceito, tendo ela adquirido essa informação por meio de um dicionário, ou de um artigo, ou de uma reportagem, e associar a realização desse significado em discursos humorísticos que fazem discriminação à comunidade LGBTI+ ou em casos de violência física noticiados na mídia.

Assim, com base nas orientações ontológicas e epistemológicas, as estratégias metodológicas desta pesquisa serão desenvolvidas por meio da geração de dados em *sites* de piadas que contenham uma seção dedicada a postagens voltadas à comunidade LGBTI+.

Entendemos que, pelo fato de existir conteúdo humorístico homofóbico na mídia *on-line*, ainda há pessoas que consomem e/ou divulgam essa temática, não sendo errado afirmar que esse tipo de leitura “diverte” o público em questão.

Diante disso, com base nos argumentos de Mason (2002), precisamos pensar se as estratégias adotadas na pesquisa são compatíveis com a ontologia e o posicionamento epistemológico que estão incorporados na estratégia metodológica. Os recursos necessários para desenvolvermos os métodos descritos neste capítulo permitirão a interpretação e compreensão da análise sobre o conteúdo homofóbico em forma de humor na mídia *on-line*.

### 3.6 A ADC como metodologia

Nesta seção, mostramos a importância da ADC na construção do modelo metodológico que compõe este estudo.

Considerando que o discurso é “um modo de ação e, assim, trata-se de uma forma pela qual as pessoas agem sobre a realidade social e também a representam” (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017, p. 40), observamos sua importância para a construção das identidades sociais e da ADC como metodologia para este estudo sobre o humor em piadas homofóbicas, principalmente na (re) produção de desigualdades ou relações de poder.

A ADC proposta por Fairclough (2016) traz o conceito de textos como resultado das práticas discursivas, teoria essa que pode ser constatada na (re) produção do humor homofóbico nos espaços da mídia *on-line*. Caberá uma possível análise de como as práticas discursivas com teor homofóbico são transformadas em textos e reforçam a manutenção de um poder que discrimina uma minoria, que é o caso dos homens gays, das travestis e das transexuais.

Partindo da concepção de que os textos constroem significados para as pessoas, buscamos adotar a ADC como método de análise do *corpus* por podermos desenvolver uma análise sobre o modo como se utiliza a linguagem para fins discriminatórios e entendermos a possível influência na realidade social. Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 37) refletem que:

[...] foi, sem dúvida, a inflexão para o discurso e a descoberta e o investimento em categorias teóricas primárias, como poder e ideologia, e outras secundárias, como intertextualidade, formação discursiva, ordem do discurso, entre outras, que expuseram da forma mais explícita possível a relevância do papel da linguagem na

formação da realidade social e a relação dialética entre esses dois âmbitos. Assim, da compreensão dessa imbricação e de sua implicação em determinada conjuntura é que será possível conhecer fenômenos sociais, notadamente aqueles relacionados à desigualdade social e política em que a linguagem desempenha papel crucial. E, ainda, com base nesse conhecimento, será possível contribuir para a mudança desse cenário de desigualdade e opressão.

Para uma melhor análise e encaixe da ADC como metodologia, é importante seguirmos alguns passos, como selecionar o problema social com que pretendemos trabalhar, recolher textos para o *corpus* da investigação e selecionar aspectos linguístico-discursivos para os propósitos da pesquisa, como sugerem Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 56).

Fairclough (2016, p. 19) comenta ser necessário reunir métodos originários da linguística para analisar a linguagem e investigar a mudança nela. Para isso, o autor acredita ser necessário fazer uma abordagem tridimensional que “permite avaliar as relações entre mudança discursiva e social e relacionar sistematicamente propriedades detalhadas de textos às propriedades sociais de eventos discursivos como instâncias de prática social” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 27). Também sugere um método que contemple a relação do conhecimento (até mesmo as crenças e o senso comum), as relações sociais e as identidades sociais, bem como um método de análise histórica, onde seja possível a intertextualidade, as quais “os textos são construídos por meio da articulação de outros textos de modos particulares, modos que dependem de circunstâncias sociais e mudam com elas” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 27).

Por fim, Fairclough (2016) sugere um método crítico, que implica mostrar conexões e causas que estão ocultas e assim permitir uma intervenção pelos participantes. Sendo assim, temos então um importante apoio na ADC para um direcionamento metodológico na geração e análise de dados, o que será essencial para respondermos aos objetivos de pesquisa.

Fairclough (2003, p. 2) desenvolveu a Teoria Social do Discurso para explicar três tradições analíticas, sendo cada uma delas considerada indispensável para a ADC: texto, prática social e prática discursiva.

O texto é produzido nas mais diversas situações sociais e constitui o *corpus* no qual são extraídas as regularidades discursivas. No caso desta pesquisa, esse conceito aplica-se às piadas com conteúdo homofóbico, sendo potencialmente significativas na análise de discurso. Já a prática discursiva, de acordo com Fairclough (2016, p. 111), “envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais”. Percebemos que a mencionada prática se relaciona sobre o modo como os participantes do discurso produzem e interpretam textos, bem como aos

recursos que são utilizados durante essa produção. Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 140) ressaltam a diferença do uso de linguagem na prática discursiva com relação às piadas contadas entre amigos:

Há toda uma expectativa de textos cômicos, adequados à faixa etária, à situação da interação, ou ainda conforme o grau de informalidade ou mesmo de intimidade entre os envolvidos, e com uma rotina específica, ou seja, conta-se a piada e, por fim, vem o clímax, a gargalhada e a apreciação ou avaliação crítica dos presentes. Dependendo da reação e de sua intensidade, pode-se estimar se a piada foi adequada, se o texto apresentou-se de forma clara, se foi bem interpretado, ou mesmo se o apelo ao humor foi forte o suficiente.

A expectativa mencionada e os procedimentos relacionados com o gênero discursivo criam relação com a configuração do que se espera de um gênero textual como as piadas: o humor, as escolhas lexicais, a intertextualidade etc.

Já prática social é descrita como uma dimensão do evento discursivo que envolve rotinas de conhecimento dos participantes de um certo grupo, como, por exemplo, práticas relacionadas à mídia, ao entretenimento e à religião, sendo que a sua dinâmica, desenvolvimento e transformação expressam hierarquias, preconceitos e formas de tratamento (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017, p. 135).

Após revisar essas três tradições analíticas, Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 59-60) apresentam uma nova análise do arcabouço da concepção tridimensional citada, o que coloca o discurso como um dos momentos das práticas sociais e não mais a sua centralidade como prática dominante da análise. O quadro a seguir resume esse novo enquadre metodológico:

#### **Quadro 7 - Enquadre metodológico de 1999**

<p>1 – Um problema (atividade, reflexividade)</p> <p>2 – Obstáculos para serem enfrentados</p> <p>    a) Análise da conjuntura</p> <p>    b) Análise das práticas em seu momento discursivo, considerando as práticas relevantes e a relação do discurso com outros momentos, como parte da atividade e como reflexão</p> <p>    c) Análise de discurso, o que inclui uma análise estrutural (ordem dos discursos) e uma análise interacional, que inclui análise interdiscursiva e análise linguística e semiótica</p> <p>3 – Função do problema na prática</p> <p>4 – Possíveis maneiras de superar os obstáculos</p> <p>5 – Reflexão sobre a análise</p>
---

Fonte: adaptado de Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60)

O novo enquadre metodológico de Chouliaraki e Fairclough (1999) é fundamental para a pesquisa aqui proposta, tendo em vista que os discursos em forma de piadas representam também práticas sociais que constituem as estruturas sociais, fato que coaduna com a análise da conjuntura mencionada no quadro acima. É possível também fazer uma análise das práticas em seu momento discursivo, principalmente com relações e processos sociais, o que inclui manifestação do poder hegemônico das instituições dominantes.

Consideramos importante também para este trabalho as categorias analíticas propostas por Fairclough (2003, 2016) que podem ser unidas na análise textual, principalmente na questão de analisar as relações intratextuais e os discursos que fomentam a discriminação da comunidade LGBTI+ no gênero piada, sendo as mais importantes para este estudo destacadas a seguir:

#### **Quadro 8 - Categorias analíticas**

<b>CATEGORIAS ANALÍTICAS</b>	<b>PERGUNTAS QUE NORTEIAM A ANÁLISE TEXTUAL</b>
<b>Gênero</b>	O texto se caracteriza por uma mistura de gêneros?
<b>Intertextualidade</b>	Daquilo que é importante em textos e vozes, o que está incluso e significativamente excluído? Que outras vozes estão inclusas? São atribuídas, e caso sejam, de forma específica ou não? Tais vozes são atribuídas ao discurso direto e indireto?
<b>Relações semântico-gramaticais entre sentenças e orações</b>	O que são relações semânticas predominantes entre sentenças e orações (causa, consequência, condição, tempo, adição, concessão)?
<b>Discurso</b>	Que discursos estão delineados no texto e como são construídos conjuntamente? Existe importância na mescla de discurso? Que formas caracterizam os discursos e quais são seus usos, relações semânticas entre palavras, colocações, metáforas, suposições?
<b>Representações de eventos sociais</b>	Que elementos dos eventos sociais representados estão inclusos ou excluídos? Como são representadas as ações dos atores (ativa/passiva, pessoal/impessoal, nomeada/classificada, específica/genérica)?

<b>Estilos</b>	Quais são os aspectos que caracterizam os estilos (corpo da linguagem, pronúncia e outras formas fonológicas, vocabulário, metáfora, modalidade ou avaliação)?
<b>Avaliação</b>	Como são realizados os valores como enunciados avaliativos, enunciados com modalidades deontológicas, enunciados com processos mentais afetivos ou valores supostos?

Fonte: adaptado de Fairclough (2003, p. 184-186)

Ressaltamos a importância da ADC como metodologia, tendo em vista o seu direcionamento para a geração e a análise de dados pesquisados. Pelo fato de a pesquisa qualitativa examinar os aspectos da vida social, levando em conta as relações sociais do contexto, conceito este já explorado no início deste capítulo, “o método desenvolvido pela ADC situa-se na tradição da pesquisa qualitativa, em virtude do foco na análise detalhada de textos e discursos” (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017, p. 33). Como a ADC traz um debate a respeito dos problemas sociais, podemos estudar o processo social nas ações dos participantes do discurso e em suas identidades.

Podemos investigar também a linguagem utilizada nos discursos homofóbicos com teor humorístico como meio de representar de modo desfavorável a comunidade LGBTI+. Ler uma piada e fazer uma análise discursiva sobre ela implica refletirmos sobre a maneira como é dado sentido às coisas e ao texto, bem como a forma que a leitura está sendo feita, pois, como comenta Gill (2008, p. 253), “fazer uma análise de discurso muda fundamentalmente as maneiras como nós experienciamos a linguagem e as relações sociais”. No caso das piadas que serão analisadas, o que está em jogo é a análise das expressões homofóbicas que são legitimadas pelo humorista que criou a piada, embora não se conheça esse autor e o que o motivou a ser homofóbico e a produzir um gênero textual de cunho preconceituoso.

É preciso também estarmos atentos à maneira como a linguagem na piada é empregada, assim como gírias e palavrões, como também a evolução do diálogo entre os personagens, pois, de acordo com o que já foi abordado no primeiro capítulo deste trabalho, o humor é inicialmente construído com a intenção de induzir o leitor a pensar em uma primeira situação para depois surpreendê-lo com outro contexto.

Gill (2008, p. 266) traz a seguinte reflexão a respeito do aspecto metodológico de uma análise discursiva:



Uma análise de discurso é uma leitura cuidadosa, próxima, que caminha entre o texto e o contexto, para examinar o conteúdo, organização e funções do discurso. Os analistas de discurso tendem a ser pessoas muito humildes que não gostam de afirmações bombásticas, e nunca irão argumentar que sua maneira é a única maneira de ler um texto. Em uma análise final, a análise de discurso é uma interpretação, fundamentada em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado.

Entendemos que, na análise de discurso, há um interesse na produção e também no consumo de textos, bem como nos seus processos sociocognitivos de produção de interpretação (FAIRCLOUGH, 2016, p. 288).

Bauer e Gaskell (2008) sugerem construir e pensar a análise de discurso, procurando por padrões nos dados gerados, o que mostrará a variabilidade e a consistência na forma, assim como a criação de hipóteses sobre as funções características específicas do discurso.

### **3.7 Qualidade, validade e ética**

Nesta última seção, temos como objetivo apresentar reflexões sobre esta pesquisa e mostrar os critérios, estratégias e abordagens utilizados para dar qualidade à pesquisa proposta, bem como os métodos que proporcionarão ética ao que está sendo estudado.

Flick (2009c, p. 16) declara que “as discussões sobre a qualidade da pesquisa qualitativa estão na encruzilhada das necessidades internas com os desafios externos”. No primeiro caso, a questão da qualidade é analisada internamente, quando pensamos se a pesquisa desenvolvida possui uma boa teoria fundamentada. No caso dos desafios externos, pensamos se a pesquisa é relevante quando há a pretensão de entrar em campos já dominados por outros estudos.

O mesmo autor (2009a, p. 88) enfatiza que a qualidade é considerada uma questão de como administrá-la e que às vezes “ela está ligada ao rigor na aplicação de um determinado método, mas é mais frequente que seja relacionada à solidez da pesquisa como um todo”. A qualidade da pesquisa qualitativa deve ser baseada em uma decisão clara por um método específico, que, por sua vez, deve ser fundamentado sobre o tema em estudo e conferido várias vezes a fim de entender se ele se ajusta ao tema de pesquisa. Flick (2009a, p. 91) ainda acrescenta que: “[...] a qualidade na pesquisa qualitativa é desenvolvida e produzida no campo de tensão entre a criatividade (teórica, conceitual, prática e metodológica) e o rigor (metodológico) no estudo dos fenômenos, dos processos e das pessoas”.

Outro aspecto que contribui para a qualidade da pesquisa é a constância e a flexibilidade de aplicação do método, podendo ser um campo de tensão, com o devido cuidado para não se reduzir a um tipo de aplicação “correta” de um método (FLICK, 2009a, p. 91).

Por isso, há uma grande preocupação nossa em mostrar que todo o percurso deste estudo possui a característica desejável a um trabalho acadêmico. Para isso, verificamos se os resultados das análises de piadas homofóbicas são constantes nas diversas investigações, como, por exemplo, se determinada ideologia é aplicada, ou se as identidades são construídas ou abordadas da mesma maneira, dentre outras possibilidades.

O que também garante a qualidade desta pesquisa é o seu nível de planejamento, que tem perguntas e objetivos bem definidos e possibilita a melhor administração e rigor na aplicação dos métodos já explicados neste capítulo. Precisamos ter a certeza de que os métodos vão se adequar a esta pesquisa, pois, segundo a reflexão de Flick (2009a, p. 89), “a adequação significa que você confere repetidas vezes se um método ou desenho específico se ajusta a seu tema de pesquisa e seu campo”. Daí é importante que o trabalho seja o mais transparente possível, para que seja possível entender como chegamos a certos resultados e conclusões. Portanto, buscamos mostrar neste capítulo todos os métodos e percursos utilizados na geração de dados em *sites* que contenham piadas homofóbicas.

Quando pensamos em qualidade, logo associamos ao aspecto da validade da pesquisa, fato este que nos traz muitas inquietações a respeito de analisarmos os dados, aqui sendo as piadas, e eliminarmos possíveis erros na intenção de se obter um detalhamento rico de explicações sobre o *corpus*. Gibbs (2009, p. 188) comenta que os resultados são válidos “se as explicações forem realmente verdadeiras ou precisas e captarem corretamente o que realmente está acontecendo”.

Na intenção de garantirmos a validade nesta pesquisa, utilizamos como método a comparação dos dados, a fim de se verificar se há os mesmos tipos de ocorrência de humor nas piadas e também se há o mesmo tipo de manifestação de ideologia que pode estar subentendida no material gerado.

A triangulação pode ser usada como técnica que trata da validade da pesquisa realizada, proporcionando ao leitor visões diferentes sobre o mesmo tema, obtendo-se, assim, uma visão mais precisa (GIBBS, 2009, p. 120). Piadas de diferentes *sites* e a triangulação de teorias, conceito já abordado neste capítulo, ajudam a formar uma ideia mais concisa sobre a construção da homofobia pelo humor.

Evidenciamos que os textos de piadas, por serem gerados em *sites* identificados como páginas de humor, são confiáveis por não serem forjados e estarem disponíveis na mídia *on-line* antes de iniciarmos esta pesquisa.

Com relação à ética de uma pesquisa, a análise deverá ser bem-feita, minimizando-se os custos e maximizando o benefício. Gibbs (2009, p. 129) comenta que a ética envolve muitas vezes “confiança mútua e alguma intimidade”, o que, nesse caso, não se aplica aos dados gerados no tipo de pesquisa aqui desenvolvida, tendo em vista que não há participantes reais que tragam aspectos de sua vida e que sirvam de análise para o que foi proposto. Os participantes do contexto das piadas são personagens fictícios que possuem características semelhantes ao grupo de homens gays, travestis e transexuais. Portanto, as características usadas para a zombaria podem, de alguma maneira, se assemelhar a características desse grupo como um todo e não apenas de uma pessoa específica

Flick (2009c, p. 161) menciona que a pesquisa que não tenha qualidade para contribuir com algum conhecimento novo é considerada antiética. E esse é um desafio desta pesquisa, pois a principal proposta aqui é analisar as relações intratextuais e os discursos que fomentam a discriminação da comunidade LGBTI+ no gênero piada. A questão da transparência, também já mencionada, é outra forma de comprometimento ético, tendo em vista que o leitor saberá que os dados gerados não foram inventados, mas retirados de *sites* de piadas, e que esses mesmos dados podem ser acessados livremente por quaisquer pessoas que visitem essas páginas na internet.

O comprometimento ético desta pesquisa, que não é feita por meio de entrevistas nem envolve seres humanos de forma direta, tem a ver com a pesquisa ser do tipo documental e ser feita em ambiente *on-line*, exigindo-se uma análise bem-feita para garantir a sua qualidade.

Ainda de acordo com as ideias de Flick (2009a, p. 96), para garantirmos uma pesquisa eticamente sólida, é necessário não haver omissão ou fraude na geração ou análise de dados, o que significa que a fonte das piadas será sempre identificada e que todo o seu conteúdo será integralmente reproduzido, não havendo censura no caso de palavrões ou de situações narradas que possam ser constrangedoras para determinados tipos de grupos.

Outra questão de dimensão ética é pensarmos na relevância desta pesquisa, pois não são muitos os trabalhos em linguística, principalmente na área da ADC, que tratem especificamente de piadas homofóbicas. Por isso, temos a preocupação de que este trabalho contribua com informações novas para os conhecimentos já existentes.

A principal responsabilidade desta pesquisa estará relacionada à análise de discurso, bem como manifestações de poder e ideologia presentes em piadas e a uma possível previsão de como outras pessoas poderão usar e entender este trabalho, o que motiva todo o cuidado quanto ao conteúdo trabalhado.

É possível também discutirmos a relevância da pesquisa ao divulgá-la, pois isso a torna transparente, possibilitando ao leitor entender como métodos e decisões foram tomadas, além de colocá-la à disposição de julgamento de outros pesquisadores e apresentá-la ao público a que se dirigem os resultados. Quando pensamos na relevância desta pesquisa, buscamos entender como são construídas discursivamente as piadas homofóbicas e o impacto que elas trazem à sociedade. No capítulo seguinte, tem-se a análise das piadas homofóbicas feita seguindo toda a metodologia abordada.

#### 4 REFLEXÕES SOBRE O DISCURSO HUMORÍSTICO CONSTRUÍDO COM BASE EM DISCRIMINAÇÃO VELADA À COMUNIDADE DE HOMENS GAYS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM PIADAS HOMOFÓBICAS

*Eu voltei e voltarei quantas vezes preciso for  
Me abraçe forte, chore, pode dividir a sua dor  
Resiste, irmã, não desiste, então vai à luta  
Mesmo que te chamem de eterna prostituta  
Vai lá mostrar pra eles quem é que tá no comando  
Desce e arrasa, mas arrasa esculachando  
Esse é o Brasil, agora eu tô aqui  
Mas esse é o país que mais mata travesti*

*Paz, justiça e liberdade, e liberdade, e liberdade  
Paz, justiça e liberdade, e liberdade, e liberdade*

*(Mc Xuxu - Liberdade)<sup>31</sup>*

**T**endo em vista o Brasil ser considerado um dos lugares mais perigosos para travestis, transexuais e transgêneros e ocupar o primeiro lugar em números de assassinatos de pessoas que se identificam com esse grupo<sup>32</sup>, escolhemos a canção da Mc Xuxu para abrir esse tópico e para dar visibilidade a eles/elas.

A escolha pela letra da música acima foi proposital e nos leva à reflexão sobre a situação das travestis, assim como também refletiremos aqui sobre os dados gerados na mídia *on-line*. Dessa forma, veremos como o discurso humorístico é construído na base da discriminação velada em piadas homofóbicas disponíveis em *sites* de humor.

Retomamos, então, ao objetivo geral deste estudo, que é analisar as relações intratextuais e os discursos que fomentam a discriminação da comunidade LGBTI+ no gênero piada. A partir dele, elencamos os três objetivos específicos, sendo eles:

- a) Identificar a manutenção/transformação dos discursos relacionados à homofobia nas materializações textuais de piadas;
- b) Verificar como as relações de poder e ideologia são (re) construídas e (re) formuladas na articulação de discursos nos textos humorísticos;

<sup>31</sup> MC XUXU. Liberdade. 2018. Disponível em: <https://www.deezer.com/br/album/55443102>. Acesso em: 25 mar. 2022.

<sup>32</sup> Segundo Minuano (2021), “o Brasil se mantém na liderança do vergonhoso *ranking* de países que mais matam pessoas trans no mundo. Em 2020, foram 175 travestis e mulheres transexuais assassinadas. A alta é de 41% em relação ao ano anterior, quando foram registrados 124 homicídios”.

- c) Analisar como a comunidade LGBTI+ é representada em textos humorísticos como as piadas.

Pretendemos, assim, responder a esses três objetivos analisando as 8 piadas geradas na mídia *on-line*.

#### 4.1 Análise do *corpus*

Temos como objetivo nesta seção responder aos objetivos de pesquisa supracitados, utilizando a teoria que foi trabalhada no capítulo 2. Dessa forma, para uma melhor compreensão da leitura, apresentamos a seguir todo o *corpus* gerado:

##### Texto 1

No psicanalista, o rapaz confessa:

- Doutor, eu acho que sou homossexual.
- Quem? Você? De jeito nenhum. Veja só: o sanguinário Nero era homossexual, o inesquecível Rock Hudson era homossexual, o magnífico Napoleão Bonaparte era homossexual, o talentoso Oscar Wild era homossexual. Mas você? Você não. Você não passa de um viadinho de merda.

##### Texto 2

Duas bichas gaúchas, uma delas meio surda, estavam no avião indo passar as férias de verão em uma cidade na África. Logo no início da viagem, o comandante fala:

- Bom dia, senhores passageiros! Bem-vindos ao voo 506, da South African. Nosso tempo estimado de viagem é de 12 horas.

E a bicha surda pergunta:

- O que ele disse?

E a outra bicha, gritando, fala:

- QUE O VOO VAI LEVAR UMAS 12 HORAS!

- Ah, bom!

O voo continuou e o comandante novamente intervém:

- Senhores passageiros, estamos a uma altitude de 5.000 metros e nós temos sinais de turbulências. Logo daremos início ao nosso serviço de bordo.

E a bicha surda pergunta:

- O que ele disse?

- QUE O RANGO VAI SER SERVIDO JÁ JÁ!

- Ah, bom!

Já no final do voo, novamente o comandante fala:

- Senhores passageiros, já temos permissão para pousarmos na cidade de Wacka- Wacka, Timbuktu. A cidade possui cerca de 3.000 habitantes, sendo que metade deles é portador do vírus da AIDS e a outra metade tem tuberculose.

E a bicha surda pergunta:

- O que ele disse?

E a outra grita:

- QUE É PRA VOCÊ DAR A BUNDA SÓ PRA QUEM ESTIVER TOSSINDO!

##### Texto 3

Uma jovem bichinha gaúcha corre desesperada para o pai:

- Papi, papi, bá, eu tô com AIDS! Eu vou morrer!

E o pai, sério, falou:

- Faz o seguinte: Ingredientes: \* 2 vidros de óleo de rícino \* 1 vidro de leite de magnésio \* 1 dúzia de comprimidos de Lacto-Purga \* 2 ovos de pata \* 1 coca-cola pequena, quente \* 2 colheres de azeite de dendê. Preparo: Bata tudo no liquidificador até uniformizar a cor. Tome numa só virada.

- E isso vai me curar?

- Se vai curar, eu não sei, mas que você vai reaprender para que serve um CU, ah, isso vai!

#### Texto 4

Um caminhoneiro, daqueles bem parrudos, veio em alta velocidade e bateu na traseira do fusquinha rosa, provocando um grande estrago. As bichinhas saíram loucas:

- Ah não! Meus deuses! Meu fusquinha novinho... - e virando-se para o caminhoneiro - Escuta aqui, bruto, você vai ter que pagar o estrago.

- Que pagar nada! Fica na sua! - respondeu áspero o caminhoneiro.

- Ai, vai pagar sim senhorrrii. Você bateu por trás e está erradérrimo. Vai ter que pagar.

A Karlinha ajudava:

- Isso mesmo. Eu sou testemunha. Vai pagar, seu grosso!

O caminhoneiro era irredutível:

- Não vou pagar e pronto! Sai da frente!

A bichinha motorista não se conteve e mandou que Karlinha chamasse a polícia. Karlinha foi. Enquanto a outra ia chamar a polícia, a motorista insistia:

- Quero ver se você não vai pagar. Você vai pagar sim, senhor!

O caminhoneiro engrossou:

- Vou pagar o CACETE!

A bichinha voltou-se para Karlinha, já longe, e gritou:

- Karlinhaaaaa. Volta, volta que ele quer negociar...!

#### Texto 5

##### **A bicha despeitada**

O negão está fazendo um xixi num banheiro público quando chega a bichinha, observa o seu bilau e exclama:

- Noooooossa! O seu cacete parece uma chaminé!

- No tamanho ou na grossura?

- Não, na sujeira!

#### Texto 6

##### **A Traveca Estuprada**

De madrugada no centro da cidade a traveca é assaltada e estuprada por quatro fortões embriagados. Depois de ser violentada, ela vai até a delegacia e relata o ocorrido, contando os detalhes:

- Além de levarem tudo que eu tinha, os tarados usaram e abusaram de mim a noite toda! Cada um com o negócio maior do que o outro! Me arrombaram, me arregaçaram... Eu tô que não posso andar!

- Tá bom, boneca... - responde o delegado - Eu vou trancafiar os elementos!

- Ótimo, Doutor! E eu exijo a reconstituição do crime!

## Texto 7

### 3 Motivos Para Seu Filho Ser Gay

Todos na rua diziam que o Joãozinho era gay! Entretanto seu pai não concordava com isso e decidiu levá-lo a um psicólogo para desvendar o mistério.

- Doutor, estou com um problema sério! É que todos na rua estão encarnando no meu filho e chamando ele de GAY!! Mas o garoto não aparenta nenhum traço de viadice!!

- Bem, para esclarecermos essa história, vou fazer 3 perguntas a seu filho para saber se ele é baitola ou não, ok?

O pai e o garoto concordaram.

- Primeira pergunta: qual é o número que você mais gosta, menino?

O pai pensando consigo mesmo: “não fala 24, pelo amor de Deus...”.

O menino responde:

- 11.

- Segunda pergunta: qual a verdura que você mais gosta?

Novamente o pai suplica consigo mesmo: “pelo amor de Deus não me fale ‘cenoura’ nem ‘pimentão’”.

O menino responde:

- Chuchu.

- Terceira pergunta: qual o animal que você mais gosta?

O pai pensa consigo mesmo: “só falta essa pergunta, não vá me decepcionar falando ‘veado’, heeein!?!?”

O garoto responde:

- Jacaré.

O pai aliviado e contente com seu filho foi surpreendido pelo doutor que, levantando-se de sua mesa, já com o resultado da enquete, afirma para o pai:

- SEU FILHO REALMENTE É GAY!!

O pai indignado responde:

- Mas ele não falou “24”, nem “pimentão”, “cenoura” ou coisa assim, e nem falou “veado”!!

Então como ele pode ser Gay??!!

- Simples: 11 (UM ATRÁS DO OUTRO...); CHUCHU (DÁ O ANO INTEIRO...);

JACARÉ (SE DEFENDE COM O RABO...). Então seu filho, sem dúvida alguma, é Gay!!

## Texto 8

Ia um ônibus de turismo com 40 bichas loucas a cantar e a desmunhecar, quando caiu no despenhadeiro. A única bicha a escapar do acidente, traumatizada, resolveu mudar radicalmente de vida. Entrou para um mosteiro e a vida que tinha era rezar pela alma de suas 39 "amigas", para que fossem perdoadas e alcançassem o céu. Um dia, já bem velhinho, o arrependido, à beira da morte, estava na capela a orar quando viu uma nuvem cor-de-rosa se aproximando dele. Levantou os olhos e divisou as outras 39 bichas saltitantes, de asas, batendo palmas e gritando em coro:

- Não era pecado, não era pecado...

Começamos apresentando, na íntegra, a primeira piada do *corpus* para, em seguida, analisarmos de acordo com os objetivos propostos:

### Texto 1

No psicanalista, o rapaz confessa:

- Doutor, eu acho que sou homossexual.



- Quem? Você? De jeito nenhum. Veja só: o sanguinário Nero era homossexual, o inesquecível Rock Hudson era homossexual, o magnífico Napoleão Bonaparte era homossexual, o talentoso Oscar Wild era homossexual. Mas você? Você não. Você não passa de um viadinho de merda.

Nesse primeiro dado, observamos aspectos das funções da linguagem discutidas em Fairclough (2016), com destaque para a função identitária e ideacional. Na primeira função, vemos a evidência do modo pelo qual as identidades de homens homossexuais são estabelecidas no discurso e construídas de forma superior ao que é classificado como “viadinho de merda”. Com relação à função ideacional, observamos a maneira como o discurso significa o mundo, apresentando quem é importante para ser considerado um homossexual de respeito.

Operam nessa piada os aspectos ideológicos de Thompson (2011) da legitimação, quando é possível observamos que figuras históricas e suas características como sendo dignas de apoio, e também do aspecto da unificação, pois a maioria das personagens apresentadas, com exceção do rapaz que vai ao consultório, são elevadas a um patamar de um homossexual de respeito.

Segundo Thompson (2011), como o contexto de uma piada pode fazer parte da vida de alguns indivíduos, as relações de poder e dominação contidas em um simples texto como esse podem atingir o pensamento e comportamento dessas pessoas. Foucault (2012) ressalta que uma das motivações que faz com que o poder se mantenha seja o prazer, o que corrobora o fato de um texto humorístico que traga a homofobia como seu principal tema influencie a aceitação do controle do poder que é provocado por instituições que condenem a homossexualidade.

Com relação a aspectos de representação de atores sociais, percebemos imediatamente que os dois atores envolvidos no discurso não são nomeados, algo bastante comum em piadas, sendo possível notarmos também que o personagem homossexual não é referido com nomes e atributos femininos.

A escolha de representação do ator social, no caso o rapaz homossexual, como um “viadinho de merda” traz uma identidade construída a partir de um ponto de vista ideológico. Assim, essa identidade foi uma escolha feita pelo autor da piada para se opor a atributos como “sanguinário”, “inesquecível”, “magnífico” ou “talentoso”, o que corrobora a reflexão de Rahier (2001) em afirmar que as identidades existem por oposição. Podemos observar que essa identidade faz oposição também a “homossexual”, sendo esse termo como uma posição com mais respeito com relação ao termo “viadinho”. O sujeito enquanto “viadinho de merda” é construído de forma depreciativa por não ter nenhum dos atributos citados, sendo ele um “efeito”, algo que foi criado e não um agente causador do discurso ou um agente de feitos gloriosos na história da humanidade.

Percebemos aqui a categoria de funcionalização de van Leeuwen (1997) para o personagem psicanalista, pois a sua nomeação está relacionada com a sua ocupação de profissional de saúde. Já com relação ao rapaz que diz que acha que é homossexual, há a categoria de indeterminação, pois não é especificado mais nada sobre ele. Assim, inferimos que o autor do texto preferiu não utilizar gestos ou falas depreciativas que pudessem caracterizar de forma homofóbica o personagem e assim focar em outra situação para construir o efeito humorístico. No entanto, observamos o aparecimento do termo pejorativo “viadinho” na fala do psicanalista, um termo ofensivo por si só que ganha bastante força na piada, realçando a inferioridade pretendida com o sufixo “-inho”<sup>33</sup> e também colocando o personagem em um patamar inferior com relação à homossexualidade.

Observamos, de acordo com a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), que no trecho “No psicanalista, o rapaz confessa: - Doutor, eu acho que sou homossexual” o primeiro processo verbal expressa uma experiência de mundo interior. A escolha lexical pela palavra “confessar” remete o leitor a pensar como algo íntimo do personagem, que pode ser vergonhoso para quem está expressando e remeter a uma questão de pecado e perdão. Já o processo mental “achar” apresenta algo que é pensado à consciência da pessoa, algo que está sendo refletido e expressando dúvida na intenção de que o médico possa dizer se ele é ou não homossexual.

Vemos também que, de acordo com as categorias analíticas de Fairclough (2003), não há uma mistura de gêneros textuais, sendo a piada predominantemente constituída por meio de diálogos que ajudam na narração dos fatos. Porém, notamos a intertextualidade com fatos históricos que aí incluem a menção a pessoas que foram importantes para a história mundial e que eram homossexuais. Os feitos dessas pessoas trazem mais importância para o atributo “homossexual”.

Desse modo, o rapaz homossexual apresenta uma única fala, que envolve dúvida a respeito de sua orientação sexual. Podemos pensar que, se tratando de uma piada homofóbica e com personagens fictícios, não há o interesse em demonstrar mais interações do personagem citado com o seu psicólogo, a menos que isso contribuísse para a construção do humor. Nessa perspectiva, inferimos que o possível humor também é obtido pelo silêncio do rapaz e pela humilhação feita pelo psicanalista.

---

<sup>33</sup> Segundo o que consta na Gramática Normativa da Língua Portuguesa de Lima (2011, p. 136), os sufixos diminutivos podem também expressar um valor pejorativo. É notável que o grau de inferioridade atribuído a termos que por si só já são pejorativos e ofensivos leva ainda mais os gays à margem da sociedade, como se fossem ainda menos importantes dentro de um universo de minorias.

Já o personagem que é profissional da saúde começa a sua fala com ironias para em seguida utilizar frases relacionais atributivas para caracterizar pessoas que ele considera de grande importância para a história da humanidade. Essas características não são intrínsecas, pois não são identidades determinadas. Assim, não há o mesmo sentido quando invertemos a oração e colocamos “homossexual era Nero”. O que notamos é o fato de o profissional da saúde fazer a relação de nomes importantes da história juntamente com a utilização de atributos que engrandecem os feitos dessas pessoas e dizer que todos eles eram homossexuais. Dessa forma, a utilização desses atributos, juntamente com a ênfase na orientação sexual, nos possibilita o entendimento de que a pessoa possa ser homossexual desde que ela seja alguém importante ou influente.

Nessa perspectiva, observamos que a leitura da piada exige um conhecimento sobre quem seriam as personalidades citadas e seus feitos, destacando-se nomes vinculados a guerra e império, como Napoleão e Nero. É fato que o autor da piada poderia ter usado outros exemplos no lugar dos citados, mas parece ter escolhido de maneira consciente todas as figuras históricas, pois a menção a elas envolve pensar na questão da dominação e do poder de conquista sobre um ou vários povos.

Passemos agora ao segundo dado do *corpus*.

## Texto 2

Duas bichas gaúchas, uma delas meio surda, estavam no avião indo passar as férias de verão em uma cidade na África. Logo no início da viagem, o comandante fala:

- Bom dia, senhores passageiros! Bem-vindos ao voo 506, da South African. Nosso tempo estimado de viagem é de 12 horas.

E a bicha surda pergunta:

- O que ele disse?

E a outra bicha, gritando, fala:

- QUE O VOO VAI LEVAR UMAS 12 HORAS!

- Ah, bom!

O voo continuou e o comandante novamente intervém:

- Senhores passageiros, estamos a uma altitude de 5.000 metros e nós temos sinais de turbulências. Logo daremos início ao nosso serviço de bordo.

E a bicha surda pergunta:

- O que ele disse?

- QUE O RANGO VAI SER SERVIDO JÁ JÁ!

- Ah, bom!

Já no final do voo, novamente o comandante fala:

- Senhores passageiros, já temos permissão para pousarmos na cidade de Wacka- Wacka, Timbuktu. A cidade possui cerca de 3.000 habitantes, sendo que metade deles é portador do vírus da AIDS e a outra metade tem tuberculose.

E a bicha surda pergunta:

- O que ele disse?

E a outra grita:

- QUE É PRA VOCÊ DAR A BUNDA SÓ PRA QUEM ESTIVER TOSSINDO!

Na presente piada, vemos uma mescla das três funções da linguagem propostas por Fairclough (2016). Dessa forma, observamos a função identitária quando as identidades das personagens são estabelecidas no discurso, apresentando características como surdez e a busca por sexo; há a função relacional quando há uma relação e uma troca de informações entre as personagens referidas como “bichas” a respeito dos recados do comandante para os passageiros; e há a função ideacional quando o discurso contribui para a construção do sistema de crenças e objetivos das personagens, principalmente sobre a questão de possivelmente ter o sexo como uma de suas metas.

Com base nos aspectos ideológicos de Thompson (2011), observamos a legitimação como a categoria que mais se destaca, tendo em vista a representação de personagens homossexuais que sempre se interessam pela prática sexual.

Já em relação às categorias de atores sociais de van Leeuwen (1997), notamos a categoria da impersonalização quando há a representação de duas personagens referidas como “bichas”, pois esse termo não condiz com uma identidade de gênero e não inclui características semânticas humanas. Observamos ainda a subcategoria “subjetivação” da impersonalização, pois é utilizado o atributo “gaúchos” para as personagens principais, sendo uma referência a pessoas nascidas no estado do Rio Grande do Sul. Há também a categoria de identificação física que se aplica à personagem “bicha surda”, pois esse é um atributo que ajuda o leitor a diferenciá-la da outra personagem.

Podemos ainda notar que quando os personagens são referidos como “bichas”, há a associação ao que é pejorativo e pensado como insulto, sendo um dos primeiros conceitos do termo *queer*. Assim, “bichas gaúchas” são consideradas pessoas anormais e sem legitimidade. Além disso, a identidade sem essência dessas personagens é construída em oposição à identidade do piloto, que, embora não seja possível saber se é heterossexual ou homossexual, não é apresentado como “bicha” e não usa termos pejorativos ou chulos para se comunicar.

Com relação à associação de gaúchos com a homossexualidade nas diversas piadas sobre essa comunidade, Possenti (2010, p. 44) faz a seguinte observação:

No caso dessas piadas, funciona de maneira exemplar a mais conhecida estratégia discursiva responsável pela emergência de piadas. Tal estratégia consiste em opor a um discurso público e positivo (no caso, o da propalada macheza do gaúcho), um discurso “subterrâneo”, de certa forma reprimido, contrário ao anterior (no caso, o da suposta “veadice” do gaúcho). Assim, se no discurso público - das músicas, das conversas do dia a dia, das narrativas, das trovas - se constrói e cultiva uma imagem de gaúcho macho, as piadas o representarão da forma inversa mais direta e picante: ele não será franzino ou medroso, outras tantas formas opostas à macheza, mas homossexual passivo.

Dessa forma, de tanto exaltar seu aspecto viril e masculino, o gaúcho se tornou alvo de piadas que contestam a sua masculinidade, o que levou a essa associação com a homossexualidade.

Com relação ao ponto de vista da LSF, fazemos o seguinte recorte:

E a bicha surda <b>pergunta</b> : - O que ele disse?
E a outra <b>grita</b> : - QUE É PRA VOCÊ DAR A BUNDA SÓ PRA QUEM ESTIVER TOSSINDO!

No trecho acima, as orações apresentam um processo verbal, pois se trata de uma narração na qual há uma sequência de falas. Relacionamos a isso o fato de que os processos do dizer ajudam na construção de um texto narrativo. Com relação aos conteúdos que aparecem no campo da citação no processo verbal, o foco é trazer uma pergunta feita pelo personagem surdo e um resumo do que o comandante falou feito do ponto de vista do outro personagem homossexual. Vemos a predominância do tempo presente do indicativo como forma de dar ênfase ao que acontece no momento.

Dentre as categorias analíticas propostas por Fairclough (2003), podemos observar que esse texto se constitui de uma narração, não havendo mistura de outros gêneros textuais. Isso nos mostra que o ideal da piada é apenas apresentar um momento específico que envolve a surdez de um personagem homossexual. Assim, vemos um texto humorístico que aborda um duplo preconceito: homofobia e surdez.

Com relação aos diálogos, observamos que a fala do piloto é polida e traz informações detalhadas do que está ocorrendo no voo. Em contraposição, a fala do personagem homossexual que não é surdo busca resumir o que o piloto do avião falou e é composta por gírias e palavras chulas. O diálogo desse personagem também envolve aspectos semióticos, pois é representado todo em caixa alta, recurso esse usado para mostrar que ele estava gritando para que o personagem chamado pejorativamente de “bicha surda” pudesse entendê-lo. Vemos uma questão paradoxal nesses pontos, pois o fato de gritar não vai fazer com que alguém deixe de ser surdo.

Podemos observar que boa parte da narração é constituída de relações semânticas que envolvem adição por haver em abundância a conjunção “e”. Esse recurso ajuda a dar ritmo e coerência para o que está sendo contado na piada e é muito comum em narrativas simples, pois ajudam a contar uma sucessão de fatos.

Os discursos apresentados no texto trazem informações a respeito da situação do voo e sobre a cidade onde o avião pousará. A última fala apresentada mostra uma linguagem figurada na qual a expressão “dar a bunda” substitui “transar”, e “quem estiver tossindo” substitui “habitante que tem tuberculose”. Essas escolhas lexicais possivelmente dão o tom humorístico para a piada, pois termos chulos são recursos muito utilizados para ocasionar risos nos leitores.

Notamos também uma questão de intertextualidade, já que a escolha pela cidade de destino da viagem parece não ter sido à toa, pois seria improvável que as nações dominantes e mais ricas do mundo fossem descritas como um lugar em que metade da população tem aids e a outra tem tuberculose. Assim, o autor da piada optou colocar uma cidade do oeste africano chamada Timbuktu, que fica no Mali, a cerca de 20 quilômetros do rio Níger. Essa escolha parece estar relacionada a questões de colonialidade, por fazer oposição à riqueza de países desenvolvidos, e também pela intertextualidade, por fazer menção à cidade e às prováveis características do local. Pelo fato de o continente africano ter várias nações em situação de pobreza, o autor da piada utilizou essa informação para fazer um jogo de ideias em seu texto humorístico e colocar dois tipos de situações de doença em que os personagens homossexuais encontrariam naquela localidade e tivessem que analisar a respeito de com quem transariam.

O fim da piada ainda aborda outro fator que já foi analisado antes: a compulsão por fazer sexo, o que fica estigmatizado como exclusivo do grupo de homossexuais masculinos, principalmente por enfatizar a postura passiva de uma relação sexual anal, na qual é utilizada a expressão “dar a bunda”, e também a questão do turismo sexual em nações menos desenvolvidas. Assim, as formas simbólicas, aqui sendo uma piada homofóbica, obtêm sucesso quando transmitem culturalmente que homossexuais gostam de ser tratados no feminino e que possuem vontade insaciável de praticar o ato sexual de forma passiva.

Com relação ao terceiro dado gerado, temos a seguinte piada na íntegra:

Texto3

Uma jovem bichinha gaúcha corre desesperada para o pai:

- Papi, papi, bá, eu tô com AIDS! Eu vou morrer!

E o pai, sério, falou:

- Faz o seguinte: Ingredientes: \* 2 vidros de óleo de rícino \* 1 vidro de leite de magnésio \* 1 dúzia de comprimidos de Lacto-Purga \* 2 ovos de pata \* 1 coca-cola pequena, quente \* 2 colheres de azeite de dendê. Preparo: Bata tudo no liquidificador até uniformizar a cor. Tome numa só virada.

- E isso vai me curar?

- Se vai curar, eu não sei, mas que você vai reaprender para que serve um CU, ah, isso vai!

A piada apresenta as três funções da linguagem de Fairclough (2016) com uma maior ênfase na função ideacional, pois essa última diz respeito à construção de sistemas de conhecimento e crença. Assim o texto traz a ideia da aids associada a homossexuais e de que o ânus não serve para o prazer.

Aqui vemos o poder representado na figura do pai, pois, sendo ele uma pessoa importante na vida de um filho, há uma maior influência em sua fala e em seus conselhos. Dessa forma, a escolha de um personagem ocupando essa posição enfatiza a representação de um poder social que traz ideologias aceitas como verdades.

Podemos inferir que esse pai utilizou um poderoso discurso de convencimento para que o filho tomasse uma mistura de ingredientes que lhe provocariam uma diarreia. Foi utilizado o aspecto hegemônico das relações de dominação, já que o discurso é baseado no convencimento e não na força para incutir seus ideais. Do ponto de vista dos aspectos ideológicos de Thompson (2011), temos a legitimação como processos simbólicos na fala do pai para sustentar as relações de dominação, já que ele representa uma figura poderosa que possui influência na vida de um filho.

Paralelamente, observamos também a doença aids presente em uma piada e mais especificamente sendo a comorbidade de um personagem homossexual. Não sabemos a data de criação dessa piada e os meios nos quais ela já foi veiculada, mas notamos ainda a associação da doença citada com a homossexualidade, algo que já foi disseminado fortemente nos anos 1980 e 1990. No entanto, a piada nos mostra que os resquícios desse tipo de informação ainda perduram e possivelmente ajudam a formar opiniões equivocadas e preconceituosas contra homossexuais.

Com relação às categorias de atores sociais de van Leeuwen (1997), temos a impersonalização da personagem referida como “bichinha gaúcha” quando ela é representada por meio de um atributo que se distancia de uma característica humana. Esse atributo também está relacionado ao fato de se identificar alguém pela localidade, carga semântica essa trazida pelo termo “gaúcha”. Já o personagem chamado de “pai” é apresentado por esse nome e pela categoria de identificação relacional para enfatizar o grau de parentesco com o personagem alvo do humor.

A caracterização do personagem homossexual sem um nome definido e apenas referido como “jovem bichinha” traz mais uma vez em piadas homofóbicas o uso do sufixo “-inha” como uma forma ainda mais depreciativa para o termo pejorativo “bicha”. Também vemos aqui novamente a representação regional do gaúcho e sua relação com a homossexualidade, algo que

é fortemente marcado em piadas, o que pode ser visto na expressão “bá” na fala do filho, algo que remete ao linguajar típico da Região Sul do Brasil. Percebemos, assim, o aspecto ideológico velado ao estigmatizar gaúchos como “viados”.

Vemos também a representação de um pai frio, que parece desdenhar da doença e se concentrar em indicar vários ingredientes que têm como função ocasionar uma diarreia no filho para assim ensiná-lo sobre a “verdadeira função” do ânus. Este personagem representa um homem machista que é pouco tolerante com a orientação sexual do filho.

Os dois atores sociais envolvidos na piada possuem fala, sendo que o personagem homossexual é colocado como alguém desesperado, inseguro e com dúvidas; e o personagem descrito como pai é desenvolvido como alguém irônico, por receitar uma mistura de ingredientes para ocasionar uma diarreia, e, ao mesmo tempo, raivoso, por insinuar que foi por meio de uma relação sexual passiva que o filho contraiu aids<sup>34</sup>.

O sujeito homossexual é construído como alguém inseguro, doente e frágil em oposição a concepções do que se atribui a um homem heterossexual. O homossexual, sendo relacionado ao *queer*, é o que apresenta comportamentos “estranhos” e que deve ser punido pela sua “anormalidade” com uma receita que lhe ocasionara uma grande diarreia.

Para analisarmos à luz da LSF, destacamos o seguinte fragmento:

Uma jovem bichinha gaúcha <b>corre desesperada</b> para o pai (e ela fala):
-Papi, papi, bá, eu tô com AIDS! Eu vou morrer!

Além das orações verbais que contribuem para o processo narrativo, vemos uma oração material, cujo sentido é fazer e acontecer (FUZER; CABRAL, 2014). O verbo “correr” traz uma sensação de movimento de lugar, ao mesmo tempo em que temos um estado ou uma relação entre “uma jovem bichinha gaúcha” e sua característica naquele momento, que é “desesperada”. Justificamos a utilização do parêntese no quadro acima pelo motivo de não haver de forma explícita na piada a ação do personagem logo após “correr desesperada para o pai”, ficando subentendido que ele foi conversar com seu genitor logo após a ação de se deslocar.

<sup>34</sup> Segundo o *site* do Ministério da Saúde (<http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-e-hiv>, Acesso em: 22 fev. 2021), as formas de contrair HIV são: sexo vaginal sem camisinha; sexo anal sem camisinha; sexo oral sem camisinha; uso de seringa por mais de uma pessoa; transfusão de sangue contaminado; da mãe infectada para seu filho durante a gravidez, no parto e na amamentação; e com instrumentos que furam ou cortam não esterilizados.



Observamos que, de acordo com as categorias analíticas de Fairclough (2003), há a mistura do gênero piada com o gênero receita. Esse último é utilizado como uma fórmula aconselhada pelo pai do personagem a fim de que seu filho entenda para que serve um “cu”. É possível inferir que esse gênero ajude na construção do efeito humorístico, pois o leitor da piada irá se deparar com uma mistura incomum de certos ingredientes.

Notamos também aspectos de intertextualidade presentes na piada, pois vários leitores entenderão que ingredientes como “leite de magnésio” são laxantes indicados para prisão de ventre. Dessa forma, a contribuição para o entendimento do texto humorístico é pressupor a forte evacuação que seria gerada após o personagem ingerir a mistura sugerida pelo pai. Observamos também o exagero na indicação da quantidade para o consumo, como “um vidro”, “uma dúzia”, além do comando para bater tudo em um liquidificador. Essa sequência, que pode ser entendida como um exagero do pai, demonstra o sentimento de raiva do personagem com a possível prática sexual anal do filho e a manifestação da aids.

Percebemos formas carinhosas, porém infantis, que o personagem homossexual chama o seu pai. É possível fazermos um contraste com a forma que um homem hétero seria retratado se estivesse conversando com qualquer pessoa de sua família. Assim, a escolha do termo do vocativo aponta para uma postura infantil, o que ajudaria a caracterizar uma insegurança no personagem; uma questão de intimidade e afeto entre eles até aquele momento; ou até mesmo uma escolha lexical para remeter a traços de feminilidade.

Vemos o fato de que na piada em questão, assim como em várias outras que compõem o *corpus* desta pesquisa, a aids é mencionada como uma doença que os personagens gays já possuem ou que correm o risco de adquirir. Nessa perspectiva, fazemos associação ao estigma popularizado nos anos 1980, década da descoberta da doença em questão e de sua intitulação como “peste gay”. A respeito desse termo, Varella (2011) faz o seguinte comentário:

O rótulo “peste gay” prestou grande ajuda à disseminação do HIV, porque os heterossexuais automaticamente se julgaram imunes à infecção. No início da epidemia, a Aids era considerada por quase todos uma doença exclusiva de “drogados” ou de “homossexuais promíscuos”. No final dos anos 80, encontrei várias mulheres que mantinham relações anais receptivas – a mais arriscada das práticas sexuais – confessarem que jamais tinham imaginado correr risco de adquirir o vírus.

Percebemos que este estigma não desapareceu com o passar do tempo e que não é difícil encontrarmos conteúdo humorístico que faça relação com essa ideia já considerada ultrapassada e equivocada.

Aqui temos o estigma de que a aids só é contraída pelo sexo anal e por homossexuais, pois não foi discutida ou enfatizada a maneira pela qual o jovem contraiu a doença. Assim,

vemos o reforço, mais uma vez, de que a referida doença e a homossexualidade são indissociáveis, o que contribui para a perpetuação do preconceito, já que, pelo fato de a piada introduzir um personagem com a descrição “jovem bichinha gaúcha”, traz a ideia de que a aids foi contraída pela prática sexual passiva.

Seguimos agora com a quarta piada na íntegra:

#### Texto 4

Um caminhoneiro, daqueles bem parrudos, veio em alta velocidade e bateu na traseira do fusquinha rosa, provocando um grande estrago. As bichinhas saíram loucas:

- Ah não! Meus deuses! Meu fusquinha novinho... - e virando-se para o caminhoneiro - Escuta aqui, bruto, você vai ter que pagar o estrago.

- Que pagar nada! Fica na sua! - respondeu áspero o caminhoneiro.

- Ai, vai pagar sim senhorrrii. Você bateu por trás e está erraderrimo. Vai ter que pagar.

A Karlinha ajudava:

- Isso mesmo. Eu sou testemunha. Vai pagar, seu grosso!

O caminhoneiro era irredutível:

- Não vou pagar e pronto! Sai da frente!

A bichinha motorista não se conteve e mandou que Karlinha chamasse a polícia. Karlinha foi.

Enquanto a outra ia chamar a polícia, a motorista insistia:

- Quero ver se você não vai pagar. Você vai pagar sim, senhor!

O caminhoneiro engrossou:

- Vou pagar o CACETE!

A bichinha voltou-se para Karlinha, já longe, e gritou:

- Karlinhaaaaa. Volta, volta que ele quer negociar...!

Com relação às funções de linguagem propostas por Fairclough (2016), vemos a predominância da função relacional, pois o discurso dos participantes está relacionado a relações sociais que tentam ser negociadas, como é o caso do pagamento do conserto do fusquinha rosa.

Já com relação aos aspectos ideológicos de Thompson (2011) presentes no texto, os personagens representados como homossexuais parecem estar sempre ávidos por sexo, ao mesmo tempo em que possuem posturas frágeis e não darem conta de resolver problemas como uma briga de trânsito. Esses mesmos personagens são estigmatizados como caricatos e sem postura para encarar situações sérias, o que os legitima possivelmente como pessoas fracas.

Pela construção dos personagens homossexuais, vemos a prática do poder na piada quando os leitores são levados a acharem engraçadas as situações que ridicularizam aquele grupo, pois o controle que esse tipo de texto exerce na mente de quem o lê pode contribuir para haver violência verbal ou física em relação a homens gays, travestis e transexuais.

Os próprios veículos dos personagens indicam posições de superioridade e inferioridade, pois o homem que supomos que seja heterossexual está dirigindo um “caminhão”,

que é um veículo grande. Já os personagens chamados pejorativamente de “bichinhas” estão em um “fusquinha”, um veículo menor e que talvez corresponda à inferioridade pretendida pelo autor para tais personagens.

Dessa forma, vemos a diferença de personalidades entre dois personagens homossexuais e um personagem que não é caracterizado como homossexual, o que dá ênfase à “anormalidade” do primeiro grupo, seja pela sua caracterização, seja pela sua fala, que é considerada “escandalosa”.

Analisando à luz das categorias de atores sociais de van Leeuwen (1997), vemos a funcionalização utilizada para nomear uma personagem como “caminhoneiro” por conta de sua ocupação, que é de dirigir um caminhão. As outras personagens principais são impersonalizadas como “bichinhas” no início da piada. No entanto, logo o texto apresenta o nome de uma delas como Karlinha, talvez como intenção de causar humor por haver a referência a nomes no feminino. A funcionalização depois é atribuída à outra personagem, já que ela é nomeada como “bichinha motorista”.

Notamos, no entanto, que parece haver uma confusão de identidade de gênero pelo autor da piada, pois, se a intenção dele era representar dois homens gays, a referência se torna equivocada, pois as personagens se referem entre si no feminino, o que é mais plausível serem consideradas transexuais. Contudo, devemos observar que quem criou a piada possivelmente não tem conhecimento sobre essas diferenças ou simplesmente não está se importando a quem está se referindo.

A seguir, analisamos um fragmento da piada do ponto de vista da LSF:

A bichinha motorista **não se conteve** e (ela) **mandou** que Karlinha chamasse a polícia.

Vemos na primeira oração destacada o processo mental “conteve”, o que indica uma reação psicológica da personagem “bichinha motorista” diante da resistência do caminhoneiro em pagar o conserto do fusquinha rosa. Esse processo demonstra o fluxo de consciência do experienciador ao se indignar com o fato mencionado. A polaridade negativa junto com esse processo mental nos traz a ideia de que a personagem decidiu enfrentar e seguir em frente, contrariando a atitude de ficar quieta e passiva diante da situação. O tempo verbal no pretérito perfeito indica uma ação concluída, como se uma terceira pessoa estivesse contando o fato.

A segunda oração representa um processo verbal por meio do verbo “mandar”, sendo este o processo que predomina na piada. O receptor é a Karlinha, pois a mensagem é direcionada

a ela, e o relato é o conteúdo do dizer atribuído a essa personagem. Destacamos, assim, que a piada apresenta discursos diretos das personagens, o que contribui para que o leitor conheça um pouco da personalidade delas e da carga dramática contida nas falas.

De acordo com as categorias analíticas propostas por Fairclough (2003), observamos diversos aspectos da categoria “estilos”. Observamos essas ocorrências quando homossexuais são retratados utilizando um linguajar que os coloca em posição de inferioridade, principalmente quando chamam de “bruto” um outro personagem que apresenta traços de um homem heterossexual masculinizado. Assim, inferimos que se um personagem chama o outro de “bruto”, então este é o “sensível” e “frágil” do contexto, havendo uma oposição clara entre brutalidade e feminilidade.

Não é incomum que os personagens que interagem com os homossexuais utilizem um discurso mais frio e direto, indicando a sua pouca tolerância e seu sentimento de superioridade, como nos trechos “Que pagar nada! Fica na sua!” e “Não vou pagar e pronto! Sai da frente!”. Ocorre também que em alguns casos na fala do personagem heterossexual haja uma ambiguidade, sendo uma das interpretações voltadas para o sentido sexual. Esse sentido sempre coloca o heterossexual como o possível ativo de uma provável relação sexual, assim como mostra a excitação do personagem homossexual, que sempre está pronto para se relacionar sexualmente de maneira passiva.

Chama a nossa atenção o verbo “engrossar” como uma escolha lexical que substitui expressões como “falar de uma maneira ríspida”. Possivelmente a escolha tenha sido colocada para fazer uma alusão a uma excitação do órgão sexual masculino, já que a frase que se segue contém o termo “cacete”, que é um termo chulo utilizado para se referir ao pênis.

O personagem caminhoneiro diz que não vai pagar o conserto do carro quando utiliza a expressão “vou pagar o cacete”. A frase apresenta uma polaridade negativa, embora não tenha palavras que apresentem circunstâncias negativas, como “não” e “nunca”. No entanto, o possível humor que a piada traz é fazer a referência da palavra “cacete” com o órgão genital masculino, despertando, assim, o interesse dos personagens homossexuais.

Abrimos um parêntese para contextualizar a escolha do termo “cacete” para se referir ao órgão genital masculino. Segundo o Dicionário Etimológico:

O significado original em português de cacete é *um pau com uma ponta mais fina que a outra*. Também pode significar um tipo de bastão. Por exemplo, uma cacetada é levar pancada com um bastão ou algo parecido. Outra origem possível para cacete é o *francês* casse-tête, que significa bastão, ou, literalmente, quebra-cabeças.

Por haver essa associação da imagem de um pedaço de pau com a forma do órgão genital masculino, a palavra “cacete” ganhou essa conotação. Além disso, o termo é usado às vezes como um palavrão no sentido de exprimir sentimentos como raiva ou irritação.

Observamos também a utilização de pontos de exclamação como forma de demonstrar espanto, surpresa ou raiva na fala dos personagens, bem como a utilização de reticências que dão a impressão de que a fala terminou e os pensamentos dos personagens continuem e/ou estão subentendidos.

Vemos também a prolongação da consoante “r” na palavra “senhor”, o que indica uma forte ênfase no comando que a personagem dá ao caminhoneiro a fim de obrigá-lo a reparar o dano causado em seu veículo. Observamos o prolongamento da vogal “a” no nome da personagem “Karlina”, o que nos possibilita entender que a personagem que a chama quer garantir que foi escutada. É possível inferirmos que todas essas prolongações de vogais e consoantes estejam associadas como o atributo “loucas”, o que nos traz a ideia de que se relaciona com feminilidades exacerbadas em seus atos e suas falas.

O superlativo na palavra “errado” intensifica o que a situação representa para a personagem, bem como diz algo de sua personalidade, já que podemos inferir que um personagem heterossexual não iria se comportar dessa maneira.

A piada ainda nos apresenta a ideia geral de que uma pessoa, que é parruda e, muito provavelmente, que pode ter um corpo mais forte, não assume estar errado por ter batido o caminhão na parte traseira do fusca, que é descrito como tendo a cor rosa, remetendo ao feminino<sup>35</sup>, e discutindo com dois personagens descritos pejorativamente como “bichinhas”. Notamos, então, o contraste entre o parrudo e as “bichinhas”, o caminhão e o fusquinha rosa, no qual o primeiro elemento se encaixa dentro de um conceito heteronormativo padrão. Por talvez não considerar as personagens homossexuais como uma ameaça, o caminhoneiro fala que não irá pagar o conserto do fusquinha e as manda sair da frente. O que observamos aqui é que homossexuais são representados como pessoas que não são respeitadas e que não possuem poder de fala, já que as suas frases são representadas com palavras no diminutivo e um certo

---

<sup>35</sup> Segundo Hancock (2014), em 1918 as revistas de moda infantil americana enfatizavam que rosa seria uma cor a ser usada por meninos, já que seria uma cor “forte e decidida”, e o azul seria para meninas, pois era uma cor “mais delicada e amável”. Porém, por uma questão de preferência ou convenção arbitrária, o rosa acabou se tornando uma cor que remete ao feminino, sendo algo que não encontra argumentos no campo da genética ou de ancestralidade que justifique tais fatos.

drama. Para padrões de fala considerados como “cultos”<sup>36</sup> ou que expressem a fala de um homem hétero, a interlocução pode soar como escandalosa, dramática e insegura, em contraposição à fala do caminhoneiro, que soa como curta e grossa, quase isenta de sentimentos. Assim, a piada reforça um padrão de comportamento hétero em oposição a um comportamento de personagens transexuais.

Apresentamos a seguir a quinta piada do *corpus*:

Texto 5

### **A bicha despeitada**

O negão está fazendo um xixi num banheiro público quando chega a bichinha, observa o seu bilau e exclama:

- Noooooossa! O seu cacete parece uma chaminé!
- No tamanho ou na grossura?
- Não, na sujeira!

Notamos, em primeiro lugar, que o título da piada traz a palavra “despeitada”, que pode significar ressentimento ou que alguém está magoado. Porém, o que podemos entender da relação desse título com a piada em si talvez seja o sentimento de inveja do personagem referido pejorativamente como “bichinha” em relação ao tamanho do órgão genital do personagem nomeado como “negão”, já que há um tipo de ofensa racista na última fala que nos mostra a intenção de inferiorizar o objeto da mágoa.

Dentre as funções de linguagem de Fairclough (2016), há um maior destaque para a função relacional, pois é por meio dela que as relações sociais são discutidas e até mesmo enfatizadas, como traz o atributo “disputada” no título.

Do ponto de vista ideológico, a piada reproduz a crença de que homossexuais são invasivos quanto à intimidade e o órgão genital de homens heterossexuais em banheiros públicos. Da mesma forma, vemos que a escolha lexical para caracterizar o órgão sexual de um homem negro reproduz questões racistas que continuam enraizadas no cotidiano brasileiro.

Podemos inferir ainda que há a legitimação dos aspectos ideológicos de Thompson (2011) quando o personagem homossexual atribui ao órgão genital do homem negro a palavra “sujeira”, pois essa relação é apresentada como legítima para que ocorra o efeito humorístico pretendido. Associada a isso está a construção de um poder que influencia leitores a acharem

---

<sup>36</sup> Sobre as chamadas normas de utilização correta da língua descritas na gramática, Lima (2011, p. 38) justifica que “fundamentam-se as regras da gramática normativa nas obras dos grandes escritores, em cuja linguagem as classes ilustradas põem o seu ideal de perfeição, porque nela é que se espelha o que o uso idiomático estabilizou e consagrou”.

comentários racistas como engraçados, proporcionando, assim, a continuidade das ofensas sem que elas sejam encaradas de imediato como agressivas.

Bernd (1994) comenta que a discriminação racial parte do princípio de que existem raças inferiores, delimitando assim os espaços e acessos. No entanto, não há nenhuma fundamentação científica que indique uma superioridade ou inferioridade de alguma raça. Esse tipo de pensamento ainda persiste por conta de que algumas pessoas acreditam no conceito de “pureza de raça”, disseminando a ideia de que a mistura provoca a degeneração das raças, algo que é inválido cientificamente falando, segundo Bernd (1994, p. 11).

Tais marcas, como a homofobia e o racismo<sup>37</sup>, ainda são presentes no cotidiano brasileiro, sendo possível encontrar piadas que façam humor e zombaria em relação a esses grupos. Os sentidos ideológicos presentes na piada ajudam a renovar e manter contínuos aspectos que contribuem para a submissão de homossexuais e negros a um grupo dominante que não se identifica com essas características.

Com relação às categorias de atores sociais de van Leeuwen (1997), vemos a impessoalização no personagem nomeado como “bichinha”, o que traz a possível intenção de representar alguém que é homossexual por meio de uma qualidade negativa, e um personagem chamado de “negão”, nome que traz a identificação física da cor da pele como forma de nomear um personagem, embora possa haver outras intenções por trás disso.

Além disso, a referida piada traz um caso de duplo preconceito, pois apresenta a junção de homofobia e racismo. Notamos logo de início que o personagem é referido como “negão”, um substantivo que sinaliza que, além de representar alguém com cor de pele negra, indica um corpo grande, bem como pode inferir o tamanho de sua genitália. Ainda a respeito desse termo, Rodrigues (2020, p. 276) comenta que existe “o mito e estereótipo do homem negro, sua virilidade e sua potencialidade enquanto negão comedor e saciador”. Em contraponto, é comum a utilização do grau diminutivo para representar os homossexuais masculinos, que são referidos, na maioria das vezes, como “bichinha”.

Outro fator a ser observado é o aumentativo usado em “negão” em contraste com o diminutivo usado em “bichinha”, que nos possibilita entender que, dentre dois grupos que sofrem discriminação, o homossexual é o que possui mais atributos para ser inferiorizado.

O texto humorístico apresenta discursos diretos como forma de o leitor entender a carga dramática dos personagens, principalmente daquele que é “despeitado”, como descreve o título

---

<sup>37</sup> Bernd (1994, p. 11) define racismo como “a teoria que sustenta a superioridade de certas raças em relação a outras, preconizando ou não a segregação racial ou até mesmo a extinção de determinadas minorias.”

da piada. Vemos também o prolongamento de vogais como forma de demonstrar surpresa, ao mesmo tempo em que marca um tipo de personalidade atribuída a homossexuais que possuem um jeito diferente e característico de fala. As exclamações da fala contribuem para uma entonação de surpresa, mas depois adquirem uma característica de ênfase a uma postura preconceituosa da personagem “bichinha”.

Percebemos a categoria analítica “avaliação” descrita por Fairclough (2003) quando o personagem homossexual compara o órgão genital do personagem “negão” com uma chaminé e depois faz um juízo de valor utilizando a palavra “sujeira”. Assim, constatamos que o primeiro personagem, além de apresentar uma despeita, ainda atribuiu um termo que pode ser encarado como racista, já que o próprio texto deixa claro que é um personagem de cor de pele negra.

Quando o personagem negro, que não se mostra incomodado, pergunta se o personagem homossexual fez uma comparação de seu órgão sexual com uma chaminé por conta dos atributos físicos como tamanho ou grossura, a resposta vem em forma de outra comparação inesperada, que tem como intenção causar o riso, mas traz uma forte conotação racista. O fato de o personagem gay dizer que a genitália do homem negro é comparável a uma chaminé por conta da sujeira possibilita a interpretação de que a cor negra da pele do homem é uma cor suja, reforçando a ideia preconceituosa de que pessoas de pele negra mantêm hábitos de limpeza inferiores.

Seguimos com a sexta piada na íntegra:

Texto 6

### **A Traveca Estuprada**

De madrugada no centro da cidade a traveca é assaltada e estuprada por quatro fortões embriagados. Depois de ser violentada, ela vai até a delegacia e relata o ocorrido, contando os detalhes:

- Além de levarem tudo que eu tinha, os tarados usaram e abusaram de mim a noite toda! Cada um com o negócio maior do que o outro! Me arrombaram, me arregaçaram... Eu tô que não posso andar!
- Tá bom, boneca... - responde o delegado - Eu vou trancafiar os elementos!
- Ótimo, Doutor! E eu exijo a reconstituição do crime!

Não bastasse encontrarmos piadas que usam doenças como a aids ou que sejam racistas, salientamos também a existência de conteúdos humorísticos que abordem o tema “estupro”. Assim, podemos inferir que a pessoa que criou a piada relacionou a vida de uma travesti profissional do sexo com o próprio ato sexual em si, sendo coisas indissociáveis, na visão dele, e aceitas sob quaisquer circunstâncias, seja por consentimento ou não.



De acordo com as funções da linguagem descritas por Fairclough (2016), há a predominância da função relacional, principalmente no desfecho da piada, pois a personagem “traveca” tenta negociar uma reconstituição do crime de estupro.

Percebemos o aspecto ideológico da dissimulação, conforme preconiza Thompson (2011), pois o texto propõe desviar ou dissimular o assunto do estupro quando coloca a personagem “traveca” pedindo a reconstituição do crime. Dessa forma, o texto tenta trazer um efeito humorístico, apesar de incluir um tema sério e que constitui crime, como é o caso do sexo forçado e sem consentimento. Podemos também inferir que existe o aspecto da legitimação, pois a narração da referida piada nos leva a não ter empatia com uma travesti, mesmo sendo um personagem fictício que acabou de ser estuprado. Assim, o texto influencia o leitor a minimizar o estupro, o que também pode ser entendido como uma questão de poder que exerce controle na mente das pessoas.

A mensagem que a piada parece transmitir é que travestis podem e devem ser punidas com estupro<sup>38</sup>, pois, embora seja um castigo, no final elas poderão gostar do ato sexual sem consentimento. Outra possível interpretação a ser feita é que grupos minoritários devem ser castigados com métodos desumanos, pois eles não são dignos de estar em sociedade nem de possuir os mesmos direitos. Logo, essas mesmas pessoas não possuem poder para acusar seus agressores e, se os acusarem, não serão levadas a sério pelas autoridades. A própria fala do delegado traz um desdém para com a travesti quando ele se refere a ela como “boneca”.

O fato de a travesti narrar o fato como se fosse um conto erótico<sup>39</sup> e logo depois pedir a reconstituição do crime traz o estereótipo de que esse grupo busca o sexo em quaisquer condições, até mesmo a de violência, e isso acaba legitimando o pensamento de que não há problemas em estuprar uma travesti, pois, no final, elas não irão reclamar.

De acordo com as categorias de atores sociais de van Leeuwen (1997), notamos a categoria identificação física para nomear os quatro personagens que cometeram atos de violência e estupro. Dessa forma, é desviada a atenção do leitor para o fato de que esses personagens cometeram crimes quando a piada os nomeia com atributos físicos. Assim, vemos

---

<sup>38</sup> Foi acrescido no Código Penal pela Lei nº 13.718, mais especificamente no artigo 226, IV, B, o crime de estupro corretivo, que tem como objetivo controlar o comportamento social ou sexual da vítima. Segundo o *site* do Governo de Mato Grosso (POLÍCIA..., 2019), “essa violência sexual é cometida contra vítimas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros, sob pretexto de ‘curar’ a homossexualidade”.

<sup>39</sup> Segundo Markis (2018), “os contos eróticos são escritos em inúmeras categorias com histórias variadas. São narrativas em que o autor ou autora desenrolam com criatividade, situações e fetiches diferentes que podem liberar no leitor desejos ocultos com os quais ele se identifica (sic). Fantasias sexuais que jamais saberia ter, se não tivesse lido na história. São histórias que permitem com que o leitor encontre autoafirmação de suas preferências, novas formas de prazer e a descoberta daquelas coisas que gostaria de experimentar na cama”.

que os estupradores são referidos como “quatro fortões embriagados”, “tarados” e “elementos”, não havendo qualquer nomeação deles como “estupradores”. Isso pode significar que o aspecto mais importante, para o autor da piada, é o da virilidade e não o do ato criminoso dos quatro personagens.

Percebemos também que as escolhas lexicais para fazer referência aos agressores os distancia do fato de serem estupradores e, quem sabe, de serem pessoas que sentem atração por travestis, pois há o estigma de quem faz sexo com outros homens de forma ativa não é lembrado ou relacionado como possível homossexual. Silva (2018, p. 103) comenta que “em algumas culturas, a exemplo da brasileira, no papel de penetrador sexual, mesmo que direcione o desejo para o gênero masculino, esse sujeito preserva a sua dominação hierárquica, isto é, não deixa de pertencer à categoria dos machos”. Observamos também que o estupro é usado como um tipo de punição para a travesti, ao mesmo tempo que possibilitava prazer aos estupradores.

Já a personagem nomeada como “traveca” apresenta a categoria “personalização”, pois esse nome possui um significado que inclui uma característica humana que se relaciona com uma identidade de gênero. Notamos também a utilização do sufixo “-eca” como forma de inferiorizar uma personagem que é travesti. Quanto à representação dessa personagem, observamos a retratação da realidade de muitas pessoas que fazem parte desse grupo: a prostituição de madrugada no centro da cidade e as agressões físicas sofridas por elas nas mãos de clientes ou da polícia. O fato se coaduna com a representação de um grupo que vive em um dos países que mais mata travestis.

Chamamos a atenção para o seguinte trecho no qual fazemos uma análise do ponto de vista da LSF:

De madrugada no centro da cidade a traveca é assaltada e estuprada por quatro fortões embriagados

A análise acima nos mostra uma estrutura passiva da oração, sendo o participante com o nome pejorativo de “traveca” ocupando um lugar chamado de Meta, pois sua relação semântica indica quem recebeu o impacto da ação. Assim, o fato de haver uma oração construída na voz passiva coloca o foco na personagem travesti e não na ação de violência dos estupradores. Como há dois processos materiais ligados por um elemento textual aditivo, o ator somente aparece na segunda oração. O uso do tempo verbal presente do indicativo nos traz a ideia de uma narração descrita em um inquérito policial.

A piada apresenta o discurso direto dos principais personagens apresentados, sendo que podemos entender mais detalhes sobre o estupro e sobre a atitude que será tomada. O “humor” se consolida por meio da fala direta da personagem “traveca”, que exige a reconstituição do crime, uma vez que a fala não possuiria o mesmo efeito se fosse construída por meio de um discurso indireto. Assim, a fala direta da personagem traz um sentimento próprio dela, além de causar o fator surpresa da piada.

A narração do texto humorístico apresenta frases que indicam tempo para situar o leitor quando houve o estupro e também o momento em que a personagem “traveca” vai à delegacia fazer a ocorrência. As demais orações usam predominantemente a conjunção aditiva “e” e “além de” com a finalidade de ir contando os fatos em ordem cronológica e também por apresentar uma narração simples.

A primeira fala da personagem “traveca” é emblemática, pois, em um primeiro momento, ela parece utilizar um discurso como relato para apresentar uma queixa à polícia. No entanto, após a sua segunda fala, podemos perceber que as declarações feitas por ela parecem ter um juízo de valor positivo por parecer demonstrar o prazer de ter passado por uma situação de estupro, fato esse corroborado por sua última fala na piada.

De acordo com a categoria “estilos” de Fairclough (2003), os termos “usaram e abusaram” indicam que os estupradores cometeram o estupro diversas vezes, o que se infere que estava prazeroso e divertido para eles. A travesti usa a palavra “negócio” para se referir à genitália masculina e em seguida descreve detalhes que nos fazem deduzir que ela tenha ficado satisfeita pelo prazer sentido no ato sexual, embora a própria piada diz ter se tratado de um estupro.

Os verbos usados de forma metafórica, que são “arrombaram” e “arregaçaram”, possibilitam e reforçam a impressão de que o estupro foi violento e incontrolável, mas também depreciam a imagem da vítima, levando o leitor a imaginar como pode ter ficado a situação do corpo da personagem após o estupro. Na última frase da primeira fala da travesti, a expressão “tô que” reforça a ideia de que o seu andar foi comprometido após o estupro, indicando também a tentativa repetida de tentar andar normalmente.

O uso do ponto de exclamação na fala da personagem revela um aspecto dramático narrado por ela, podendo também ser entendido como falas de satisfação, já que na última fala apresentada na piada, a personagem pede a reconstituição do crime, o que causa o efeito surpresa e o “humor”.

Analisamos agora com a sétima piada:

## Texto 7

**3 Motivos Para Seu Filho Ser Gay**

Todos na rua diziam que o Joãozinho era gay! Entretanto seu pai não concordava com isso e decidiu levá-lo a um psicólogo para desvendar o mistério.

- Doutor, estou com um problema sério! É que todos na rua estão encarnando no meu filho e chamando ele de GAY!! Mas o garoto não aparenta nenhum traço de viadice!!

- Bem, para esclarecermos essa história, vou fazer 3 perguntas a seu filho para saber se ele é baitola ou não, ok?

O pai e o garoto concordaram.

- Primeira pergunta: qual é o número que você mais gosta, menino?

O pai pensando consigo mesmo: “não fala 24, pelo amor de Deus...”.

O menino responde:

- 11.

- Segunda pergunta: qual a verdura que você mais gosta?

Novamente o pai suplica consigo mesmo: “pelo amor de Deus não me fale ‘cenoura’ nem ‘pimentão’”.

O menino responde:

- Chuchu.

- Terceira pergunta: qual o animal que você mais gosta?

O pai pensa consigo mesmo: “só falta essa pergunta, não vá me decepcionar falando ‘veado’, heein!?!?”

O garoto responde:

- Jacaré.

O pai aliviado e contente com seu filho foi surpreendido pelo doutor que, levantando-se de sua mesa, já com o resultado da enquete, afirma para o pai:

- SEU FILHO REALMENTE É GAY!!

O pai indignado responde:

- Mas ele não falou “24”, nem “pimentão”, “cenoura” ou coisa assim, e nem falou “veado”!!

Então como ele pode ser Gay??!!

- Simples: 11 (UM ATRÁS DO OUTRO...); CHUCHU (DÁ O ANO INTEIRO...);

JACARÉ (SE DEFENDE COM O RABO...). Então seu filho, sem dúvida alguma, é Gay!!

De acordo com as funções da linguagem descritas por Fairclough (2016), vemos a função relacional quando as relações sociais dos participantes do discurso são negociadas por meio de perguntas e respostas. Há também a função ideacional quando vemos que o modo pelo qual o texto significa o mundo é diferente para o pai e para o psicólogo, o que possivelmente ocasiona o humor homofóbico pretendido.

Observamos que essa piada é mais um tipo de texto que tem como um de seus objetivos indicar tipos de comportamentos que são tidos como exclusivos de homossexuais e que homens héteros não devem ter. De início, vemos o pensamento de que apenas um psicólogo é que vai dizer se o garoto é gay ou não, parecendo não ter importância a fala do próprio paciente a respeito do assunto. Aqui associamos à vida real, quando muitos pais descobrem a respeito da homossexualidade do(a) filho(a) e procuram a ajuda de um profissional da área da saúde para encontrar uma possível solução para o “problema”.

O fato de “todos na rua” dizerem que Joãozinho é gay pode também ser entendido como um juízo de valor, um atributo que significa algo ruim, inferior ou indesejável. A piada se desenrola com a tentativa de o pai não acreditar ou tentar curar aquilo que ele considera como ruim na personalidade do filho. Assim, o pretendido efeito humorístico acontece com a frustração do pai ao ser confirmado tudo aquilo que esse personagem estava repudiando.

O “todos na rua” também pode ser um tipo de aspecto ideológico de legitimação de Thompson (2011), pois tenta mostrar uma opinião que é um consenso dos moradores daquele lugar, justificando assim o *bullying* contra Joãozinho.

As atitudes e o desespero do pai mostram a todo instante que é vergonhoso ter um filho gay, além de consolidar aspectos ideológicos com a finalidade de garantir a inferiorização contínua dos indivíduos que possuem uma orientação sexual diferente.

A piada não nos informa quais são os “traços de viadice” que Joãozinho apresenta para ser caracterizado e “zombado” como um gay. No entanto, os elementos descritos pela fala do garoto e alternados pelos pensamentos do pai levam o leitor a construir uma imagem “anormal” e/ou contrária ao que seriam os gostos de um homem heterossexual, conforme preconizado por uma sociedade machista. Assim, vemos que existe um desenvolvimento de uma identidade sexual, no caso do gay, como efeito de um pensamento homofóbico.

Observando as categorias de atores sociais de van Leeuwen (1997), vemos a assimilação no nome “todos”, tendo em vista o realce de um grupo estar de acordo com algo, sendo, nesse caso, o fato de Joãozinho ser chamado de gay. Não fica claro quem são essas pessoas, se adultos ou crianças, homens e mulheres, quais as suas ocupações etc. Em contraposição, há a categoria “determinação” quando existe um personagem que recebe um nome comum. Observamos também que o nome desse personagem está na forma diminutiva, o que pode tanto significar uma maneira carinhosa como ele é conhecido, quanto uma maneira de inferiorizá-lo. É possível também que haja o costume de usar o nome Joãozinho em piadas, sendo um personagem caricato na literatura infantil.

Destacamos um fragmento para analisarmos, do ponto de vista da LSF, como situações foram construídas na piada:

Entretanto seu pai não **concordava** com isso e **decidiu** levá-lo a um psicólogo para desvendar o mistério.

O foco da análise é o modo como o pai encara o fato de o filho ser chamado de gay por todos na rua. A percepção do pai é realizada por meio do processo mental desiderativo. Porém

existe um elemento interpessoal que faz a negação dessa percepção, o que nos mostra que o pai não aceitava o que se falava sobre o seu filho. O uso do pretérito imperfeito traz a ideia de uma situação inacabada ou que não faz mais parte do que é atual. Porém, no processo mental com o verbo “decidir” vemos um tempo no pretérito perfeito, o que indica algo acabado e que foi levado a sério pelo pai do garoto.

Ainda no texto em questão, identificamos um hibridismo de gênero com a existência do gênero consulta médica, pois perguntas são feitas a um paciente por um psicólogo para que ao final esse profissional dê um diagnóstico sobre uma possível enfermidade.

Observamos o discurso direto da fala do pai de Joãozinho revelando uma grande preocupação sobre a orientação sexual de seu filho. Essa preocupação é expressa de modo direto tanto pela fala quanto pelo pensamento do pai, fato esse que ajuda na construção do pretendido efeito humorístico. Há a utilização de gírias como “encarnando”, tendo o significado de “provocando” ou fazendo “*bullying*” com o filho dele, bem como o sufixo “-ice” no termo pejorativo “viado”, que sugere a qualidade ou estado de algo (LIMA, 2011, p. 36), apontando que o filho “estaria viado” naquele momento. Vemos também a fala do psicólogo por meio do discurso direto, o que contribui para a carga dramática, ao mesmo tempo que dá o possível tom de humor da piada. As falas do personagem Joãozinho são apenas para responder às perguntas, o que nos mostra uma possível passividade ou medo na personalidade dele.

As respostas dadas pelo garoto nos levam a pensar em contextos diferentes dos interpretados pelo psicólogo, pois não vemos associação com o universo homossexual masculino. No entanto, a conclusão do profissional de saúde cria um tipo de intertextualidade associada com cada elemento, sendo o número 11 e os termos “chuchu” e “jacaré”, criando, assim, um duplo sentido que é relacionado à forma sexual passiva. Antes disso, ainda vemos outros tipos de elementos intertextuais na fala do pai, quando ele pensa no número 24<sup>40</sup> e nas palavras “veado”, “cenoura” e “pimenta”. A carga semântica trazida por essas palavras e pelo tal número adquire um sentido homofóbico quando usadas em um contexto que se refere aos homens homossexuais.

---

<sup>40</sup> A associação do número 24 com o público homossexual masculino tem origem no jogo do bicho, que é um jogo de azar muito popular no Brasil, embora seja considerado proibido. A polêmica numeração corresponde ao animal “veado” no referido jogo. De acordo com Faustino (2017), há a observação que “os veados costumam ter relações sexuais entre animais do mesmo sexo. Logo surgiu a ‘comparação’. Contudo não é exclusividade dessa raça as relações homossexuais, vários animais possuem comportamento afetivo (sic)”. A comparação com o animal deu origem ao xingamento “viado”, trocando-se a letra “e” pela letra “i”, como forma de ofender homossexuais masculinos, gerando também repulsa ao número 24 a ponto de que muitos homens levam tão a sério essa questão que acabam evitando tudo em sua vida que tenha a ver com o número, como por exemplo dizer a sua idade ou o dia em que nasceu.

Considerando as relações semântico-gramaticais entre sentenças e orações, conforme preconiza Fairclough (2003), a piada apresenta conjunções coordenadas adversativas para expressar a opinião do pai de Joãozinho, que discordava que o filho fosse gay. Essa conjunção volta a ser usada no final da piada com a mesma finalidade do início, que é a de discordar sobre a orientação sexual do garoto.

As falas do pai são construídas com pontos de exclamação, o que indica um certo drama no que ele está expressando. O uso de dois pontos de exclamação dá um maior destaque e acentua ainda mais a preocupação desse personagem a respeito da orientação sexual do filho. Observamos outros recursos utilizados para trazer mais drama e chamar a atenção do leitor, como a utilização em caixa alta de algumas palavras ou frases. Assim, notamos que essas expressões são as que indicam um cunho homofóbico da piada e que também podem ser um recurso para expressar um grito ou uma exaltação da voz, sendo que, na última fala, o psicólogo indica termos para que fiquem claros e compreendidos pelo pai de Joãozinho.

Para finalizarmos a análise, apresentamos na íntegra a última piada gerada:

#### Texto 8

Ia um ônibus de turismo com 40 bichas loucas a cantar e a desmunhecar, quando caiu no despenhadeiro. A única bicha a escapar do acidente, traumatizada, resolveu mudar radicalmente de vida. Entrou para um mosteiro e a vida que tinha era rezar pela alma de suas 39 "amigas", para que fossem perdoadas e alcançassem o céu. Um dia, já bem velhinho, o arrependido, à beira da morte, estava na capela a orar quando viu uma nuvem cor-de-rosa se aproximando dele. Levantou os olhos e divisou as outras 39 bichas saltitantes, de asas, batendo palmas e gritando em coro:

- Não era pecado, não era pecado...

Com relação às funções de linguagem descritas por Fairclough (2003), notamos o modo como as identidades são estabelecidas no discurso com a função identitária para as personagens “bichas”, que cantam e desmunhecam, e para o personagem “velhinho”, que se torna um sobrevivente que se recolhe em um mosteiro. Observamos também o aspecto ideacional pela forma como o texto significa o mundo, já que um dos personagens deixou de ser tratado no feminino por conta de sua mudança de vida.

Com expressões como “a vida que tem” e “o arrependido”, o autor da piada faz juízo de valor com relação ao personagem sobrevivente de um acidente, já que podemos inferir que a vida que ele estava levando era monótona e sem outros grandes objetivos. Esse fato se corrobora com a fala dos personagens “bichas saltitantes”, que falam que “não era pecado” com a

finalidade de confirmar que foi desnecessária a atitude do personagem sobrevivente de entrar em um mosteiro.

Essa piada traz implícita a dualidade homossexualidade versus religiões, sendo essa última uma instituição dominante que detém o poder e mantém o discurso a respeito da abominação e condenação ao inferno com relação aos homossexuais. A ideia inicial traz a homossexualidade como pecado e a conversão do único homossexual sobrevivente de um acidente na tentativa de ser perdoado.

A piada faz uma brincadeira com a condenação dos homossexuais ao inferno feita por religiões, sendo o temor de muitas pessoas desse grupo que se consideram religiosas, principalmente as que estão “no armário”. O que temos aqui é o humor feito com uma forma de controle e dominação, que é a abominação da homossexualidade em uma piada homofóbica.

Novamente temos em uma piada a categoria da impersonalização, segundo os aspectos de atores sociais em van Leeuwen (1997), pois os personagens homossexuais são nomeados como “bichas”, sendo uma qualidade atribuída por meio de uma abstração.

Vemos a representação de homossexuais como “bichas loucas a cantar e a desmunhecar”. A chamada “bicha louca” pode ser aquela personagem que se expressa com o corpo e com a voz sem se importar com padrões ou normas comportamentais. O “desmunhecar” pode estar relacionado aos gestos considerados exclusivamente femininos, bem como representar a delicadeza e a postura “desarmada”, algo incompatível com uma postura masculinizada. Já o comportamento “saltitante” pode ser uma referência ao animal veado, que sabemos que é associado à homossexualidade. Silva (2018, p. 112) comenta que o homossexual é referido no Brasil como alguém que “dá bandeira”, termo esse associado à exposição pública, seja por conta da feminilidade de alguns gays ou pelos maneirismos. Esse grupo por vezes contraria o princípio de que não se deve causar escândalo ou perturbação; se ele atrai a atenção alheia para si, ele fere o dever que o homem tem de não “ser uma mulher”. A exagerada feminilidade dos gays, até pouco comum nas mulheres, traz um tipo de incerteza e desconforto na essência masculina, o que não agrada às sociedades machistas (SILVA, 2018, p. 112).

Percebemos que o personagem sobrevivente muda de postura após o trauma e entra para um mosteiro a fim de rezar pela alma das 39 “bichinhas” que morreram no acidente. Notamos que após essa mudança, o personagem começa a ser referido como “ele” e não mais como “bicha”, possibilitando o entendimento de que ele “voltou” a ser um homem “normal” após se tornar religioso. A piada toda apresenta uma narração, não havendo uma fala direta do personagem sobrevivente para relatar algo de sua nova vida.



Por fim, temos a representação de uma nuvem com a cor rosa, uma clara referência ao feminino, pois assim que é estigmatizada essa cor, e também o que faz indicar a presença das almas das 39 “bichas” que morreram no acidente e que agora viraram anjos.

Selecionamos o fragmento abaixo como forma de analisar uma parte da piada sob o ponto de vista do sistema de transitividade da LSF:

A única bicha a escapar do acidente, traumatizada, **resolveu mudar** radicalmente de vida

Analisamos o fragmento em questão por conta do momento da piada em que há um processo mental desiderativo que exprime a vontade do experienciador em resolver mudar radicalmente de vida. Esse processo projeta o seu complemento em forma de uma oração que é chamada de oração projetada. O verbo no pretérito perfeito nos mostra uma ação acabada, apresentando toda a piada como um conto que aconteceu há algum tempo.

De acordo com as categorias analíticas de Fairclough (2003), vemos nesse texto humorístico uma intertextualidade não tão explícita, mas que é referenciada a passagens bíblicas e sobre a postura de diversas religiões com relação à homossexualidade, já que, de acordo com o que consta na Bíblia Sagrada cristã, um homem que se deita com outro terá cometido uma “abominação”. A partir desse entendimento, ficará mais fácil compreender o desfecho da piada, quando os personagens chamados pejorativamente de “bichas” gritam que “não era pecado”, pois assim o leitor entenderá que a homossexualidade não é condenável por constatar que os personagens morreram e depois voltaram para avisar sobre esse fato.

Observamos relações semânticas que marcam tempo, como em “um dia, já bem velhinho”, termos esses que situam o leitor com relação ao tempo decorrido. Há a predominância do tempo passado perfeito como forma de narrar a sequência de acontecimentos e o uso específico do pretérito imperfeito na única fala direta apresentada na piada. A expressão “não era pecado” indica que o fato de ser homossexual é uma identidade que não tem um fim definido e por isso há o uso do pretérito imperfeito como um tempo verbal que indica uma ação não concluída. Então o pecado de ser homossexual seria uma atitude sem um fim, fato esse que é contrariado pela polaridade negativa “não”. Dessa forma, a piada encerra a questão do pecado com relação à homossexualidade, já que se infere que os personagens que morreram não foram para o inferno.

O estilo de aspecto linguístico mais marcante na piada é o discurso direto. Nele, vemos a repetição de uma mesma frase, recurso esse que pode ser visto como uma ênfase ou reforço de uma ideia. Os personagens chamados pejorativamente de “39 bichas saltitantes” querem

expressar sua alegria por, possivelmente, não terem ido para o inferno e/ou mencionar, de forma indireta, que o personagem sobrevivente não aproveitou a vida que tinha antes e entrou para um mosteiro para se salvar de algo que ele descobre depois que não o condenaria.

Após a análise do *corpus*, seguimos com a próxima seção para responder aos objetivos propostos neste estudo.

## 4.2 Respondendo aos objetivos de pesquisa

Seguimos com esta seção com o propósito de responder aos objetivos aos quais retomamos a seguir:

- a) Identificar a manutenção/transformação dos discursos relacionados à homofobia nas materializações textuais de piadas;
- b) Verificar como as relações de poder e ideologia são (re) construídas e (re) formuladas na articulação de discursos nos textos humorísticos;
- c) Analisar como a comunidade LGBTI+ é representada em textos humorísticos como as piadas.

Observamos, assim, que a manutenção/transformação dos discursos relacionados à homofobia acontece quando personagens homossexuais representados no gênero textual piada são usados como suporte para a construção do humor. Vários aspectos da vida real são descritos de uma forma exagerada, possibilitando associá-los ao riso pela intenção que a piada tem de inferiorizá-los. Em algumas piadas, há a mistura de gêneros como, por exemplo, a receita, na provável intenção de mostrar o quão “anormal” é a homossexualidade sob diversos pontos de vista.

O discurso de personagens homossexuais masculinos é construído com base em dúvidas sobre sua orientação sexual, pela exagerada feminilização, ou pela busca compulsiva por sexo.

Observamos que há predominantemente a escolha por uma ordem direta dos constituintes da frase, sendo sujeito, verbo e complemento, pois essa organização facilita o entendimento e possibilita a fluidez do texto, já que a piada é um texto curto que não exige um raciocínio mais elaborado.

As escolhas lexicais dizem muito dos textos, seja pelo uso de termos pejorativos como “viado” e “bicha”, ou pela utilização de palavras no diminutivo que possuem um sentido de inferiorização.

Como também vimos, há piadas que, além de zombar dos homossexuais masculinos, trazem regras que definem quem é ou não heterossexual. Os atores sociais das piadas geralmente não são nomeados, havendo a preferência de se utilizar o termo “bichinha” como forma de generalizar o grupo homossexual masculino. Quando os atores recebem nomes, geralmente há a ideia de dúvida com relação à homossexualidade do personagem ou de que são personagens travestis ou transexuais.

Assim, nas piadas homofóbicas há a manutenção/transformação de discursos que inferiorizam o grupo homossexual masculino quando se zomba da característica que é considerada exagerada, seja de comportamento ou de identidade desse grupo. Toda a construção do texto é feita de forma depreciativa com o intuito de perpetuar o riso, mantendo a comunidade LGBTI+, de uma forma geral, longe das instituições de poder e à margem da sociedade. Tem-se como consequência disso a violência física e verbal contra essa minoria.

Com relação ao segundo objetivo específico, as relações de poder e ideologia são (re) construídas e (re) formuladas na articulação de discursos nos textos como as piadas quando há o reforço da ideia de que os homossexuais estão à margem da sociedade e que é o lugar de onde não deveriam sair. Por enfatizar a compulsão por fazer sexo, a piada intensifica que homossexuais estão distantes do modelo patriarcal e do equilíbrio familiar, pois apresentam características que destoam da essência dos modelos que são aceitos pela sociedade. Toda essa construção feita nos textos humorísticos serve para reforçar o preconceito contra os homossexuais. Assim, o leitor encontra sempre uma associação considerada negativa ao grupo mencionado: o linguajar chulo, o forte estigma de que a aids ainda é associada à homossexualidade, os trejeitos e o comportamento, dentre outros. Como essas características estão descritas em uma piada, cujo objetivo é zombar algo, alguém ou um grupo, as relações de poder e dominação cumprem o objetivo de formar uma imagem negativa de homossexuais masculinos, travestis e transexuais.

A ideologia se faz presente nas piadas de uma forma contida quando lemos que a cor rosa é uma cor exclusivamente associada ao feminino e que a livre expressão sexual deve ser evitada. Quando há a liberdade de certas maneiras de se expressar, as formas de poder perdem o seu controle e a sua dominação sobre grupos minoritários. Por isso, vemos textos como as piadas homofóbicas fazendo zombaria com comportamentos e características dos homossexuais.

Por fim, quanto ao terceiro objetivo específico proposto, os homens gays, as travestis e as transexuais são representados nos textos humorísticos estando em posições desvalorizadas,

o que pode ser feito com falas tímidas ou com uma exagerada feminilização. No entanto, a representação mais significativa é o nome pelo qual esse grupo é referido: “viadinho de merda”, “viado”, “bichinha”, “traveco” etc. Todos esses termos trazem uma carga semântica negativa que ao mesmo tempo remete ao deboche e à inferiorização daquele grupo.

Ressaltamos novamente a utilização de nomes e adjetivos no feminino para representar os homossexuais masculinos, possibilitando, assim, a associação com o frágil e se distanciando do padrão masculinizado de ser. Consequentemente, os homens homossexuais são referidos como algo inferior.

Em muitas piadas vemos também a representação de gaúchos como gays, o que é uma forma de provocar esse grupo pelo fato de eles exaltarem em músicas e poemas a sua bravura e masculinidade.

De uma forma geral, os espaços que os gays ocupam acabam se tornando motivos e ambientes propícios para a elaboração de uma piada, tendo em vista que, como os próprios textos humorísticos narram e descrevem, esse grupo se expressa mais em seu linguajar e em seu comportamento. Por esse motivo, a liberdade comportamental e, quem sabe, sexual parecem incomodar as instituições de poder, que buscam sempre cercear as liberdades que possam representar algum perigo para a sua perpetuação no poder.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação surgiu da inquietação que tive sobre a construção do humor homofóbico, que tem como objetivo desprezar e inferiorizar a comunidade LGBTI+, ou, como vimos, o grupo de homens gays, travestis e transexuais. Por se tratar de um trabalho da área da linguística, foi essencial que minha orientadora e eu analisássemos os aspectos linguístico-discursivos utilizados na construção das piadas homofóbicas, bem como identificássemos aspectos de poder, ideologia e hegemonia contidos nos textos em questão. Isso somente foi possível com o aporte teórico da Análise de Discurso Crítica (ADC) de linha inglesa desenvolvida por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003, 2016) para abrir os nossos olhos quanto às transformações sociais contidas nas práticas discursivas e nas práticas sociais nas quais textos como as piadas homofóbicas circulam.

Dessa forma, buscamos no primeiro capítulo nos familiarizar com o conceito de humor e riso seguindo as ideias de Bergson (1983) e Freud (1987, 1995 e 1996), e perceber como o discurso humorístico homofóbico é construído e a sua razão de existir. Investigamos como os gêneros apresentam padrões sociocomunicativos característicos, como as piadas, assim como também investigamos como a mídia possui um papel importante na disseminação de informações que atendam às necessidades das instituições de poder. Contextualizamos similarmente um breve histórico da relação de uma sociedade patriarcal e heteronormativa com a homossexualidade, da mesma forma como mencionamos a influência das religiões e da ciência na discriminação da comunidade LGBTI+.

No segundo capítulo, abordamos várias teorias que nos auxiliaram na análise dos dados contidos no último capítulo. Assim foi essencial trazermos a teoria da ADC como proposta nuclear para investigarmos as transformações sociais e nos atentarmos às teorias que se unem a ela, como as questões de poder, ideologia, hegemonia, identidades e a Linguística Sistêmico-Funcional.

No terceiro capítulo focamos mostrar a transparência e seriedade deste estudo ao descrevermos o percurso metodológico, que também tem a ADC como um método nuclear, na geração de dados, assim como as reflexões, critérios e obstáculos que surgiram durante todo o desenvolvimento deste trabalho. Dessa forma, foi importante trazermos a abordagem da pesquisa qualitativa por ela possibilitar aprofundar as questões sociais com relação à discriminação da comunidade LGBTI+ e nos ajudar a refletir sobre os conteúdos de maior impacto nas 8 piadas geradas para compor o *corpus* deste estudo.

No quarto e último capítulo, observamos resultados que foram importantes para o entendimento a respeito da construção das piadas homofóbicas. Como o objetivo principal deste trabalho é analisar as relações intratextuais e os discursos que fomentam a discriminação da comunidade LGBTI+ no gênero piada, percebemos nas 8 piadas geradas nos *sites* Portal do Humor e Piadas Engraçadas! elementos que nos ajudaram a responder aos objetivos específicos propostos na elaboração desta dissertação.

Assim, fomos buscar nas funções da linguagem de Fairclough (2016) as formas que coexistem e interagem entre si no discurso, sendo elas as identidades, as relações sociais e os modos pelos quais os textos significam o mundo. Esses aspectos trazem esclarecimentos sobre como as personagens foram colocadas para agir sobre o mundo. Foi preciso também analisarmos as piadas sob os cinco modos gerais de operação de aspectos ideológicos de Thompson (2011) para entendermos como se estabelecem as relações de dominação nos dados gerados. Com a representação de atores sociais de van Leeuwen (1997), entendemos um pouco mais como são representados os personagens homossexuais e o que pode levar a possíveis interpretações equivocadas que os leitores fazem da comunidade LGBTI+ como um todo.

Do ponto de vista da Linguística Sistêmico-Funcional, entendemos sobre as escolhas feitas pelos autores das piadas com relação a aspectos gramaticais que ajudam a descrever as necessidades sociais e pessoais do funcionamento da língua. Por fim, por se tratar de um estudo que tem a ADC como teoria nuclear, foi essencial analisarmos as piadas de acordo com as categorias analíticas propostas por Fairclough (2003) como importante instrumento na análise textual sobre intertextualidade, relações semântico-gramaticais e estilos escolhidos na construção de piadas que podem estar contribuindo para a disseminação do preconceito.

Com relação aos três objetivos específicos propostos, na questão de identificarmos a manutenção/transformação dos discursos relacionados à homofobia nas materializações textuais de piadas, vimos que as escolhas lexicais são um dos principais pontos a serem considerados nos textos humorísticos, pois elas ajudam no processo de construção da inferiorização do grupo de homens gays, travestis e transexuais. Assim, o que se diz ou o que se caracteriza possibilita edificar e perpetuar a zombaria com o referido grupo.

Em relação a verificarmos sobre como as relações de poder são (re) construídas e (re) formuladas na articulação de discursos nos textos humorísticos, notamos que toda a construção do humor homofóbico está ligada aos aspectos ideológicos que reforçam que o lugar dos homossexuais é à margem da sociedade, sem direitos e sem liberdade de se expressarem, inclusive sexualmente.

Por último, na intenção de analisarmos como a comunidade LGBTI+ é representada em textos humorísticos como as piadas, vemos que os personagens que representam esse grupo estão sempre em posição desvalorizada ou sem equilíbrio emocional. Com isso, as piadas constroem uma imagem negativa e de zombaria a respeito dos homossexuais.

Diante do que foi exposto, percebemos a importância de se analisar os textos humorísticos que têm a homofobia como a sua principal abordagem, pois não se trata apenas de uma “brincadeira” ou um texto criado para se fazer rir, mas sim da perpetuação do preconceito contra a comunidade LGBTI+ e uma ligação para atos de violência física e verbal, já que estão implícitos vários aspectos ideológicos que reforçam preconceitos contra esse grupo. Dessa maneira, é importante discutir a construção e disseminação desses tipos de textos como forma de conscientizar a sociedade brasileira a respeito da violência que ainda persiste contra os homossexuais.

A análise crítica das piadas homofóbicas discutida no presente trabalho pode ser relevante para se discutir em sala de aula, palestras nos ambientes de trabalho ou até mesmo em vídeos de influenciadores digitais, com o intuito de sensibilizar as pessoas sobre o impacto de se criar humor e rir de pessoas que se encontram em desvantagem social, como é o caso da comunidade LGBTI+. Quanto mais conscientes as pessoas estiverem dos reais fatos sobre o que gera e perpetua a homofobia, melhor será para os homossexuais poderem se expressar e ter uma vida mais digna e de respeito.

Por fim, temos também neste trabalho o objetivo de elaborar mais um importante estudo que debate a homofobia na sociedade brasileira e também incentivar a continuidade das reflexões que abordam o preconceito contra a comunidade LGBTI+. Dessa forma, não temos a intenção de esgotar o assunto nesta dissertação, mas sim incentivar outros debates acerca da homofobia presente em textos humorísticos, bem como em memes, charges e quaisquer outros meios onde ela exista.

## REFERÊNCIAS

- ADAMI, Anna. Memes. *InfoEscola*. [2020]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>. Acesso em: 12 ago. 2020.
- ALBERTI, Verena. *O riso e o risível: na história do pensamento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. Michael Foucault e a teoria do poder. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 105-110, out. 1995.
- ANA CAROLINA. *8 estórias*. Rio de Janeiro: Sony Music, 2009. Disponível em: <https://www.deezer.com/br/album/373758>. Acesso em: 9 mar. 2022.
- BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco de Moraes. Discurso de ódio homo-transfóbico vs liberdade de expressão: é o direito moderno capaz de incluir a pauta da diversidade? In: RAMOS, Marcelo Maciel; NICOLI, Pedro Augusto Gravatá; ALKMIN, Gabriela Campos (org.). *Gênero, sexualidade e direitos humanos: perspectivas multidisciplinares*. Belo Horizonte: Initia Via, 2017. p. 29-41.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 39-63.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Tradução de Judith Chambliss Hoffnagel. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- BERND, Zilá. *Racismo e anti-racismo*. São Paulo: Moderna, 1994.
- BHASKAR, Roy. *A realist theory of science*. London and New York: Routledge, 2008.
- BÍBLIA Sagrada. 210. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2017.



BORRILLO, Daniel. Novos rostos da homofobia e direitos LGBTs alternativos. Tradução de Caio Benevides Pedra. In: RAMOS, Marcelo Maciel; NICOLI, Pedro Augusto Gravata; ALKMIN, Gabriela Campos (org.). *Gênero, sexualidade e direitos humanos: perspectivas multidisciplinares*. Belo Horizonte: Initia Via, 2017. p. 13-21.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição [da] República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acesso em: 10 maio 2021.

BRASIL. *Projeto de Lei da Câmara nº 122 de 2006*. Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, dá nova redação ao §3º do art. 140 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, e ao art. 5º da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e dá outras providências. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=3584077&ts=1594021254558&disposition=inline>. Acesso em: 18 ago. 2020.

BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 21, p. 71-96, jan./jun. 1996.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPOS, Lorraine Vilela. O que são Fake News? *Brasil Escola*. [2019]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/o-que-sao-fake-news.htm>. Acesso em: 13 nov. 2019.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade: a era da informação*. Tradução de Klaus Brandini Gerhardt. 9. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. v. 2

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University, 1999.

COSTA, Cláudia C. Nunes da *et al.* Precisamos falar sobre bissexualidade. *Carta Capital*, 30 set. 2020, 10:30. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/lado/precisamos-falar-sobre-bissexualidade/>. Acesso em: 5 abr. 2021.

CRUZ, Darllam. 4 fatos que você deveria saber sobre a bissexualidade. *Super Interessante*, 29 maio 2017, 17:20. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/superlistas/4-fatos-que-voce-deveria-saber-sobre-a-bissexualidade/>. Acesso em: 19 ago. 2020.

CYSNE, Diogo. Congresso Nacional. *InfoEscola*, [2021]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/politica/congresso-nacional/>. Acesso em: 19 jan. 2021.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna (org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens*. Tradução de Sandra Rejane Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/>. Acesso em: 1º jun. 2022.

DISTRITO FEDERAL. Lei Orgânica do Distrito Federal. *Diário Oficial do Distrito Federal*, nº 116. Brasília, DF, p. 1, 9 jun. 1993. Disponível em <http://www.fazenda.df.gov.br/aplicacoes/legislacao/legislacao/TelaSaidaDocumento.cfm?txtNumero=0&txtAno=0&txtTipo=290&txtParte=>. Acesso em: 18 ago. 2020.

ESCOLA Equipe Brasil. Internet. *Brasil Escola*. [2021]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/informatica/internet.htm>. Acesso em: 1º fev. 2021.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse*. Textual analysis for social research. Londres/ Nova York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. 2. ed. Brasília: EdUnB, 2016.

FAUSTINO, Emílio. Mas afinal, por que 24 é considerado um número gay? *Observatorio G*, 2017. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2017/02/mas-afinal-por-que-24-e-considerado-um-numero-gay>. Acesso em: 18 ago. 2020.

FLICK, Uwe. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009b.

FLICK, Uwe. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009c.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos (1900)*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 4).

FREUD, Sigmund. *O ego e o ide outros trabalhos (1923-1925)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 19.)

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 21.)

FREUD, Sigmund. *Os chistes e a sua relação com o inconsciente (1905)*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 8).

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 244-270.

GOOGLE. Disponível em: <https://www.google.com.br/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

GOUVEIA, Carlos A. M. *Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional*. Revista Matraca, v. 16, n. 24. Rio de Janeiro, jan/jun 2009, p. 13-47.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. v. 1.

GRUDA, Mateus Pranzetti. P. *O discurso do humor politicamente incorreto no mundo contemporâneo*. 2015. 181 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2015.

GRUPO GAY DA BAHIA. *Relatórios anuais de mortes LGBTI+*. [2021]. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. Language structure and language function. In: LYONS, J. *New horizons in linguistics*. Harmondsworth: Penguin Books, 1970. p. 140-165.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4th ed. London and New York: Routledge, 2014.

HANCOCK, Jaime Rubio. Por que rosa é de menina e azul é de menino? *El País*, 18 nov. 2014, 16:07. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/18/ciencia/1416328918\\_518343.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/18/ciencia/1416328918_518343.html). Acesso em: 22 fev. 2021.

HMC, Pedro. LGBTQQICAPF2K+ é a nova sigla da comunidade LGBT segundo alguns ativistas do Reino Unido. *Poe na Roda*, 5 fev. 2018. Disponível em <https://poenaroda.com.br/diversidade/direitos/lgbtqicapf2k-e-a-nova-sigla-da-comunidade-lgbt-segundo-alguns-ativistas-do-reino-unido/>. Acesso em: 10 mar. 2022.

HMC, Pedro. *Um livro para ser entendido*. São Paulo: Planeta, 2016.

JOHNNY HOOKER part. LINIKER. *Flutua*. São Paulo: gravadora independente, 2017. Disponível em: <https://www.deezer.com/br/album/44731281>. Acesso em: 10 mar. 2022.

KULICK, Don. Lésbicas sem humor. *Dilemas*, v. 1, n. 1, p. 11-34, 2008. Tradução de Natasha Neri. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7133/5714>. Acesso em: 19 ago. 2020.

LA TAILLE, Yves de. *Humor e tristeza: o direito de rir*. Campinas, SP: Papyrus, 2014.

LEGIÃO URBANA. *Meninos e meninas*. Rio de Janeiro: Emi Music Brasil, 1989. Disponível em: <https://www.deezer.com/br/album/334196>. Acesso em: 12 mar. 2022.

LEITE, Hellen. Que T é esse? *Correio Braziliense*, Brasília, 2019. Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/transsexual-travesti-drag-queen-qual-e-a-diferenca>. Acesso em: 22 jan. 2021.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.

MAGALHÃES, Izabel. Introdução: a análise de discurso crítica. *DELTA*, São Paulo, v. 21, n. spe, 2005, p. 1-9. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=0102-445020050003&script=sci\\_issuetoc](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=0102-445020050003&script=sci_issuetoc). Acesso em: 15 jan. 2021.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André R.; RESENDE, Viviane. *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MARASCIULO, Maria. O que significam as letras da sigla LGBTQI+? *Revista Galileu*, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/03/o-que-significam-letras-da-sigla-lgbtqi.html>. Acesso em: 18 ago. 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARKIS, Sibila. Descubra o prazer em ler contos eróticos em 8 dicas. *SuperEla*, 14 maio 2018. Disponível em: <https://superela.com/prazer-em-ler-contos-eroticos>. Acesso em: 16 abr. 2022.

MASON, Jennifer. *Qualitative researching*. 2nd edition. London: Sage, 2002.

MAZZUOLI, Valério de Oliveira. *Curso de direitos humanos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Editora Método, 2018.

MC XUXU. Liberdade. 2018. Disponível em: <https://www.deezer.com/br/album/55443102>. Acesso em: 25 mar. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *O que é HIV*. [2021]. Disponível em <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-e-hiv>. Acesso em: 22 fev. 2021.

MINUANO, Carlos. Brasil é o país que mais mata pessoas trans; 175 foram assassinadas em 2020. *Universa Uol*, 29 jan. 2021, 10:07. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/01/29/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-175-foram-assassinadas-em-2020.htm>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MORAIS, Pamela. Orgulho LGBT: o que isso quer dizer? *Politize*, 28 jun. 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/orgulho-lgbt/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática funcional: interação, discurso e texto*. São Paulo: Contexto, 2018.

OKSALA, Johanna. *Como ler Foucault*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ONU. Assembleia Geral das Nações Unidas. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. 10 dez. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 18 ago. 2020.

OS VIGARISTAS. Disponível em <https://www.osvigaristas.com.br/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

PÁRAMO, Pablo; OTÁLVARO, Gabriel. Investigación alternativa: por una distinción entre posturas epistemológicas y no entre métodos. *Cinta de moebio*, v. 25, 2006. Disponível em: <https://cintademoebio.uchile.cl/index.php/CDM/article/download/25953/27266/0>. Acesso em: 30 jul. 2019.

PEIXOTO, Juliana. Sobre o riso em Aristóteles. *Revista Argumentos*, Fortaleza, ano 6, n. 12, p. 104-113, jul./dez. 2014.

PIADAS ENGRAÇADAS! Disponível em <https://www.piadasnet.com/piadas-de-bichas.htm>. Acesso em: 3 ago. 2019.

PIADAS.COM.BR. Disponível em: <https://www.piadas.com.br/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

PLATÃO. *Filebo* (20-?). Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000033.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2021.

POLÍCIA Civil prende suspeito de estuprar gay para “curar” homossexualidade. *Notícias MT*, 29 jan. 2019, 16:57. Disponível em: <http://www.mt.gov.br/-/11190440-policia-civil-prende-suspeito-de-estuprar-gay-para-curar-homossexualidade>. Acesso em: 23 fev. 2021.

PORTAL DO HUMOR. Disponível em <http://www.portaldohumor.com.br/cont/categ/3/Piadas-de-Bichas.html/1/pagina-1.html>. Acesso em: 3 ago. 2019.

POSSENTI, Sírio. *Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2018.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

POSSENTI, Sírio. O humor e a língua. *Ciência hoje*, v. 30, n. 176, p. 72-74, out. 2001.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

RAHIER, Jean. Mãe, o que será que o negro quer? Representações racistas na revista *Vistazo*, 1957-1991. *Revista estudos afro-asiáticos*, Universidade Cândido Mendes, ano 23, n. 1, p. 5-28, 2001.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

REIS, T. (org.). *Manual de Comunicação LGBTI+*. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

RODRIGUES, Walter Hugo de Souza. Desmitificando a sensualidade naturalizada do ébano: um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro. *Cadernos de gênero e tecnologia*. Curitiba, v. 13, n. 41. p. 267-284, jan./jun. 2020. Disponível em <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/download/9281/6949>. Acesso em: 21 fev. 2021.

ROSSINI, Maria Clara. O que foi a Rebelião de Stonewall? *Super Abril*, 29 jun. 2020. Disponível em <https://super.abril.com.br/historia/o-que-foi-a-rebeliao-de-stonewall/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS (SEDH). *Plano nacional de promoção da cidadania e direitos humanos de LGBT*. Disponível em

<http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/direitos-sexuais-e-reprodutivos/direitos-lgbtt/planolgbt.pdf/view>. Acesso em: 15 fev. 2021.

SIGNIFICADOS. Disponível em: <https://www.significados.com.br/>. Acesso em: 13 nov. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

SILVA, Valdeci Gonçalves da. *Preconceito sexual (homofobia) no Brasil e em Portugal: uma visão transcultural de alunos de Psicologia*. Curitiba: Appris, 2018.

SKINNER, Quentin. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares*. Tradução de Heci Regina Candiani. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. *Institucional*. [2021]. Disponível em <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verTexto.asp?servico=sobreStfConhecaStfInstitucional>. Acesso em: 2 abr. 2021.

TELES, Paulo. *Universo da família homossexual e a união de afetos*. São Paulo: SRS Editora, 2011.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Tradução do Grupo de Estudos sobre ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. Tradução de Judith Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

VAN LEEUWEN, Theo. A representação dos atores sociais. *In*: PEDRO, Emília Ribeiro (org.). *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997. p. 169-222.

VAN LEEUWEN, Theo. *Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis*. Oxford University Press: New York, 2008.

VARELLA, Drauzio. Aids feminina. *Drauzio Uol*, 18 abr. 2011. Disponível em <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/aids-feminina-artigo/#:~:text=O%20r%C3%B3tulo%20%E2%80%9Cpeste%20gay%E2%80%9D%20presto u,ou%20de%20%E2%80%9Chomossexuais%20prom%C3%ADscuos%E2%80%9D>. Acesso em: 15 fev. 2021.

VIDARTE, Paco. *Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ*. Tradução de Maria Selenir Nunes dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2019.

WODAK, Ruth. What CDA is about - a summary of its history, important concepts and its developments. *In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. Methods of critical discourse analysis*. London: Sage, 2001. p. 1-13.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 7-72.



**ANEXO A - PIADA 01**

No psicanalista, o rapaz confessa:

- Doutor, eu acho que sou homossexual.

- Quem? Você? De jeito nenhum. Veja só: o sanguinário Nero era homossexual, o inesquecível Rock Hudson era homossexual, o magnífico Napoleão Bonaparte era homossexual, o talentoso Oscar Wild era homossexual. Mas você? Você não. Você não passa de um viadinho de merda.

(Fonte: <https://www.piadasnet.com/piada190bichas.htm>. Acesso em: 27 jan. 2021)

**ANEXO B - PIADA 02**

Duas bichas gaúchas, uma delas meio surda, estavam no avião indo passar as férias de verão em uma cidade na África. Logo no início da viagem, o comandante fala:

- Bom dia, senhores passageiros! Bem-vindos ao voo 506, da South African. Nosso tempo estimado de viagem é de 12 horas.

E a bicha surda pergunta:

- O que ele disse?

E a outra bicha, gritando, fala:

- QUE O VOO VAI LEVAR UMAS 12 HORAS!

- Ah, bom!

O voo continuou e o comandante novamente intervém:

- Senhores passageiros, estamos a uma altitude de 5.000 metros e nós temos sinais de turbulências. Logo daremos início ao nosso serviço de bordo.

E a bicha surda pergunta:

- O que ele disse?

- QUE O RANGO VAI SER SERVIDO JÁ JÁ!

- Ah, bom!

Já no final do voo, novamente o comandante fala:

- Senhores passageiros, já temos permissão para pousarmos na cidade de Wacka- Wacka, Timbuktu. A cidade possui cerca de 3.000 habitantes, sendo que metade deles é portador do vírus da AIDS e a outra metade tem tuberculose.

E a bicha surda pergunta:

- O que ele disse?

E a outra grita:

- QUE É PRA VOCÊ DAR A BUNDA SÓ PRA QUEM ESTIVER TOSSINDO!

(Fonte: <https://www.piadasnet.com/piada191bichas.htm>. Acesso em: 27 jan. 2021)

**ANEXO C - PIADA 03**

Uma jovem bichinha gaúcha corre desesperada para o pai:

- Papi, papi, bá, eu tô com AIDS! Eu vou morrer!

E o pai, sério, falou:

- Faz o seguinte: Ingredientes: \* 2 vidros de óleo de rícino \* 1 vidro de leite de magnésio \* 1 dúzia de comprimidos de Lacto-Purga \* 2 ovos de pata \* 1 coca-cola pequena, quente \* 2 colheres de azeite de dendê. Preparo: Bata tudo no liquidificador até uniformizar a cor. Tome numa só virada.

- E isso vai me curar?

- Se vai curar, eu não sei, mas que você vai reaprender para que serve um CU, ah, isso vai!

(Fonte: <https://www.piadasnet.com/piada189bichas.htm>. Acesso em: 27 jan. 2021)

**ANEXO D - PIADA 04**

Um caminhoneiro, daqueles bem parrudos, veio em alta velocidade e bateu na traseira do fusquinha rosa, provocando um grande estrago. As bichinhas saíram loucas:

- Ah não! Meus deuses! Meu fusquinha novinho... - e virando-se para o caminhoneiro -

Escuta aqui, bruto, você vai ter que pagar o estrago.

- Que pagar nada! Fica na sua! - respondeu áspero o caminhoneiro.

- Ai, vai pagar sim senhorrrii. Você bateu por trás e está erradérrimo. Vai ter que pagar.

A Karlinha ajudava:

- Isso mesmo. Eu sou testemunha. Vai pagar, seu grosso!

O caminhoneiro era irredutível:

- Não vou pagar e pronto! Sai da frente!

A bichinha motorista não se conteve e mandou que Karlinha chamasse a polícia. Karlinha foi.

Enquanto a outra ia chamar a polícia, a motorista insistia:

- Quero ver se você não vai pagar. Você vai pagar sim, senhor!

O caminhoneiro engrossou:

- Vou pagar o CACETE!

A bichinha voltou-se para Karlinha, já longe, e gritou:

- Karlinhaaaaa. Volta, volta que ele quer negociar...!

(Fonte: <https://www.piadasnet.com/piada209bichas.htm>. Acesso em: 27 jan. 2021)

**ANEXO E - PIADA 05****A bicha despeitada**

O negão está fazendo um xixi num banheiro público quando chega a bichinha, observa o seu bilau e exclama:

- Noooooossa! O seu cacete parece uma chaminé!
- No tamanho ou na grossura?
- Não, na sujeira!

(Fonte: <https://www.portaldohumor.com.br/cont/piadas/584/a-bicha-despeitada.html>. Acesso em: 27 jan. 2021)

## ANEXO F - PIADA 06

### A Traveca Estuprada

De madrugada no centro da cidade a traveca é assaltada e estuprada por quatro fôrões embriagados. Depois de ser violentada, ela vai até a delegacia e relata o ocorrido, contando os detalhes:

- Além de levarem tudo que eu tinha, os tarados usaram e abusaram de mim a noite toda! Cada um com o negócio maior do que o outro! Me arrombaram, me arregaçaram... Eu tô que não posso andar!
- Tá bom, boneca... - responde o delegado - Eu vou trancafiar os elementos!
- Ótimo, Doutor! E eu exijo a reconstituição do crime!

(Fonte: <https://www.portaldohumor.com.br/cont/piadas/967/A-Traveca-Estuprada.html>. Acesso em: 27 jan. 2021)

## ANEXO G - PIADA 07

### 3 Motivos Para Seu Filho Ser Gay

Todos na rua diziam que o Joãozinho era gay! Entretanto seu pai não concordava com isso e decidiu levá-lo a um psicólogo para desvendar o mistério.

- Doutor, estou com um problema sério! É que todos na rua estão encarnando no meu filho e chamando ele de GAY!! Mas o garoto não aparenta nenhum traço de viadice!!

- Bem, para esclarecermos essa história, vou fazer 3 perguntas a seu filho para saber se ele é baitola ou não, ok?

O pai e o garoto concordaram.

- Primeira pergunta: qual é o número que você mais gosta, menino?

O pai pensando consigo mesmo: “não fala 24, pelo amor de Deus...”.

O menino responde:

- 11.

- Segunda pergunta: qual a verdura que você mais gosta?

Novamente o pai suplica consigo mesmo: “pelo amor de Deus não me fale ‘cenoura’ nem ‘pimentão’”.

O menino responde:

- Chuchu.

- Terceira pergunta: qual o animal que você mais gosta?

O pai pensa consigo mesmo: “só falta essa pergunta, não vá me decepcionar falando ‘veado’, heein!?!?”

O garoto responde:

- Jacaré.

O pai aliviado e contente com seu filho foi surpreendido pelo doutor que, levantando-se de sua mesa, já com o resultado da enquete, afirma para o pai:

- SEU FILHO REALMENTE É GAY!!

O pai indignado responde:

- Mas ele não falou “24”, nem “pimentão”, “cenoura” ou coisa assim, e nem falou “veado”!! Então como ele pode ser Gay??!!

- Simples: 11 ( UM ATRÁS DO OUTRO...); CHUCHU ( DÁ O ANO INTEIRO...);

JACARÉ (SE DEFENDE COM O RABO...). Então seu filho, sem dúvida alguma, é Gay!!

(Fonte: <https://www.portaldohumor.com.br/cont/piadas/1776/3-Motivos-Para-Seu-Filho-Ser-Gay.html> Acesso em: 27 jan. 2021)

**ANEXO H - PIADA 08**

Ia um ônibus de turismo com 40 bichas loucas a cantar e a desmunhecar, quando caiu no despenhadeiro. A única bicha a escapar do acidente, traumatizada, resolveu mudar radicalmente de vida. Entrou para um mosteiro e a vida que tinha era rezar pela alma de suas 39 "amigas", para que fossem perdoadas e alcançassem o céu. Um dia, já bem velhinho, o arrependido, à beira da morte, estava na capela a orar quando viu uma nuvem cor-de-rosa se aproximando dele. Levantou os olhos e divisou as outras 39 bichas saltitantes, de asas, batendo palmas e gritando em coro:

- Não era pecado, não era pecado...

(Fonte: <https://www.piadasnet.com/piada201bichas.htm>. Acesso em: 27 jan. 2021)